



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTES, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA (PPGHIS)**

**O FESTIVAL INTERCOLEGIAL DE PEÇAS CURTAS:
MEMÓRIA DO TEATRO DE FOZ DO IGUAÇU**

LUIZ HENRIQUE DIAS DA SILVA

Foz do Iguaçu
2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTES, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA (PPGHIS)**

**O FESTIVAL INTERCOLEGIAL DE PEÇAS CURTAS:
MEMÓRIA DO TEATRO DE FOZ DO IGUAÇU**

LUIZ HENRIQUE DIAS DA SILVA

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^a. PhD Rosangela de Jesus Silva

Foz do Iguaçu
2024

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

S586f

Silva, Luiz Henrique Dias da.

O Festival Intercolegial de Peças Curtas: memória do Teatro de Foz do Iguaçu / Luiz Henrique Dias da Silva. - Foz do Iguaçu, 2024.

133 fls.: il.

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Artes, Cultura e História, Programa de Pós-Graduação em História.

Orientador: Rosângela de Jesus Silva.

1. Festivais de teatro - Foz do Iguaçu. 2. Civilização - História. 3. Documentos arquivísticos. I. Silva, Rosângela de Jesus. II. Título.

CDU 792.01(816.2)

LUIZ HENRIQUE DIAS DA SILVA

**MEMÓRIA DO TEATRO DE FOZ DO IGUAÇU:
O FESTIVAL INTERCOLEGIAL DE PEÇAS CURTAS**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. PhD Rosângela de Jesus Silva
UNILA

Prof^ª. Dra. Angelene Lazzareti
UNILA

Prof. Dr. Pedro Afonso Cristovão dos Santos
UNILA

Foz do Iguaçu, 14 de junho de 2024.

Dedico este trabalho a todos que acreditam na Justiça Social e na Universidade Pública.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao pessoal lá de casa: minha mãe, meu pai, Ana, Lucas, dona Terezinha, minhas irmãs e meus pets.

Ao povo do teatro, em especial ao Beto Virgínio.

À banca examinadora, por suas valiosas e generosas contribuições nas aulas e na qualificação.

À minha orientadora, que esteve ao meu lado e me motivou nos momentos complexos do ofício.

Aos meus motivadores e às minhas motivadoras, em especial Edson Thomas, Rafael Giorgetti, Joane Vilela, Roldy Julien, Larissa Miranda, Quênio Caetano, Marcelo Freire, Roberto Medina, Guilherme Cardim, Milton Tomba, Tayanne Carvalho e Marcelo Arruda, que me viu entrar no mestrado mas, por conta do ódio, não está comigo agora para comemorar.

*“Agora eu quero ir
Pra me reconhecer de volta
Pra me reaprender e me apreender de novo”
(Ana Caetano / Tiago Iorc)*

SILVA, Luiz Henrique Dias da. **O Festival Intercolegial de Peças Curtas: Memória do Teatro de Foz do Iguaçu.** 2024. 133 páginas. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2024.

RESUMO

Essa dissertação faz uma análise do Festival Intercolegial de Peças Curtas como parte da história teatral da cidade de Foz do Iguaçu, na fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai. Tal trabalho foi feito a partir da busca e análise de acervos documentais, bem como da pesquisa e da escrita sobre o Festival Intercolegial de Peças Curtas, uma mostra teatral de caráter amador que aconteceu na cidade, entre os anos de 1991 e 2000, por dez edições ininterruptas. Apresenta, também, as nuances dessa ação cultural no tempo e no espaço onde aconteceram os fatos narrados, bem como aponta para uma política cultural efetiva e de resultados. Por fim, apresenta também uma contextualização entre o Festival e a história da cidade onde foi palco, bem como as relações entre a política cultural local com a conjuntura do país e da fronteira entre Brasil e Paraguai, que paralelamente sofreu transformações estruturais significativas.

Palavras-chave: Teatro. Foz do Iguaçu. História Cultural. Documentos Históricos.

SILVA, Luiz Henrique Dias da. **The Intercollegiate Festival of Short Pieces: Memory of Theater in Foz do Iguaçu.** 2024. 133 pages. Dissertation (Master's degree in History) – Federal University for Latin American Integration, Foz do Iguaçu, 2024.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the Intercollegial Festival of Short Pieces as part of the theatrical history of the city of Foz do Iguaçu, on the border between Brazil, Argentina and Paraguay. This work was carried out through the search and analysis of documentary collections, as well as research and writing about the Intercollegial Short Pieces Festival, an amateur theatrical show that took place in the city, between 1991 and 2000, for ten uninterrupted editions. It also presents the nuances of this cultural action in the time and space where the events narrated took place, as well as pointing to an effective cultural policy with results. Finally, it also presents a contextualization between the Festival and the history of the city where it was staged, as well as the relationships between local cultural policy and the situation in the country and the border between Brazil and Paraguay, which at the same time underwent significant structural transformations.

Key words: Theater. Foz do Iguaçu. Cultural History. Historical Documents.

SILVA, Luiz Henrique Dias da. **El Festival Intercolegial de Obras Cortas: Memoria del Teatro en Foz do Iguaçu.** 2024. 133 páginas. Disertación (Maestría en Historia) – Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2024.

RESUMEN

Esta disertación analiza el Festival Intercolegial de Obras Cortas como parte de la historia teatral de la ciudad de Foz do Iguaçu, en la frontera entre Brasil, Argentina y Paraguay. Este trabajo se llevó a cabo a partir de la búsqueda y análisis de archivos documentales, así como de la investigación y escritura sobre el Festival Intercolegial de Obras Cortas, una muestra teatral de carácter amateur que tuvo lugar en la ciudad, entre los años 1991 y 2000, por diez ediciones ininterrumpidas. También presenta los matices de esta acción cultural en el tiempo y espacio donde ocurrieron los hechos narrados, y apunta a una política cultural efectiva y de resultados. Finalmente, también presenta una contextualización entre el Festival y la historia de la ciudad donde se llevó a cabo, así como las relaciones entre la política cultural local y la coyuntura del país y la frontera entre Brasil y Paraguay, que paralelamente sufrió transformaciones estructurales significativas.

Palabras clave: Teatro. Foz do Iguaçu. Historia Cultural. Documentos Históricos.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	– Matéria de divulgação da edição de 1995	19
Imagem 2	– Cartaz utilizado para a divulgação da edição 1995 do Festival	20
Imagem 3	– Capa do Programa da primeira edição do Festival	42
Imagem 4	– Contracapa do Programa da primeira edição	43
Imagem 5	– Programação da primeira edição - interna	45
Imagem 6	– Nota do Poder Público e do Grupo Teatral Foz	47
Imagem 7	– Cobertura da imprensa das primeiras edições do Festival	51
Imagem 8	– Convite para inauguração do Teatro Barracão	54
Imagem 9	– Cartaz da segunda edição do Festival, a primeira no Barracão	56
Imagem 10	– Cartaz da terceira edição	58
Imagem 11	– Cartaz da sexta edição	59
Imagem 12	– Recorte de jornal	60
Imagem 13	– Recorte de jornal parte II	61
Imagem 14	– Recorte de jornal parte III	62
Imagem 15	– Cabeçalho do Regulamento da edição de 1998	63
Imagem 16	– Categorias premiadas com valores em dinheiro	65
Imagem 17	– Menções Honrosas da edição de 1997	66
Imagem 18	– Convite da edição 1994	68
Imagem 19	– Convite da edição 1995	69
Imagem 20	– Convite para a abertura de 1996	70
Imagem 21	– Convite encerramento 1998	72
Imagem 22	– Roberto Virgínio fala sobre os preparativos para o Festival	74
Imagem 23	– Clima de preparação para os festivais	76
Imagem 24	– Carta de apresentação	77
Imagem 25	– Autorização de compra e orientação sobre pagamento	78
Imagem 26	– Lançamento do Festival em junho de 1995	79
Imagem 27	– Autorização escolar	80
Imagem 28	– Nota sobre o início do Festival	83
Imagem 29	– Crítica descontraída	84
Imagem 30	– “...mostra teatral de todos.”	85
Imagem 31	– Destaque das proximidades do Festival	86

Imagem 32	– Certificado Centro Paraguaio de Teatro	87
Imagem 33	– Programação do Dia 10 de novembro de 1993	88
Imagem 34	– Programação do Dia 09 de novembro de 1995	90
Imagem 35	– Programação Itinerante	91
Imagem 36	– Editorial	92
Imagem 37	– Alunos e alunas da APASFI no Festival	94
Imagem 38	– Programação Cultural da cidade	95
Imagem 39	– Capa do Relatório 1997	97
Imagem 40	– Certificado de participação 1992	102
Imagem 41	– Certificado de participação 1993	103
Imagem 42	– Certificado de participação 1996	103
Imagem 43	– Declaração de Participação	105
Imagem 44	– Premiações do Festival de 1999	106
Imagem 45	– Festival de Teatro 2001	107
Imagem 46	– Convite para o Festival Intercolegial de Teatro de 2001	108
Imagem 47	–Regulamento para o Festival Intercolegial de 2001	109
Imagem 48	– Parte II do Regulamento para o Festival Intercolegial de 2001	110

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição regional dos museus no Brasil (2000)	34
Gráfico 2 – Distribuição regional dos museus e ano de fundação (2000)	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Documentação encontrada e digitalizada	49
Tabela 2 – Distribuição dos materiais utilizados por edição do Festival	50

SUMÁRIO

1. UM FESTIVAL DE TEATRO EM UMA CIDADE SEM TEATRO.....	16
(Será que a gente influencia o Caetano?).....	16
2. COMO OBSERVAR UM MOVIMENTO TEATRAL.....	25
(Nossa vida não vale um Chevrolet).....	25
3. COMO COMEÇOU E QUAIS O DESDOBRAMENTOS DO FESTIVAL?.....	39
(Leila Baby).....	39
4. COMO SE TERMINA UM FESTIVAL.....	97
(A vida conjugal).....	97
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS.....	115
ANEXOS.....	118
ANEXO A – REGULAMENTO FESTIVAL 1998.....	119
ANEXO B – RELATÓRIO FESTIVAL 1998.....	125

1. UM FESTIVAL DE TEATRO EM UMA CIDADE SEM TEATRO (Será que a gente influencia o Caetano?)

Será que a gente influencia o Caetano (1985) foi uma das primeiras peças do dramaturgo paranaense Mário Bortolotto (1962). Contava a história de dois jovens, Beto e Mário, que tinham o sonho de influenciar os grandes astros da música e das artes brasileiras, entre eles Caetano Veloso. Não conseguiram, por óbvio, mas se divertiram bastante e inspiraram outros jovens a seguirem tentando aparecer no pujante cenário artístico do país que recém se redemocratizou. Eram personagens quase reais, que ainda perambulam por aí e por aqui, e têm histórias que hoje, mais de três décadas depois, já podem ser, ao menos em parte, contadas. Este trabalho se propõe a contribuir com esse ofício.

Não somente como uma proposta acadêmica, apesar de também ser, mas o texto que seguirá em frente tem marcas e emanações de um lugar de fala de onde a minha história individual e as minhas relações sociais, inseridas em um contexto histórico, emergem em um exercício de também entender como o desejo por essa pesquisa foi construído, um trabalho paralelo entre memória, análise e academia.

Foz do Iguaçu, cidade onde nasci e palco desse trabalho, é um lugar de absoluta complexidade, erguida sobre uma fronteira imposta violentamente e geopoliticamente sobre um território ancestral, delimitada por um quadrilátero formado por dois rios, além um acidente natural chamado Cataratas do Iguaçu e seu parque de entorno.

Também, é marcada por uma obra civil de proporções inéditas à época de sua construção, a usina de Itaipu, sendo responsável direta tanto por minha existência como indivíduo, pois sou filho de pessoas operárias de barragem, quanto pela aparente ausência de planejamento urbano que deu origem à cidade de Foz do Iguaçu como a conhecemos no momento em que esse texto é escrito.

De tantos recortes possíveis para se contar uma parte da história da cidade - sociológicos, econômicos, políticos, culturais e antropológicos, naturais ou de relações internacionais e fronteiriças, todos de valor incomensurável - optei por partir de onde sempre senti mais conforto: o teatro.

Acredito que cabe a ele - ao teatro, ou à arte teatral - a marca de a mais perene das manifestações culturais. Não por ser a mais antiga, tão velha quanto a humanidade, como aponta Margot Berthold (2000) em sua célebre obra *A História Mundial do Teatro* ou, muito menos, a mais contemporânea, interpretando a percepção de Aura Cunha Santos (2010) de que o teatro vai se refundando, com sua diversificação e multiplicidade de procedimentos criativos, mas porque entendo o teatro como a arte encenativa com maior capacidade de reinvenção, de adaptação ao tempo e ao espaço.

Da antiguidade clássica aos modernos espetáculos, das grandes arenas a céu aberto às pequenas salas dos epicentros¹ da pesquisa estética teatral no Brasil, passando inclusive pelo interior do Paraná, onde acontecem as místicas campesinas apresentadas pelos movimentos de luta por reforma agrária ou as importantes histórias contadas em nossos maiores palcos, como dos teatros Ouro Verde e Guaira, em Londrina e Curitiba, fica a impressão de ser o teatro uma manifestação perene porque muda - se reinventa - para permanecer.

Tal percepção, que também contribuiu como catalisadora para esta pesquisa, foi construída ao longo de minha trajetória junto ao teatro, amalgamada às experiências vivenciadas durante as discussões e escritas do Núcleo de Dramaturgia do SESI Paraná, de que participei como aluno e, mais tarde, como oficinairo, entre os anos de 2010 e 2016.

Também, de certa forma, solidificada nas experiências como ator, dramaturgo e de diretor teatral que tive, desde meu primeiro passo num palco, em 1996, e mais tarde à frente da Cia Experiencial de Teatro, fundada em Foz do Iguaçu, Paraná, em 2010, e transferida para a capital paulista em 2013, tendo sua derradeira apresentação em 2017, também em São Paulo, quando foi dissolvida.

Ainda, o presente trabalho expõe parte da história teatral da cidade de Foz do Iguaçu, a partir do estudo, da pesquisa, apresentação de documentos e da escrita sobre o Festival Intercolegial de Peças Curtas, uma mostra teatral de

¹ O estudo *Grupos Teatrais no Brasil Contemporâneo*, Alexandre Mate (2020) aponta como epicentros do teatro e da pesquisa teatral contemporânea brasileira grupos localizados em Maceió, Curitiba, São Paulo, Porto Alegre, Palmas, Belo Horizonte, Fortaleza e Belém.

caráter amador² que aconteceu na cidade, entre os anos de 1991 e 2000, por dez edições ininterruptas. Em sua trajetória, esse Festival envolveu Poder Público, colégios, escolas e entidades da sociedade civil e do Terceiro Setor, bem como algumas empresas, e levou aos palcos da cidade centenas de estudantes, desempenhando funções técnicas, de produção, de atuação e até de dramaturgia, num grande corpo de formação teatral e que recebeu nas plateias dezenas de milhares de pessoas.

O projeto O Teatro Vai à Escola foi coordenado pelo diretor teatral Roberto Virgínio (1962)³, o Beto da peça do Bortolotto, fundador e também por um período presidente da Companhia Cemitérios de Automóveis, à época sediada em Londrina e em mudança para São Paulo e que circulava com espetáculos por diversos estados, incluindo Paraná e São Paulo. Beto foi convidado pelo Poder Público Municipal a ajudar a estruturar um novo movimento teatral na cidade, inclusive com recursos do orçamento da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, ou seja, uma ação ou política cultural.


O Festival recebeu o reconhecimento dos setores artístico e educacional da cidade e da região, bem como da imprensa, sendo esta não somente no papel de divulgadora, mas também atuante com publicações de críticas às peças e análises sobre a organização das edições do Festival. Isso pode ser percebido a partir do recorte da matéria presente na Imagem 1, onde é possível se observar a notícia de peças acontecendo por ao menos cinco anos ininterruptos e, como registrado da matéria (1995), com a participação de ao menos 60 estudantes fazendo parte dos elencos, divulgando, incentivando e fomentando o teatro em ambientes educacionais.

² O termo Teatro Amador é baseado na definição de Guinsburg *et al* (2006, p. 22-23), que diz: "O teatro amador, como a designação indica, é aquele praticado por um grupo de pessoas que apreciam o teatro, executam-no com dedicação, mas sem dele tirar proveito econômico."

³ Roberto Virgínio será também chamado por "Beto" ao longo do trabalho.

Imagem 1 – Matéria de divulgação da edição de 1995.

O TEATRO VAI À ESCOLA



De 6 a 11 de novembro está acontecendo o V Festival Intercolegial de Peças Curtas - "O teatro vai à escola". As peças estão sendo apresentadas no Teatro Barracão, numa promoção da Fundação Cultural. Há cinco anos o projeto acontece no município, e reúne cerca de 60 alunos das escolas municipais, estaduais e particulares. O objetivo é fomentar e divulgar o teatro nas escolas, estimulando a investigação e experimentação, aumentando o universo cultural das crianças e adolescentes.

Os espetáculos acontecem diariamente, a partir das 20 horas. O Festival conta também com a participação de grupos teatrais do Paraguai e Argentina. Durante o Festival, uma comissão composta por personalidades que entendem da arte de interpretar está julgando as montagens, para que no final sejam premiados o melhor espetáculo, melhor atriz e ator e melhor figurino.

Fonte: Jornal Tríplice Fronteira - Caderno 2. Edição de 10/11/1995.

De caráter competitivo⁴, com premiações - inclusive em dinheiro - e menções honrosas distribuídas ao longo de sua existência, o Festival também foi conhecido por outras regiões do Paraná em função de seu tamanho - chegou a mais de 4 mil espectadores em uma das edições - e também por ter convidado, conforme registros documentais a serem trazidos ao longo deste trabalho, peças e companhias teatrais profissionais de outras cidades, estados e até de países vizinhos ao Brasil, como o Paraguai e a Argentina, para as apresentações de abertura e encerramento das edições, bem como diretores e atores, apontados ao longo do texto, reconhecidos no teatro paranaense para composição de seu júri.

Além disso, ao longo dos anos, a Mostra foi divulgada por diversos cartazes (Imagem 2), em pontos relevantes da cidade, como escolas, faculdades, repartições públicas e locais turísticos, inclusive paradas e terminais de ônibus, ajudando a popularizar o teatro entre trabalhadores e trabalhadoras comuns, bem como entre as pessoas que circulam na vida sem acesso à cultura como cotidiano.

Imagem 2 – Cartaz utilizado para a divulgação da edição 1995 do Festival.



Fonte: Acervo pessoal Roberto Virgínio, 1995

⁴ O Festival ofereceu premiação também em dinheiro, além da possibilidade de subsídios para participação em outros festivais e mostras no Paraná, Paraguai e Argentina.

A maior parte das apresentações do Festival ocorreu no Teatro Municipal Otília Schimmelpfeng, conhecido como Teatro Barracão, localizado na Zona Leste da cidade de Foz do Iguaçu. Mesmo sem a estrutura adequada⁵ para uma sala de espetáculos, foi a casa da Mostra em estudo e sediou praticamente todas as suas edições, inclusive a maior parte das apresentações de abertura e encerramento. Sua inauguração aconteceu em 1992, no segundo ano do Festival, sendo a primeira edição apresentada numa antiga sala de cinema, chamada à época Cine Iguaçu, localizada na região Central da cidade e hoje desativada.

Para contar parte dessa história, foi efetuada uma busca ativa e presencial por documentos físicos, tendo em vista que não foram encontradas, durante a pesquisa, memórias do Festival digitalizadas ou em acervos *online*. A partir de visitas, conversas agendadas, telefonemas e mensagens com pessoas que estiveram nos quadros da Fundação Cultural no período analisado e/ou diretamente envolvidas com o Festival, como atores, técnicos, dramaturgos, em sua grande maioria hoje profissionais liberais distantes dos palcos. Ainda, foram coletadas fotografias, documentos oficiais⁶, documentos escolares⁷, programas, cartazes, ingressos, certificados, recibos de despesas, relatórios, notas, matérias e publicações em jornais diários impressos e/ou revistas impressas, textos e adaptações encenadas e mapas de palco, som, luz e coreografias, compondo um acervo relevante sobre a Mostra.

Mesmo sem a pretensão de utilizar todo o acervo, foi executada a digitalização e a posterior seleção dos documentos que continham fontes, datas e edições da publicação, identificação dos autores e das pessoas citadas, sendo separados para uso neste trabalho três tipos de documentos: 1- impressos de jornais diários; 2- documentos oficiais da Fundação Cultural, incluindo relatórios de trabalho e convites oficiais; 3- certificados, cartazes, programas e panfletos. A opção

⁵ O Teatro Barracão é uma estrutura de madeira, em forma de galpão, sem características térmicas, acústicas e estruturais para receber peças teatrais. Apesar disso, desde sua inauguração, em 2001, tem sido uma referência de espaço cultural na cidade, sendo a única sala teatral pública de Foz do Iguaçu.

⁶ Consideram-se documentos oficiais aqueles provenientes de atos oficiais, os quais apresentam atos da administração pública que produzem efeito jurídico, por exemplo, atos administrativos em geral, portarias, resoluções, editais, entre outros. Também os contratos e convênios podem ser considerados como documentos oficiais.

⁷ Declarações de ausências às aulas para atividades culturais, autorizações de saídas do colégio para assistir peças e informativos internos das escolas, mostrando a participação da comunidade escolar.

pela não utilização de fotos, apesar de digitalizadas, ocorreu pela ausência quase absoluta de autorias das imagens, bem como dos nomes da maior parte das pessoas fotografadas ou mesmo das peças registradas. A maior parte dos materiais escolhidos fazem parte do acervo pessoal de Beto Virgínio, por terem sido guardados de forma mais segura e apresentarem, em sua grande maioria, dados a respeito das datas, pessoas e instituições envolvidas.

Para desenvolver este trabalho, no primeiro capítulo será apresentado um debate sobre a história cultural, partindo dos estudos e definições oferecidas por Peter Burke (2021) e outros autores, bem como será apresentado um panorama e uma revisão da prática do teatro amador no Brasil, motivado pela pesquisa e leitura de artigos e também por parte da obra do professor Diógenes André Vieira Maciel (2004), ensaísta sobre o teatro nacional-popular brasileiro e seus desdobramentos na difusão da arte teatral para as camadas populares da sociedade. Também, o trabalho abre um diálogo com o ensaísta e professor, bem como ex-membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), Sábato Magaldi, que em *Panorama do Teatro Brasileiro* (1962) aponta as relações sociológicas e históricas da construção de espaços teatrais apropriados por elites econômicas ou políticas, fenômeno que pode ter chegado às cidades do interior do Brasil de forma tardia, uma vez que a obra de Magaldi é escrita ao menos três décadas antes do objeto deste trabalho.

O segundo capítulo foi destinado aos acontecimentos que levaram ao início do projeto O Teatro Vai à Escola e do Festival Intercolegial de Peças Curtas, com a apresentação de documentos coletados em acervos pessoais, bem como materiais das primeiras edições, suas programações, convites, certificados e declarações. Serão também apresentados recortes de jornais da época, com editoriais, matérias, análises e notas, desde a preparação dos grupos, inscrições, apresentações e prêmios, onde será possível compreender o papel da imprensa na divulgação do Festival, principalmente numa época anterior às redes sociais e aos veículos digitais de comunicação.

Em seguida, no terceiro capítulo, a percepção do projeto como política cultural, levando milhares de espectadores ao teatro e movimentando o setor

educacional a partir de uma iniciativa apoiada pelo Poder Público Municipal, com constância e resultados mensurados e documentados.

O projeto O Teatro Vai à Escola, apesar de exitoso, como veremos no início de sua trajetória, foi encerrado por possíveis desalinhamentos políticos entre organizadores e a gestão pública à época, colocando fim a um período importante do teatro na cidade.

Também, nesse capítulo, serão apresentados mais alguns documentos das últimas edições do Festival, como certificados e a percepção, a partir de documentos oficiais e contemporâneos ao objeto de estudo, emitidos pela Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, de como o Poder Público percebeu o papel do Projeto O Teatro Vai à Escola.

Cabe apontar que, nos títulos dos capítulos, além da alusão ao conteúdo, foram citadas peças premiadas nas edições, sendo que para cada há um pequeno *release*, como forma de apontar o teor dos trabalhos para o leitor ou para contribuir com a ampliação do diálogo entre as expressões da dramaturgia inseridas no contexto do Festival.

Dessa forma, essa pesquisa buscou contribuir com a preservação da memória do movimento cultural, em especial do teatro de Foz do Iguaçu, no período de 1991 a 2000, que parece ter servido não somente a diversão do público, mas também à formação educacional e social de jovens e na inserção destes no universos artístico, nas mais diversas funções.

Longe de ser uma documento definitivo sobre a história do teatro de Foz do Iguaçu ou mesmo do próprio Festival, bem como longe de pretender aqui apresentar uma análise sociológica das políticas públicas culturais na cidade, o trabalho também se propôs a discutir, sob o olhar da Nova História Cultural (NHC) proposta por Peter Burke, a cultura popular como narrativa dos dramas coletivos e de pessoas anônimas, artistas amadores, professores, interessados pelo teatro e por cultura em geral.

Indiretamente, mas dentro do radar desde o início dos estudos, o trabalho pretende também ampliar o coro pela construção de um Teatro Municipal em Foz do Iguaçu, uma sala multipalco que atenda de forma tecnicamente adequada os anseios de produção e difusão cultural na cidade, bem como dar mais

subsídios para o tombamento do Teatro Barracão como patrimônio histórico e cultural da cidade.

Cabe, por fim, apontar que o estudo permitiu uma primeira digitalização documental e de uma linha temporal sobre o movimento narrado, bem como a organização desse material em algumas categorias, facilitando o estudo e a escrita. Como resultado acessório, portanto, a pesquisa também se coloca à disposição dos futuros pesquisadores à conservação do acervo de documentos obtidos, não somente os descritos ao longo dos capítulos, mas também das fotos e recortes de jornais impressos não utilizados, fontes para outros estudos sobre a memória do teatro de Foz do Iguaçu.

2. COMO OBSERVAR UM MOVIMENTO TEATRAL

(Nossa vida não vale um Chevrolet)

Uma marca do Festival intercolegial de Peças Curtas de Foz do Iguaçu, cuja história pretende-se contar neste trabalho, foi a montagem e apresentação das peças do dramaturgo Mário Bortolotto, em especial as obras *Leila Baby* (1986), *Será que a gente influencia o Caetano* (1986) e *Nossa Vida Não Vale um Chevrolet* (1990), sendo esta última considerada pelo pesquisador Thiago Vieira (2010) como peça mais consagrada do autor, vencedora de prêmios nacionais e adaptada para o cinema, com o nome de *Nossa Vida Não Cabe num Opala* (2008), recebendo a direção de Reinaldo Pinheiro (1951). A obra “se passa em um universo urbano decadente retratando indivíduos incomuns em uma sociedade que supostamente os renega.” (VIERIA, 2010).

No entanto, para se avançar na percepção da importância histórica dessas peças para o cenário da região trinacional, onde Foz do Iguaçu se insere, bem como dos trabalhos envolvendo as montagens das peças de Bortolotto e de outras peças teatrais da década de 90, assim como para entender os motivos que trouxeram as obras de Mário à região, é preciso o reconhecimento de que não se trata apenas de um relato sobre a relação entre o teatro e história de Foz do Iguaçu. Não há uma só cidade, mas um contexto amplo, envolvendo a permeabilidade de ideias e as relações de fronteira.

Foz do Iguaçu é uma cidade de 258 mil habitantes⁸, localizada na fronteira tríplice entre Brasil, Paraguai e Argentina e compondo um entroncamento logístico do Mercosul e um espaço de desenvolvimento econômico fundado no turismo, por conta da presença, dentre outros atrativos, das Cataratas do Iguaçu, parte integrante do Parque Nacional do Iguaçu, e atividades impulsionadas pelo comércio transfronteiriço e, ao longo das últimas 5 décadas, pela construção e posterior operação da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional, a segunda maior do mundo⁹.

⁸ Censo IBGE 2020.

⁹ Disponível em

<<https://www.correiobraziliense.com.br/webstories/flipar/2024/01/6783815-brasil-tem-3-das-10-maiores-hidreletricas-do-mundo-veja-o-ranking.html>>

Mais do que fatos narrados, é de bom tom saber o porquê de as coisas acontecerem da forma e no momento em que acontecem, bem como quais elementos e movimentos políticos, sociais e culturais poderiam as ter catalisado ou inibido, para além do tamanho, da forma e dos moldes apontados pelos registros obtidos na presente pesquisa. Assim, estudar o teatro como uma manifestação de uma época e não de um lugar pode ser mais adequado, em especial quando não há fronteiras claras, como no caso de Foz do Iguaçu, onde três países convivem em transversalidade humana e cultural, e onde é também possível se entender esses movimentos como resultado histórico e retrato de um período.

Considerando ainda uma territorialidade ampliada e a sua percepção mais fluida, o estudo se aproxima muito mais da história cultural do que da história da cidade. A História Cultural - ou mesmo a chamada Nova História Cultural (NHC) - é ainda um campo de divergências entre historiadores e pesquisadores do chamado “espírito de uma época” (BURKE, 1992), não estando claros os seus limites e seus campos de atuação, envolvendo a temas variados como a história da alimentação, a história do vestuário, a história das manifestações culturais, mas tendo em comum um ponto: o choque de ideias, de costumes e até de civilizações.

Petter Burke (1992), em a história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa, relembra as discussões entre os historiadores que defendiam a intitulada história das estruturas e criticavam a chamada história dos acontecimentos, sendo aqueles defensores da justificativa de que se a narrativa histórica prosperasse no meio acadêmico, o futuro tornar-se-ia uma hegemonia dos problemas e não das estruturas. O mesmo Burke (2021), chama a atenção para a redescoberta da história cultural, bem como sua renovação no meio acadêmico, principalmente após a segunda guerra mundial onde as mudanças estruturais do mundo criaram choques culturais, trazendo à tona questões antes esquecidas ou mesmo ignoradas por historiadores. O autor faz uma trajetória buscando a resposta para a pergunta "O que é história cultural?", diferenciando o que chamou de história cultural clássica, a história cultural popular e a nova história cultural. A divisão parece ser importante para desenhar o raciocínio do autor.

A história cultural clássica (1800 a 1950) foi um período em que pensadores ainda se fundamentam nos clássicos da história e da literatura, mas

olhavam para essas obras a partir de um olhar amplo, tentando observar qual seria o espírito da época e não do fato.

A diferença entre esses acadêmicos e os historiadores especializados em arte ou literatura era que os historiadores culturais estavam particularmente preocupados com as conexões entre as diferentes artes. Eles concentravam-se no todo, mais que nas partes. (Burke, 2021, p. 14)

Burke (2021) aponta ser a Alemanha, considerada à época muito mais uma nação cultural do que política¹⁰ e seus pensadores da ciência cultural (*Kulturwissenschaft*) do início do século XX se dedicavam a transpor a chamada "polícia de fronteira" dos "limites entre as disciplinas acadêmicas" (p. 19), com notável destaque para Max Weber, que estuda o espírito do capitalismo, Freud, apresentando as questões das massas e Aby Warburg¹¹, tentando vencer os limites das disciplinas acadêmicas. A partir de 1930, com mais força na década de 50 que a história cultural, cada vez mais com história popular, abriram espaço para discussões que não poderiam mais ficar fora da academia, estando o mundo em transformação e as relações entre indivíduos, grupos, nações e Estados se restabelecendo.

Mas foi depois da chamada Grande Diáspora de cérebros da Europa Central para os EUA e para a Inglaterra que a história cultural ganhou ainda mais prestígio. Nomes como Ernst Gombrich e Eric Hobsbawm entram em cena nesse período e apresentam trabalhos e a palavra civilização começa a ressoar mais que a palavra cultural nos tratados acadêmicos. Burke (2021) ainda aponta os paradoxos da história cultural e chama a atenção para o olhar de que estudando a história popular, há uma fuga do economicismo mas, ao mesmo tempo, o risco de o popular ser apropriado pelas elites e relembra Antonio Gramsci, para quem as classes dominantes exercem, para além da economia, poder no campo das ideias.

Dessa forma, contar a história a partir do chão da economia, do popular, onde o teatro que aqui tratamos pode ser visto, e não a partir dos olhares estigmatizantes e de censura, característicos das elites quando se fala da inserção

¹⁰ A Alemanha do início do século XIX ainda não representava um Estado único, mas uma série de regiões unidas por questões sociais e culturais, com a língua.

¹¹ Segundo BURKE (2021), Warburg seria um herdeiro que trocou parte considerável de sua fortuna por livros, estudando filosofia, psicologia e antropologia, bem como as histórias culturais gregas e ocidentais.

das camadas menos privilegiadas nos espaços considerado como eruditos, é um ofício importante para se entender as manifestações e os chamados festivais.

Outro olhar sobre a história, e buscando agora a relação entre a historiografia do teatro brasileiro e os movimentos culturais que, ao longo do século XX, surgiram no Brasil, Sábato Magaldi (1962) em *Panorama do Teatro Brasileiro* apresenta uma discussão que relaciona a produção teatral no país com contextos culturais, sociais e históricos, resultados de uma época, apontando que o teatro nacional sempre se inicia a partir de um formato de atendimento aos mecenas, ou quem estivesse disposto a pagar a conta, como políticos, setores empresariais e comerciais, que tendiam a pautar os temas encenados beirando o cômico, o teatro de repertório e as comédias de costumes.

Essa obra de Magaldi, a partir de seu olhar crítico e social, é sintetizada em uma das discussões mais assertivas sobre sua importância, foi feita Jacó Guinsburg e Rosângela Patriota (2012):

Em *Panorama do teatro brasileiro* está sintetizado num programa de revisão fundamentação de nossa herança dramática e cênica, não apenas como exposição de concepções e problemas gerais, mas como estudo sistemático dos textos e das montagens, dos autores e dos atores no seu ambiente estético-histórico. Os quatro séculos emergem dos bastidores sob nova luz teatral. Trata-se, até certo ponto, de uma “revelação”, não de fatos sensacionais, mas da intimidade estrutural dos eventos cênicos, de suas articulações sociais e de suas motivações artísticas. (Patriota, 2012, p. 73)

Magaldi (1962), em seu trabalho, beira o cronismo e apresenta uma crítica contundente ao teatro do país, em especial ao teatro do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX, e, mesmo não sendo o período estudado no presente trabalho, ressoa pois, como será apresentado nos decorrer do texto, o Festival de Foz do Iguaçu sofria uma influência direta da classe política e empresarial da cidade, se apresentando como popular, por conta de seu público e participantes, mas estando ligado diretamente à classe política e patrocinadores, numa projeção local, quase três décadas depois do lançamento de *Panorama do Teatro Brasileiro*, do que aconteceu nas grandes cidades brasileiras quando o livro fora escrito.

Ao reconstruir a história da encenação no país, em um capítulo chamado *Teatro como Catequese*, Magaldi (1962) rememora que as primeira

manifestações cênicas foram apresentadas pelos Jesuítas, visando a evangelização das populações locais, inclusive com adaptações de peças já apresentadas nas metrópoles para adquirirem linguagens apropriadas à situação das colônias. Como os indígenas eram muito sensíveis à dança e às encenações, o resultado desses trabalhos sempre foram satisfatórios ao propósito (p. 16).

Um teatro brasileiro, por assim chamar, e depois de mais de duzentos anos sem registros de novas peças ou mesmo de trabalhos significativos no campo das artes cênicas, só foi novamente percebido ao final do século XIX, ganhando certa relevância nas duas primeiras décadas do século seguinte e ampliando força após a Semana de Arte Moderna de 1922. O início desse movimento fica mais claro no subcapítulo "O Encontro *da Nacionalidade*", também presente no texto de Sábato Magaldi (p. 34) e que constituiu uma análise importante a criação de um teatro que buscava ser singular e nacional.

Um outro estudo, do historiador Tiago Herzog (2016), apresentando no capítulo "O Livro como Museu" a importância de *Panorama do Teatro Brasileiro* na construção de uma crônica coerente sobre a história da encenação no país, a importância do livro é novamente ratificada, bem como seu caráter canônico para o entendimento do processo nacional da expressão teatral:

Assim, livro vira museu, no caso do teatro, o museu em excelência, considerando-o como espaço de exposição do passado, das relíquias, daquilo do que quer se guardar do passado. O único possível no caso das artes cênicas, considerando a efemeridade da cena, que se extingue quando acaba e só pode ser contada. (Herzog, 2016, p. 41).

Cabe destacar que os festivais sempre desempenharam um papel relevante na cultura. Em seu Dicionário do Teatro, PAVIS (2008) relembra a importância da palavra Festival das artes encenativas. O termo, segundo ele, remete aos gregos e se origina de festa, em alusão às festas dionisíacas, de caráter religioso.

No ocidente, segundo o autor, os festivais ganharam ares de celebrações e grandes momentos, como as representações da Paixão de Cristo ou dos temas cotidianos romantizados nas obras de Shakespeare. Mas, olhando para o caráter mais social e cultural histórico, o próprio Pavis aponta:

O interesse primordial dos festivais reside na possibilidade oferecida a um público de ver, num lugar e num tempo, espetáculos novos, de descobrir tendências e experiências pouco conhecidas, de confrontar animadores e amadores do teatro. (Pavis, 2008)

Os festivais envolvendo escolas e colégios, inserem à discussão um outro tempero, o de envolver a educação fora do ambiente escolar, ou seja, de trazer o jogo de aprender e ensinar para fora do campo tradicional da época, do território estante da escola.

Maria da Gloria Gohn (1947), socióloga e uma das pioneiras nos estudos da educação não escolar no Brasil, em seus estudos sobre o papel da forma de educar a partir da cultura ou de outros meios populares, destaca como políticas públicas e projetos sociais, e o Festival tema desse estudo foi uma política pública e um projeto social porque partiu de uma decisão política e porque atingiu a cidade em dimensões sociais, territoriais e econômicas, inserindo estudantes em sua maioria de escolas públicas e de bairros periféricos à cidade, em um tipo de ação de educação não formal. Diz a autora:

A educação não-formal é uma área que o senso comum e a mídia usualmente não vêem e não tratam como educação porque não são processos escolarizáveis. A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica, etc. São processos de auto-aprendizagem e aprendizagem coletiva adquirida a partir da experiência em ações organizadas segundo os eixos temáticos: questões étnico-raciais, gênero, geracionais e de idade, etc. (Gohn, 2010).

Portanto, enquanto a educação formal, segundo a autora, era marcada no espaço pelo território da escola, pela regulamentação e normatização, assim como pela presença dos currículos, a educação não-formal, referenciaria a intencionalidade, o aprendizado espontâneo e a instrumentalidade presente na figura do educador social, papel desempenhado por agentes como o Beto, além de critérios de solidariedade e identificação de interesses comuns.

O Festival em estudo surge num contexto ambíguo, anos mais tarde dos acontecimentos apontados por Sábato, em uma cidade do interior do Brasil e logo após um período de redemocratização. Além disso, o caráter da Mostra era de natureza estudantil, ao menos no que diz respeito à participação, não sendo uma iniciativa dos estudantes.

Ainda, é possível se fazer um paradoxo com outros festivais com traços similares, como o chamado *Festival Estudantil SESI de Sorocaba*, que acontece na cidade homônima, no interior do estado de São Paulo, cuja dissertação apresentada por José Maria Rodrigues Junior (2008) narrou sua construção e continuidade.

Em um primeiro momento, o autor defende o teatro estudantil como uma etapa importante da formação educacional e cultural das pessoas:

Na formação do ser humano devem coexistir dois espaços de formação: o formal e o não formal. (...) O espaço não formal é entendido como uma dimensão que complementa o formal. É o espaço de interação e inter-relação pautado por uma participação ativa, comprometida com o desenvolvimento e o crescimento humano. E, aqui, o teatro é uma estratégia de promoção da participação, da interação criativa de um convívio saudável, de transformação do passivo espectador em ator. (Junior, 2008, p. 9)

Ainda, em seu trabalho, faz uma leitura histórica do teatro estudantil brasileiro, iniciado após a semana de Arte Moderna de 1922 e ganhando força após a criação da *Casa do Estudante do Brasil*, em 1933, e, mais tarde, em 1938, com a criação do TEB - Teatro Estudantil Brasileiro, iniciando um processo de importância do teatro envolvendo estudantes, professores e espectadores em torno de temas sociais e políticos, distanciando, aos poucos, as expectativas das camadas populares e das elites em relação às produções.

No entanto, há aqui um caminho de matricialidade entre os conceitos da histórica cultural e o popular, o social, bem como com o movimento teatral estudado, de caráter estudantil, que representaria uma nova perspectiva para a cultura da Foz do Iguaçu da década de 1990 e é também fundamental apontar que não se tratava de uma cidade isolada de qualquer contexto histórico. E assim façamos.

Ao final da década de 80 e início da década de 90, o país vivia uma efervescência democrática. Depois de mais de duas décadas de convívio com a ditadura, iniciadas com o golpe de 1964, finalmente o Brasil parecia ter conseguido se livrar do regime marcado pelo tutelado alinhamento ideológico com os EUA, crescimento econômico inflado pelo desequilíbrio fiscal e de pagamentos, endividamento externo, crescimento desordenado de áreas urbanas e ampliação de desigualdades.

Nas palavras de Bastos e Ferraz (2021), a década que precedeu os anos 90 e por onde se arrastou o processo de dissolução do governo militar e uma complexa redemocratização com eleições indiretas, falecimento do presidente escolhido pelo Congresso, Tancredo Neves (1910-1985), com a posterior posse de seu vice, José Sarney (1930), elaboração e promulgação de uma nova Constituição (1988) e preparação do país para uma eleição de voto popular (1989).

Tal decênio ficaria conhecido como a “década perdida”, marcada pela crise da dívida externa e suas trágicas consequências para a economia brasileira: a explosão inflacionária e a expressiva desaceleração do crescimento. Esse quadro também afetava diretamente a produção artística do país, tanto em grande centros urbanos como em cidades menores, como o caso de Foz do Iguaçu. Isso porque, durante o período de convívio com governos sem lastro democrático, a população brasileira precisou conviver com os chamados atos institucionais, que apontaram como inimigos maiores do regime as manifestações artísticas de cunho popular, mirando suas armas repressivas para quem produzisse música, teatro, artes plásticas ou literatura considerada pelos militares como transgressiva à ideologia imposta.

A influência desse regime de exceção em Foz do Iguaçu era ainda mais forte, onde a submissão da população tinha também um viés de dependência econômica muito forte, uma vez que a cidade orbitava, à época, em torno da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional, a maior obra de engenharia da ditadura e que respondia por parte considerável dos empregos, negócios e fluxos financeiros da cidade.

Dessa forma, uma cidade sem universidades ou outros centros de pensamento, com exceção do campus local da Unioeste, originada a partir da

Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Foz do Iguaçu - FACISA¹² (1979), mas que, ainda em 2024, não oferece carreiras em artes e áreas correlatas, ficaria privada de outras realidades senão a da pauta conservadora vigente, apontando um possível embrião do pensamento local que perduraria até o final da primeira década deste século, quando a inauguração da Universidade Federal da América Latina (Unila) deu início a um trabalho de mudança social e cultural de Foz do Iguaçu e da região, principalmente.

Assim, a formação social do Brasil, somada aos sucessivos governos militares, bem como aos hábitos e gostos das elites econômicas do país, construíram uma narrativa sólida sobre o que seria bom, oficial, e quais manifestações estariam condenadas à marginalidade e mesmo produções estéticas e de alto teor de engajamento político e cultural, inclusive com relevância para o público e até para a imprensa, tiveram grandes dificuldades no período.

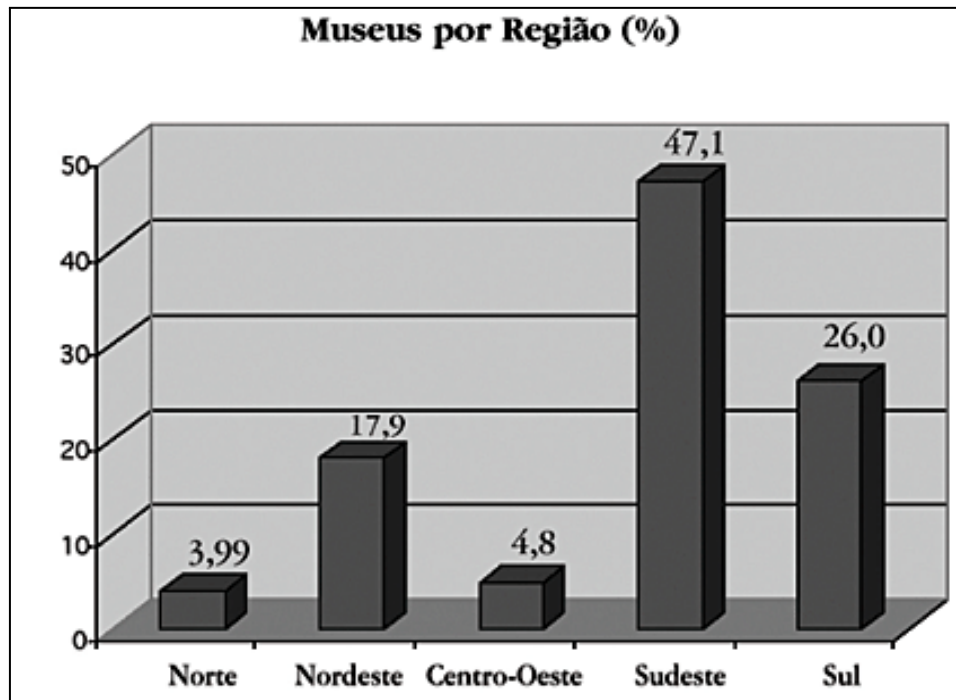
Outro aspecto importante é perceber que, dialogando também como o apontado por Magaldi (1962), apesar da narrativa de caráter popular dos produtos artísticos, a escolha da maior parte dos temas, repertórios e, inclusive, financiamentos da cultura estavam sob o comando de grupos políticos ou empresariais.

Dessa forma, a grande maioria do povo ficava alheia à maior parte da produção, sendo essa segmentação também territorial, uma vez que os equipamentos públicos, em especial salas de espetáculos e museus, estavam localizados em grandes centros urbanos.

Vejamos o caso dos museus, por exemplo. Um estudo, *Museus Brasileiros e Política Cultural* (SANTOS, 2002), aponta para a concentração de espaços culturais no país, tanto com números consolidados quanto com uma distribuição histórica da inauguração desses espaços. Os gráficos 1 e 2 apontam a concentração dessas instituições, públicas e privadas, nas mais diversas regiões do Brasil.

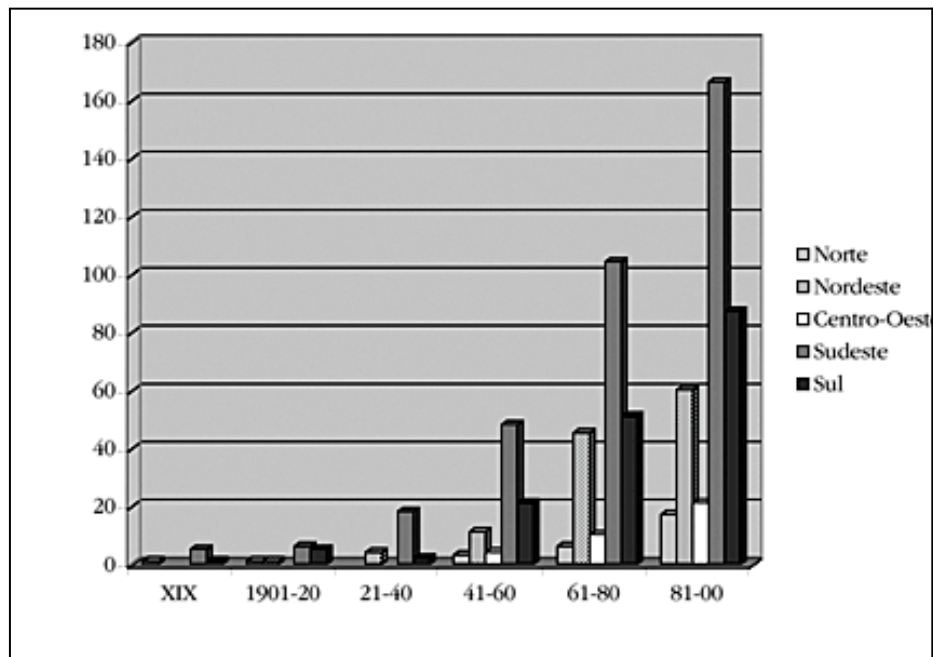
¹² Histórico de formação da Unioeste - Foz do Iguaçu disponível na página da instituição: <<https://www.unioeste.br/portal/campus-foz-do-iguacu/utilidades/historico>>

Gráfico 1 – Distribuição regional dos museus no Brasil (2000)



Fonte: Revista Brasileira de Ciências Sociais (2002)

Gráfico 2 – Distribuição regional dos museus e ano de fundação (2000)



Fonte: Revista Brasileira de Ciências Sociais (2002)

Um estudo similar feito com salas de apresentações e teatros provavelmente encontraria resultados similares, uma vez que a maior parte dos grandes teatros brasileiros se concentram em poucas cidades e, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), menos de 25%¹³ dos municípios brasileiros contam com salas teatrais de qualquer espécie.

No caso do Paraná, onde a situação de isolamento cultural era uma realidade na década de 90, mesmo com dados consolidados de 2022, há apenas 61 salas de espetáculos no estado¹⁴, distribuídas em apenas 19 municípios e sendo que 30 dessas salas estão localizadas na capital, Curitiba, apontando para o cenário de desigualdade cultural dentro da própria região Sul do Brasil, que abriga proporcionalmente um grande número de museus em comparação com seu povoamento.

Esses dados dialogam com MACIEL (2004), quando aponta o quanto, ao falarmos da literatura ou teatro “oficiais” no Brasil, temos que considerar que o povo quase nunca é o destinatário dessas obras, mesmo que os autores, desde o século XIX, venham buscando representar, criticamente ou pitorescamente, essa estrato social. Ele indica a intencionalidade do uso de aspas na palavra oficiais porque, fora do circuito erudito, o povo produz e sempre produziu outras formas teatrais ou mesmo de outras manifestações, como sua própria literatura, sendo essa veiculada, inclusive, oralmente, com contos, rezas, e cantos de trabalho.

No mesmo caminho, mas tratando agora das temáticas das peças e da relação entre mercado e elencos e encenadores, numa publicação contemporânea a Maciel, Patrice Pavis (2004), pesquisador e ensaísta sobre o teatro e as artes encenadas, em seu ensaio *De onde vem e para onde vai a encenação?*, chama à atenção para a subjugação que o teatro teria se submetido ao mercado artístico e ao capital:

Quer se abra a novas correntes, quer continue ligada à tradição, a criação vê a sua própria existência cada vez mais submetida às leis do mercado pois, dependendo de subsídios para viver, o teatro subordina-se também à

¹³ Dados disponíveis em:

<<https://exame.com/brasil/so-10-das-cidades-brasileiras-tem-cinema-e-menos-de-um-quarto-possui-teatro/>>

¹⁴ Dados do Lista de Espaços Cênicos do Brasil, elaborada pelo Centro Técnico de Artes Cênicas da Funarte/CTA.

flutuação do mercado e das condições económicas. A institucionalização do teatro, a que os artistas já não podem escapar, formou uma bolsa onde os actores são cotados, vendo quantificado o seu valor comercial. (Pavis, 2004, P. 7)

Observa-se que, para um substrato histórico e social, não havia condições de existência de manifestações verdadeiramente populares apoiadas e até organizadas pelo Poder Público, elites políticas e imprensa. No entanto, mesmo historicamente e geograficamente sem condições propícias, o Festival Intercolegial de Peças Curtas aconteceu por uma combinação de encontros e pessoas, inclusive entes políticos, simultaneamente empenhadas no tema, dando a Foz do Iguaçu uma oportunidade histórica de ter um festival de teatro.

Assim, foi justamente em um horário de intervalo, depois de uma aula de redação do atual Colégio Estadual Ayrton Senna da Silva, antigo Colégio Estadual Vila "A", localizado na região norte da cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná, em 1996, que uma professora reuniu um grupo de estudantes para falar sobre um projeto teatral organizado pela Fundação Cultural da cidade.

Em roda, o grupo ouviu atentamente as orientações e explicações de uma pessoa que se apresentou como Beto e que tinha em mãos uns papéis para preencher e dizia ser possível se montar ali um grupo teatral do colégio para participar de um festival que reuniria estudantes de outros colégios estaduais e particulares. Poderíamos escrever um texto próprio ou mesmo utilizar um dos que ele trazia em uma pasta, repleta de obras teatrais em língua portuguesa.

Eu, que hoje me coloco a pesquisar esse momento histórico, já havia conhecido o trabalho do diretor em outros anos, como espectador de peças teatrais, e era naquele momento um dos estudantes a ouvir as explicações sobre como participar do Festival. Lembro de ter olhado para aqueles impressos e avaliado que seria mais fácil escrever uma peça. E assim, apresentei a proposta de escrita e perguntei os prazos, que seriam curtos, mas possíveis.

Poucos dias depois, já no Teatro Barracão para uma oficina de novos atores, apresentei um apanhado de falas com pouco mais de dez páginas, que eu havia escrito com um amigo - que mais tarde se tornou meu colega de palcos e de vida - chamado Rafael Giorgetti (1982). A peça se chamava Insanos (1996),

contava a história de dois psicóticos em um ala psiquiátrica a se aventurarem em suas alucinações e contestarem o sistema capitalista a partir de sátiras a comerciais de televisão e jargões de políticos de um país em crise.

Sair do ambiente escolar era uma vitória para os estudantes naquela época. Numa escala regional, no oeste do Paraná da década de 90, em meio a um volume surpreendente de jovens entre 12 e 16 anos¹⁵, com taxas de mortes violentas dessa população igualmente altíssimas, criando um ambiente de difíceis perspectivas. Esse cenário, permitia o não estranhamento das densas obras de Bortolotto, cujos exemplos serão apresentados no início de cada capítulo deste trabalho, flutuantes também em um território realista de violência urbana, em um ambiente distante do território, a metrópole, e de seu público cativo, os adultos que flertavam com os movimentos *undergrounds*, como apontou VIEIRA (2010):

É interessante percebermos que ao relacionarmos a vivência de Mário Bortolotto (aqui visto como representante de uma geração de artistas que se colocam à margem do "produto cultural" e se afastam como podem do mercado de consumo) com a vivência dos boêmios, como intelectuais que se afastavam da utopia do trabalho e da acumulação de riquezas, notamos significativas afinidades. Seres cuja vivência social tem características da boemia - vista aqui sem a conotação pejorativa que parece perseguir estes grupos¹⁶ fazem parte do universo pessoal de Mário Bortolotto, que vive em um nicho social urbano onde a vida noturna é efervescente¹⁷. (Vieira, 2010, p. 23)

A aderência parecia ser fácil com os jovens da cidade. Mas não poderia ser diferente, uma vez que essas obras compunham o repertório do diretor teatral Roberto Vieira Virgínio, o Beto, amigo pessoal e parceiro de Mário na fundação da Companhia Cemitério de Automóveis, criada em Londrina e radicada na capital paulista. Por isso esses textos estavam presentes naquele momento, pois era o repertório trazido para a cidade, uma vez que não há relatos de dramaturgos ou mesmo escritores de peças vivendo em Foz do Iguaçu até 1990.

¹⁵ Segundo estatísticas do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico (IPARDES). Disponível:

<https://www.ipardes.pr.gov.br/sites/ipardes/arquivos_restritos/files/documento/2020-04/RP_imagens_estatisticas_1990_11_1991.pdf>. Acesso em 08 dez. 23.

¹⁶ O comportamento dos denominados outsiders, desperta uma reação da própria sociedade que deseja punir os transgressores ou então pedagogicamente enquadrá-los.

¹⁷ A região central de São Paulo é conhecida também por ser repleta de bares e casas noturnas.

Essa combinação de tempo e espaço, textos disponíveis, um diretor disposto à montagem, jovens estudantes e profissionais de educação dispostos à participação, bem como um Poder Público permeável à ideia de um festival de teatro na cidade, provavelmente garantiu a instauração da Mostra e uma década de existência. O teatro indo à escola, como veremos nos próximos capítulos, oferecia um sopro de mundo exterior à educação formal, internalizada nas escolas e colégios tradicionais da cidade de Foz do Iguaçu na década de 90.

Dessa forma, depois da discussão sobre alguns conceitos que permeiam o teatro e sua relação com a História Cultural, bem como analisados os contextos da arte teatral no Brasil e sua relação com o momento histórico, é possível agora avançar para os resultados da pesquisa de campo em busca de documentos. Para tal, foram levadas em consideração a natureza e a profundidade dos arquivos obtidos, bem como uma análise crítica de seus conteúdos e do contexto inserido, apresentando fatos e interpretações.

3. COMO COMEÇOU E QUAIS O DESDOBRAMENTOS DO FESTIVAL?

(Leila Baby)

A peça, também de Mário Bortolotto, *Leila Baby* (1986), dirigida por Roberto Virgínio em uma montagem iguaçuense (1995), com atuação de Kleber Garcia (1980) e Débora Barros (1980), aparenta ser a mais conhecida e celebrada montagem da história do Festival Intercolegial de Peças Curtas de Foz do Iguaçu.

A obra conta a história de uma jovem estudante que abrigou em sua casa um indivíduo desconhecido, de estilo *underground*, estabelecendo uma relação cênica que, no decorrer do texto, a faz viver com ele um romance e o processo de desconstrução de valores morais de familiares. A peça foi vencedora da maior parte das categorias adultas na edição de 1995 e representou a cidade em festivais do Paraná e até de uma Mostra Latino-americana, em Assunção, no Paraguai.

A proposta de encenar *Leila Baby* foi do próprio diretor e produtor do Festival, o Beto, de nome Roberto Vieira Virgínio (1962), nascido em Londrina, norte do Paraná, e onde presidiu o grupo Cemitério de Automóveis. Beto se estabeleceu em Foz do Iguaçu no início dos anos 90, onde constituiu família com a atriz Mirá Rocha (1963), com quem tem duas filhas, Maria (1995) e Valentina (1997). Seu companheiro de trajetória teatral, Mário Bortolotto (1962), seguiu conduzindo o Cemitério de Automóveis e se tornou um reconhecido dramaturgo, vencedor dos prêmios Shell¹⁸ (2000) e APCA¹⁹ (2000), os maiores do teatro brasileiro.

Em uma ocasião, em 1990, segundo contou o próprio Beto no estudo *Teatro Barracão de Foz do Iguaçu: reinvenção e sustentabilidade na Região de Fronteira* (CASTILLO, 2022), sua Companhia esteve em Foz do Iguaçu, participando do *Festival Nacional da Cidade das Cataratas*, uma Mostra que tentava se consolidar, mas que já se projetava no circuito paranaense e brasileiro.

Depois da apresentação, em conversas de bastidores com organizadores e gestores públicos, Beto recebeu um convite da Fundação Cultural para se estabelecer temporariamente e desenvolver um projeto de teatro nas

¹⁸ Criado em em 1988, constitui o mais concorrido prêmio do teatro brasileiro.

¹⁹ Criado em 1956, pela Associação Paulista dos Críticos de Arte, é o prêmio mais tradicional do teatro de São Paulo

escolas. Aceitou a proposta e constituiu uma ação complementar ao projeto *O Teatro Vai à Escola*, do Governo do Estado, à época comandado pelo então governador Álvaro Dias, que contemplava também a construção de espaços cênicos de baixo custo para o atendimento a demandas imediatas.

CASTILHO (2022) detalha esse movimento político que buscava melhorar a infraestrutura cultural do estado e, por conseguinte, ampliar a programação nas cidades paranaenses:

Tratava-se de um projeto desenvolvido pelo estado do Paraná e idealizado por Constantino Viaro, tinha como objetivo fundamental a construção de infraestrutura teatral de baixo impacto econômico para as comunidades que ainda não tivessem um teatro principal como, por exemplo, em Foz do Iguaçu. A ideia era construir estruturas de madeira de eucalipto, montadas como espécies de quebra-cabeças e que resultassem em ações imediatas. (...) Constantino Viaro visualizou a necessidade de levar as artes para outras regiões do Estado, entendimento que decorreu de sua experiência como fundador e presidente da Fundação Cultural de Curitiba e, posteriormente, da gestão desenvolvida por sete anos como diretor da Fundação Teatro Guaíra, onde o foco estava determinado pelas atividades musicais, como óperas. As ações que ele desenvolveu revelaram sua visão de que, no Estado, muitas cidades e regiões estavam carentes e isoladas, ou negadas, involuntariamente, destas atividades. O teatro requeria, com urgência, uma atividade que pudesse ser desenvolvida na praça, na rua, na igreja e no bairro, por isso, o projeto foi pioneiro no interior do Estado. (Castilho, 2022, p. 266-267)

O projeto acontecia ao longo do ano, coincidindo com os calendários escolares, e tinha como fechamento, em meados de novembro, um grande encontro das escolas participantes, tema central desta pesquisa, o *Festival Intercolegial de Peças Curtas* (1991). Tratava de uma espécie de olimpíadas estudantis numa versão cultural, onde escolas particulares e públicas montaram verdadeiros times de atores e atrizes, acompanhados por professores e professoras que selecionavam textos, organizavam ensaios, planejavam cenários, trilhas sonoras, figurinos e até coreografias e levavam à cena trabalhos que passariam pelo crivo do público, da imprensa e de jurados. Além de cuidarem de questões logísticas para o transporte tanto de elencos como de plateias durante o período de apresentações.

Como Foz do Iguaçu não contava - e ainda durante a escrita desta pesquisa não conta - com uma sala teatral tecnicamente adequada, a primeira edição do Festival aconteceu no chamado Cine Iguaçu, sala de cinema localizada no

Centro de Foz do Iguaçu, e que, anos depois, foi transformado em templo religioso e, atualmente, segue fechado e desativado, sendo seu estado de conservação desconhecido e suas perspectivas de uso futuro pouco motivadoras à cidade.

No entanto, a primeira edição do Festival aconteceu nos dias 24, 25 e 26 de outubro de 1991, quinta, sexta e sábado, recebeu as inscrições de ao menos 16 colégios e escolas da cidade, tendo a participação efetivada por 14 entidades, com peças adultas e infantis, encenadas em sequência.

Conforme o programa da primeira edição (IMAGENS 3, 4 e 5), a abertura ocorreu com a companhia A Trupe, de Curitiba, encenando a peça Jack Jones & Tobias Brow, e outras 18 peças foram encenadas, com sessões sequenciais durante as três tardes do Festival.

Imagem 3 – Capa do Programa da primeira edição do Festival



Fonte: Acervo pessoal Roberto Virgínio, 1991

Imagem 4 – Contracapa do Programa da primeira edição

ESCOLAS PARTICIPANTES

Colégio Estadual Monsenhor Guilherme CAESP - Centro de Atividades Educacionais Saci Pererê

Colégio Agrícola Daniel Pereira Pena ^{2º}
MANOEL MORRIRA FENA

Colégio São José ^{3º}

Colégio São Luiz

Colégio Estadual Três Fronteiras ^{1º}

Colégio Estadual Almirante Tamandaré

Colégio Estadual Barão do Rio Branco

Colégio Estadual Bartolomeu Mitre

Colégio Estadual Castelo Branco

Colégio SIEC


~~Colégio Estadual Tancredo Neves~~

~~Colégio Estadual D. Pedro II~~

Colégio Estadual Juscelino Kubitschek

Colégio Costa e Silva

PROMOÇÃO



PREFEITURA MUNICIPAL

Fundação Cultural Foz do Iguaçu

GRUPO TEATRAL FOZ

Apoio:

RODISI - Construções Civis Ltda.
Av. Juscelino Kubitschek, 600
Fone: (0455) 73-3970 - Foz do Iguaçu - Pr.

Latina Grafica e Editora Ltda
Av. Costa e Silva, 3025 - Tel/Fax: (0455) 73-4770
CEP. 85.890 - Foz do Iguaçu - Paraná

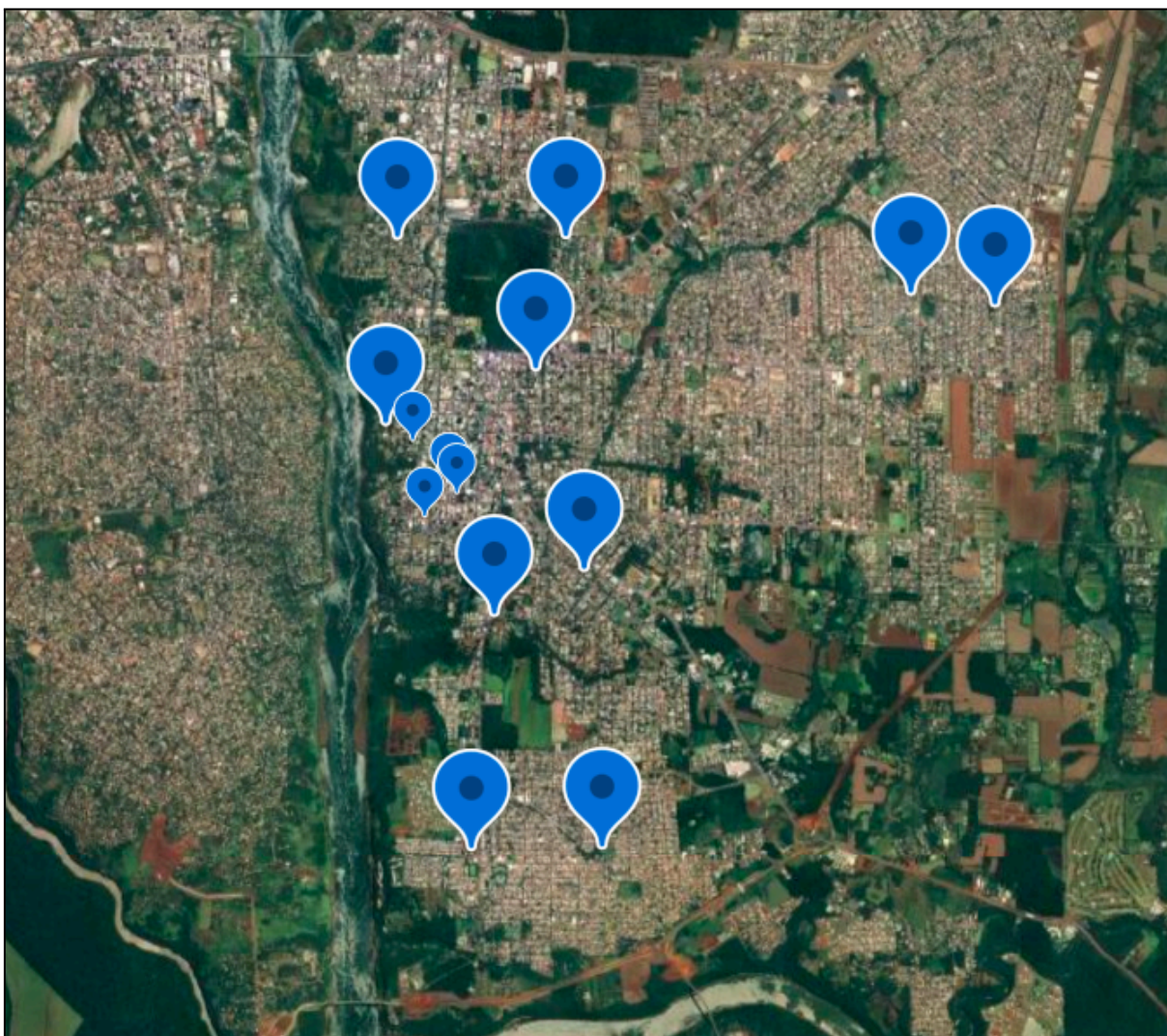
Fonte: Acervo pessoal Roberto Virgínio, 1991

Nas imagens, também é possível se observar a diversidade de colégios participantes, de ao menos sete bairros da cidade e, apesar da concentração de instituições educacionais participantes na região central, e considerando as condições de mobilidade urbana da época, bem mais precárias que as atuais, era possível se observar uma importante distribuição territorial, como aponta o infográfico 1.

Para a elaboração do infográfico, foi considerada a localização dos colégios à época (1991), tendo em vista que duas instituições já são extintas,

aplicada à atual base territorial disponível na plataforma Google Earth (2024). Sendo assim, há uma distorção entre o adensamento urbano atual com o do início dos anos 90, quando bairros inteiros contemporâneos à escrita deste trabalho não existiam, dando lugar a grandes vazios urbanos, o que, todavia, não invalida a intenção de apresentar o mais próximo da realidade a distribuição espacial apontada.

Infográfico 1 – Distribuição territorial de participantes da Edição 1 do Festival Intercolegial de Peças Curtas.



Fonte: o autor, 2024

Outra distribuição importante é a de entidades e empresas envolvidas na primeira edição da Mostra: A Prefeitura e a Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, o Grupo Teatral Foz, organizador do evento, além de uma gráfica é uma

construtora, apoiadores com serviços gráficos, logísticos, alimentos para os elencos e equipes e até patrocínios em dinheiro.

Imagem 5 – Programação da primeira edição - interna

<p>PROGRAMAÇÃO:</p> <p>Quinta-Feira: 24/10/91 - 13:30 hs</p> <p>ABERTURA: <i>Apresentação especial "Jack Gomes & Tobias Brow" "A TROUPE" (Curitiba).</i> - COLÉGIO MONSENHOR GUILHERME <i>"Floresta Primavera" /Texto do Grupo.</i> - CAESP <i>"Uma lenda de Nata" /Autor desconhecido</i> - COLÉGIO AGRÍCOLA <i>"A guerra do Kuwait" /Texto do Grupo.</i> - COLÉGIO SÃO JOSÉ <i>"O julgamento" /adaptação bíblica.</i> - COLÉGIO SÃO LUIZ <i>"Fica Frio - Uma road peça" /autor: Mário Bor- toloto.</i> - COLÉGIO BARÃO DO RIO BRANCO <i>"Os meninos da rua da praia" /Sérgio Capareli</i></p> <p style="text-align: center;">*****</p> <p>Sexta-Feira: 25/10/91 - 13:30 hs</p> <p>- COLÉGIO TRÊS FRONTEIRAS <i>"O médico" /autor: Moliere.</i> - COLÉGIO MONSENHOR GUILHERME <i>"Cientista Maluco" /Texto do Grupo.</i> - COLÉGIO ALMIRANTE TAMANDARÉ <i>"O Grupo" /Texto do Grupo.</i> - COLÉGIO BARÃO DO RIO BRANCO <i>"Capitães da Areia" /autor: José Amado.</i> - COLÉGIO SÃO JOSÉ <i>"A Crucificação" /texto bíblico.</i> - COLÉGIO BARTOLOMEU MITRE <i>"O vigário e o vigarista" /Texto do Grupo.</i></p>	<p>Sabado: 26/10/91 - 13:40 horas</p> <p>- COLÉGIO SIEC <i>"As irmãs gregas" /autora: professora Cláudia</i> - COLÉGIO BARTOLOMEU MITRE <i>"A decepção das drogas" /Texto do Grupo</i> - COLÉGIO CASTELO BRANCO <i>"Calamidades Brasileiras" /Texto do Grupo.</i> - COLÉGIO TANCREDO NEVES <i>"Escolha sua face" /Texto do Grupo.</i> - COLÉGIO D.PEDRO II <i>"Poema do Medo" - "A última flor".</i> - COLÉGIO JK <i>"Vitória Régia" /Texto do Grupo.</i></p> <p style="text-align: center;">ENTREGA DE PRÊMIOS E ENCERRAMENTO:</p> <p style="text-align: center;">Apresentação especial "A Cherosa" /Grupo Teatral C.J.C. (Foz do Iguaçu).</p>
---	--

Fonte: Acervo pessoal Roberto Virgínio, 1991

Também, por conta de seus apenas três dias, comparando com o outros programas encontrados, de outros anos em que aconteceu o Festival, a primeira edição foi a mais curta de todas, com peças concentradas apenas no período da tarde, com duração máxima de 30 minutos cada uma.

Esse modelo, apesar de parecer caótico, por conta das montagens e fluxos nos camarins e coxias, garantiu o público para a Mostra, fazendo com que o elenco de uma peça fosse o público das outras, permitindo a presença de plateia no Cine Iguaçu, na época com 1.200 lugares²⁰.

A primeira edição foi também celebrada pelo Poder Público local. Em uma nota publicado em materiais de divulgação e também encontrada na imprensa, o então presidente da Fundação Cultural, Nadir Rafain (1950) fala sobre a idealização do projeto e a respeito do caminho percorrido junto aos colégios para chegar à realização do Festival, destacando as quatorze instituições participantes e indicando o número de peças encenadas (dezoito) e os estudantes envolvidos, aproximadamente 150.

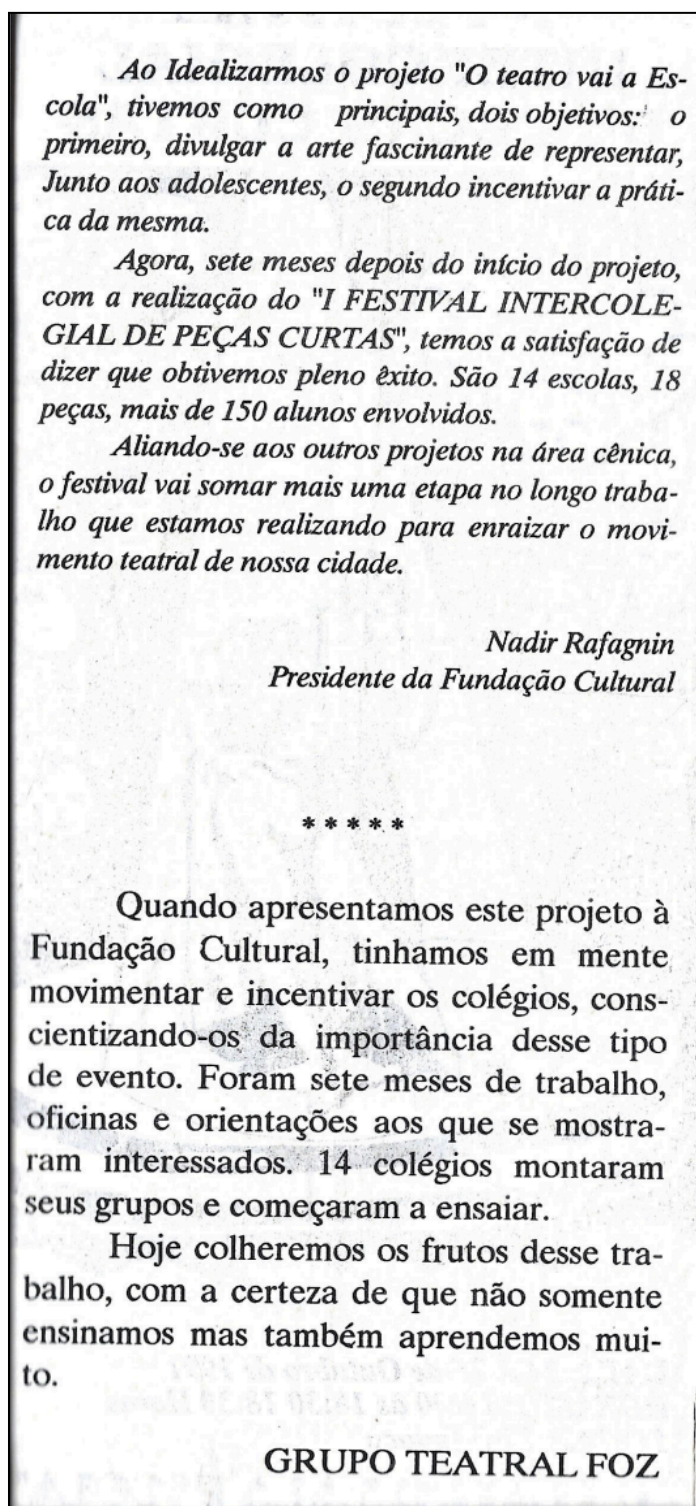
Também, como observado na IMAGEM 6, uma nota assinada pelo Grupo Teatral Foz, ao qual Beto fazia parte como um dos coordenadores, apontava a relevância do trabalho junto aos colégios, que teria levado sete meses, no processo de ensino e aprendizagem proporcionado pelo Festival.

Esse documento indica como havia sinergia entre produtores culturais envolvidos e Poder Público, mistura fundamental para que, nas condições políticas, econômicas e sociais já apontadas, a criação de um movimento teatral duradouro pudesse acontecer na cidade, se sustentar ao longo dos anos e das gestões municipais e, ainda, ser incorporado como narrativa de projeto e política pública cultural não só nos ambientes políticos ou escolares, mas também às camadas mais populares da sociedade.

²⁰ Fonte:

<

Imagem 6 – Nota do Poder Público e do Grupo Teatral Foz



Fonte: Acervo pessoal Roberto Virgínio, 1991

Na nota, observa-se uma intenção do Poder Público Municipal, como mecenas, querer se apropriar das marcas *O Teatro Vai à Escola* e *Festival*

Intercolegial de Peças Curtas, sendo a primeira originalmente do Governo Estadual e a segunda do próprio Grupo Teatral Foz, produtor do evento, que na nota que assina abaixo do texto da Prefeitura, explicita ter levado a ideia do Festival ao Governo.

Antes deste trabalho avançar em outros documentos, é preciso se falar sobre o tratamento dado às peças encontradas. Também, e ainda antes, é preciso se apontar o apagamento público do Festival, uma vez que não foram encontrados registros ou acervos públicos sobre a Mostra, nem artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações ou teses, inclusive na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBT), onde a busca textual não apontou resultados.

Por Foz do Iguaçu não apresentar uma sistematização adequada de seus acervos e patrimônio, não possuir em suas carreiras do serviço público municipal cargos de arquivologista e áreas afins para o setor cultural e também não possuir uma estrutura cultural adequada, como um prédio projetado para funcionar como arquivo e biblioteca pública ou mesmo um museu com espaço para conservação de acervos, não há paradeiros de materiais sobre o Festival.

Além disso, os trabalhos acadêmicos envolvendo as temáticas teatrais são, em absoluta maioria, posteriores à instituição da Universidade Federal da Integração Latino-americana, sendo o Festival praticamente desconhecido da comunidade acadêmica, situação que, também, o presente trabalho pretende começar a reverter.

Dessa forma, à medida em que a pesquisa avançou, inúmeros materiais foram sendo descobertos guardados em acervos particulares, sendo necessário um trabalho de catalogação e escolha dos documentos a serem utilizados ao longo do trabalho. A busca e coleta desses materiais, em diligências à casa do Beto e de participantes que ainda residem na cidade, como Rafael Giorgetti (1982) e Debora Barros (1980), além de acervo pessoal do autor.

Ao menos, 105 peças documentais foram digitalizadas e catalogadas, sendo uma parte relevante utilizada na confecção desse texto. A tabela 1, abaixo, apresenta um panorama qualitativo e quantitativo desse material.

Tabela 1 – Documentação encontrada e digitalizada

Documentação digitalizada	Quantidade encontrada	Quantidade utilizada	Acervos
Relatórios, Documentos Oficiais e Certificados	21	17	Acervo Roberto Virgínio
Materiais de imprensa, incluindo matérias, notas, entrevistas e críticas	34	19	Acervo Roberto Virgínio
			Acervo do autor
			Imprensa local
Cartazes, Programas e materiais gerais de divulgação	18	8	Roberto Virgínio
			Acervo Rafael Giorgetti
Fotografias	32	2	Acervo Roberto Virgínio Acervo Rafael Giorgetti Acervo do autor Acervo Débora Barros
Total	105	46	

Fonte: o autor, 2024

A escolha de utilização dos materiais, bem como a exclusão da utilização das fotos para o presente estudo, foi baseada nas informações sobre fontes e datas. Muitos documentos, especialmente recortes de jornais, estavam em condições precárias e sem referências à edição ou mesmo ao veículo em que havia sido publicado.

Outro ponto relevante foi a repetição de documentos. Para além dos 105 materiais citados, 38 cópias foram encontradas, sendo também não utilizadas e não catalogadas. Dentre os 49 documentos escolhidos, foi feita também uma distribuição temporal, expressa na tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição dos materiais utilizados por edição do Festival

Edição	Relatórios, Documentos Oficiais e Certificados	Cartazes, Programas e materiais gerais de divulgação	Programas e materiais gerais de divulgação	Fotografias	Total
1991		1			1
1992	1	2	1		4
1993	3	1	6		10
1994	2				2
1995	4	1	2		7
1996	3	1	9	1	14
1997		1	1	1	3
1998	4				4
1999					
2000					
Total	17	7	19	2	45

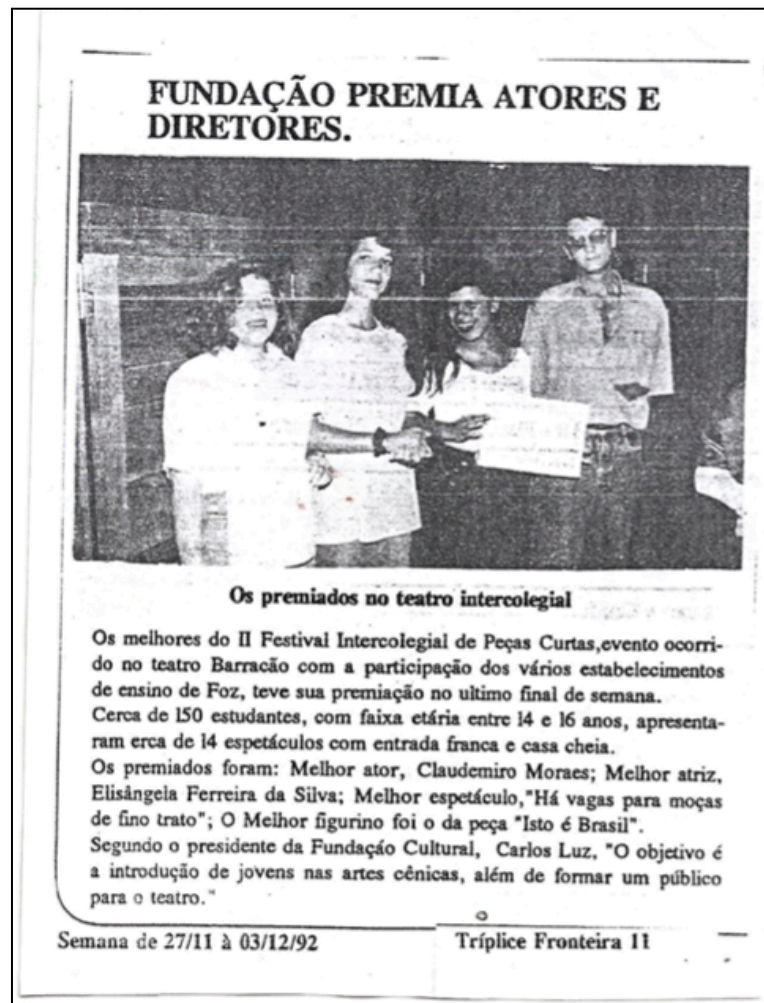
Fonte: o autor, 2024

Cabe citar que número de *Cartazes, Programas e materiais gerais de divulgação*, e conseqüentemente o número total de documentos utilizados, apresentados na Tabela 2, divergem dos apresentados na Tabela 1 por conta da inserção de um documento da edição de 2001, que poderia ser considerada a edição número 11 do Festival, mas ocorreu com outro nome *Festival Intercolegial de Teatro*, sem a coordenação de Beto, que havia tido contrato suspenso pela Fundação Cultural. Tal descontinuidade gerou, inclusive, uma contenda judicial - a ser apresentada no capítulo 3 do presente trabalho - pelo nome *Peças Curtas*, de propriedade de Beto.

Retomando a trilha das edições do Festival, em 1992 os trabalhos foram continuados já no início do ano, em meados de fevereiro, e novamente as escolas foram chamadas a organizarem seus grupos e a receberem as oficinas

preparatórias para o Festival. Os chamamentos eram feitos pelos jornais impressos da época e também por cartazes em locais públicos, além de visitas dos organizadores às escolas que haviam participado da primeira edição.

Imagem 7 – Cobertura da imprensa das primeiras edições do Festival



Fonte: Jornal Tríplice Fronteira, 1992

Na cobertura da segunda edição, apresentada pelo jornal Tríplice Fronteira em 1992, em destaque na Imagem 7, é possível se observar a quantidade de estudantes envolvidos (150) e espetáculos apresentados (14), além de constar a observação "com casa cheia". Considerando a capacidade do Teatro Barracão, de 196 lugares, se a informação estiver correta, podem ter passado pela plateia do Festival mais de 2.000 pessoas.

Ao longo de suas edições, o Festival também mobilizou a imprensa local, que à época contava com uma quantidade expressiva de jornais impressos diários e semanais, noticiando a preparação, as estreias, as programações e as premiações, bem como apresentando críticas às peças e, inclusive à atuação das bancas julgadoras.

Paralelo a esse movimento, Foz do Iguaçu vivia de grandes expectativas nesse período, por conta da ampliação do ciclo econômico de compras na fronteira e do avançar das obras de Itaipu, que já funcionava parcialmente²¹ produzindo robusta quantidade de energia elétrica para os mercados brasileiro e paraguaio, já apontando como a maior produtora de energia elétrica do planeta.

Além disso, a cidade experimentava um volume territorial ocupado e populacional novo, com cerca de 195 mil habitantes²², bem maior do que o número de 40 mil pessoas que viviam na cidade 20 anos antes, crescimento que trouxe novas perspectivas e desafios urbanos, dentre eles no campo da cultura.

Outro estudo, que resultou na tese de doutorado *Formação Econômica e Social de Foz do Iguaçu: um estudo sobre as memórias construtivas da cidade (1970-2008)* (2009), aprofunda ainda mais a relação entre a construção da Usina de Itaipu e o desenvolvimento econômico, bem como os passivos sociais envolvidos.

(...) o projeto do Governo Federal de construir Itaipu representou uma oportunidade de crescimento, por meio de investimentos na infraestrutura necessária ao desenvolvimento do turismo. (...). A construção da usina impulsionou, significativamente, o crescimento dos setores comercial e de serviços. (Souza, 2009, p. 177).

Ainda, como apontou um estudo *Desenvolvimento Histórico Turístico Estudo de Caso: Foz do Iguaçu* (2010), a diversidade cultural sempre foi um elemento presente na região, o que também pressionaria o Poder Público a agir nesse campo.

²¹ Em 1992, 18 unidades geradoras de Itaipu já estavam em plena operação. A Usina só foi efetivamente concluída em 2006, pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

²² Dados do IBGE apontando o crescimento de Foz do Iguaçu. Disponível em: <https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_1992/estimativa_populacao_1992.pdf>. Acesso em 12 nov. 2023.

Os visitantes que chegam em Foz do Iguaçu se surpreendem com a cultura das 80 etnias que compõem a população local. A região é um exemplo para o mundo de convivência pacífica entre povos de diferentes costumes e nacionalidades. (Martins e Ruschmann, 2010. p. 14)

Apesar da relevância para a narrativa aqui presente, o fragmento acima precisa ser observado a partir de um olhar crítico, uma vez que Foz do Iguaçu, apesar do discurso de um espaço cosmopolita, tem sido marcada ao longo de sua história com ataques de cunho xenofóbico com algumas etnias, inclusive com assassinatos de migrantes, registrados nos últimos anos.

Apontada essa crítica, é importante mencionar o quanto a cidade, que vinha há quase duas décadas então ganhando diversidade e contingente populacional, já via crescer uma primeira geração de jovens naturais da cidade ou que, mesmo vindo de outras localidades, estavam constituindo uma possibilidade de vida - e não apenas de curta permanência - na região e buscavam atividades de lazer, esporte e entretenimento, ainda escassas na cidade ou limitadas a setores de maior renda e com acesso a meios de locomoção particulares.

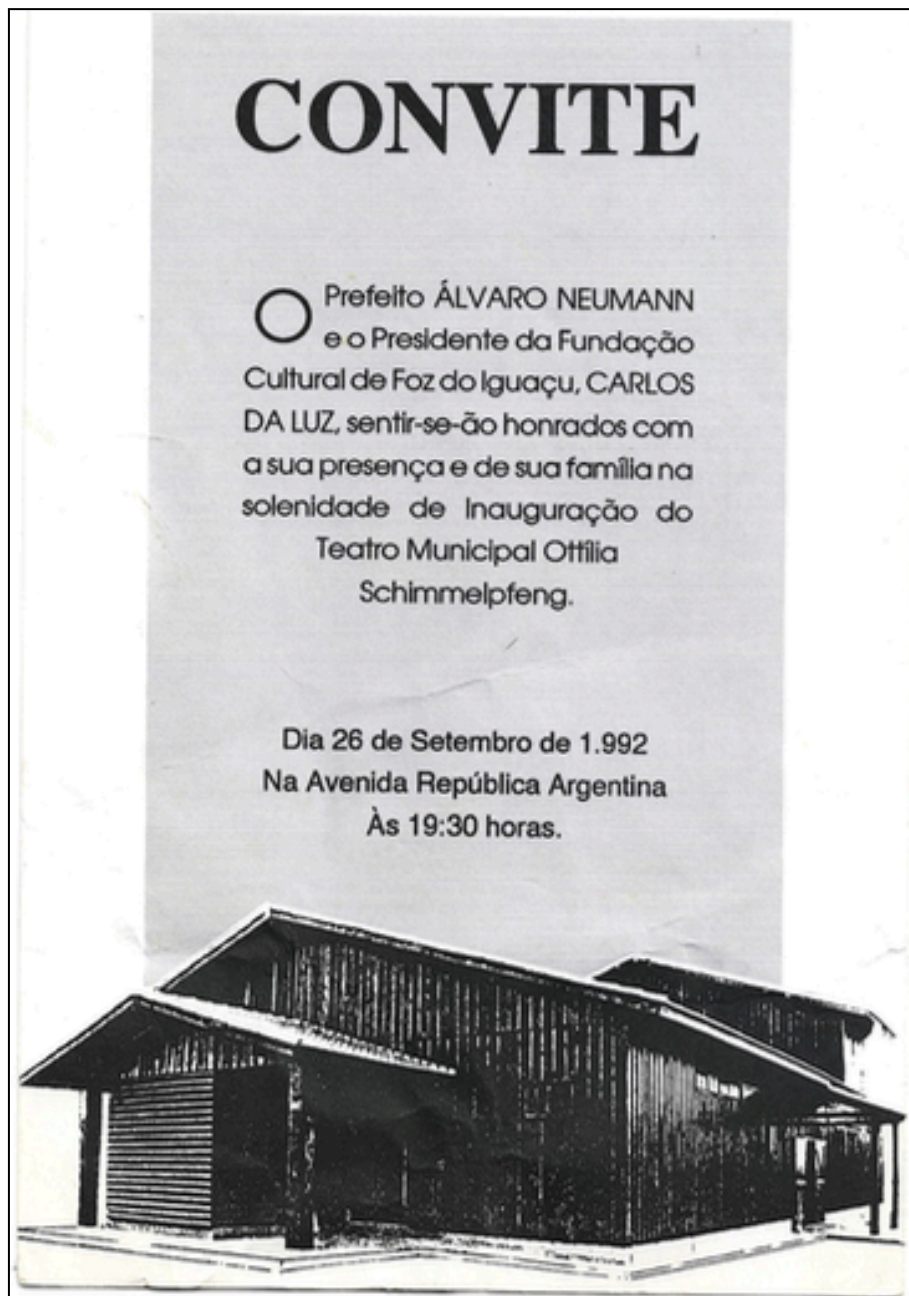
No entanto, para a maior parte da população, composta por famílias operárias da construção civil ou de renda oriunda da informalidade, restavam poucas - quando nenhuma - opção de divertimento. Assim, e já identificando esse passivo social, em especial no campo cultural, a cidade foi escolhida para abrigar alguns projetos de âmbito estadual e, assim, a segunda edição do Festival aconteceu no local onde seria sua casa também em todas as próximas edições: o Teatro Barracão.

Essa ideia ficou bem delimitada no estudo apresentado por CASTILHO (2022), que atualmente é professor de teatro na cidade, em um artigo sobre o tema:

Nasceu a ideia do Teatro Barracão para diferentes regiões do Paraná, em parceria com o Banco Banestado, entidade financeira que forneceu um total de 70 mil reais (aproximadamente o que seria o valor atualmente) para respaldar o planejamento. É importante destacar que, neste período, estabeleceram-se uma série de políticas públicas e a possibilidade de ampliar as formas de distribuição de recursos entre artistas e instituições para chegar à população com a maior quantidade de trabalhos, assim como de formar públicos que se interessassem e assistissem às atividades culturais. Mas o interesse era de transformar a atividade artística em uma possibilidade autossustentável que subsidiasse o artista em condições de emprego, com segurança social, e ajudar a desenvolver novas linhas de experimentação e espaços de criação em cada município. (Castilho, 2022).

A inauguração do Teatro Barracão ocorreu em 26 de setembro de 1992, com o nome de Teatro Municipal Otília Schimmelpfeng, tendo havido um movimento pessoal do próprio Beto para que o espaço ficasse pronto para os ensaios das peças colegiais e para o Festival, programado para novembro. Na ocasião da inauguração, a praça em frente ao espaço ainda não possuía estrutura de calçadas e o acesso de plateias ainda era feito por terra e grama.

Imagem 8 –Convite para inauguração do Teatro Barracão



Fonte: Castilho, 2022

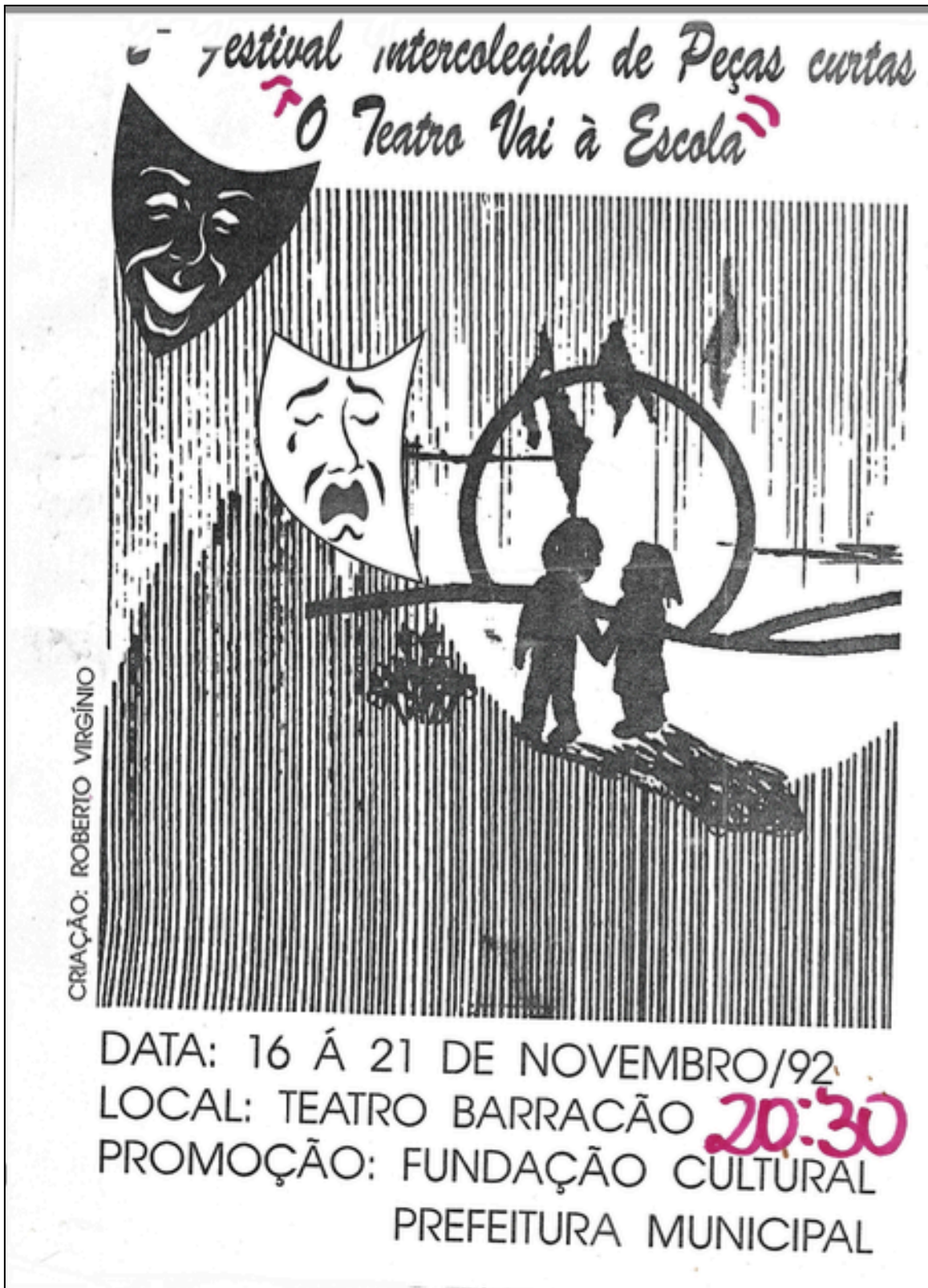
Otília Schimmelpfeng, que deu nome ao teatro, foi uma das pioneiras da cidade, fazendo parte de uma família empresarial tradicional ainda nos dias de hoje. Ela foi uma das responsáveis por relatos históricos sobre o desenvolvimento de Foz do Iguaçu antes da construção da Usina de Itaipu e, à época, representava à sociedade iguaçuense um exemplo de independência feminina, pois foi a primeira mulher a dirigir um automóvel na cidade, além de ter acompanhado e relatado em um livro o primeiro pouso de um avião na região.

Segundo relatos dos participantes da noite da inauguração, inclusive de Roberto Virgínio, a própria Otília esteve presente na inauguração do Teatro, sentada na primeira fileira de cadeiras da nova sala. Ela faleceu, anos depois, em 1995, em Curitiba. A cerimônia de lançamento do Teatro Barracão, de certa forma, segue sendo um marco para Foz do Iguaçu e há, no momento presente, uma atuação conjunta de historiadores e de conselheiros do patrimônio histórico para que se avance o processo de tombamento da edificação como parte do patrimônio histórico e cultural de Foz do Iguaçu.

No entanto, apesar de seu valor histórico, o teatro não é uma estrutura cênica adequada para a maioria das apresentações teatrais e, mais de três décadas depois de sua inauguração, Foz ainda não conta com um Teatro Municipal, cabendo ao antigo teatro de madeira, em processo de deterioração e sem manutenção adequada, o símbolo da resistência e o título de a única sala teatral pública da Prefeitura de Foz do Iguaçu.

Menos de dois meses depois da entrega do Teatro, o Festival tinha início com sete dias de apresentações e atividades culturais, mais que o dobro da primeira edição, apontando para uma tendência de consolidação do movimento por ele gerado. Com cartazes espalhados por colégios e prédios públicos, bem como com a apresentação nos períodos da tarde e da noite, sendo às tardes reservadas às peças infantis e às noites às peças adultas.

Imagem 9 –Cartaz da segunda edição do Festival, a primeira no Barracão



Uma das marcas desse movimento teatral foi a estratégia de se comunicar e atrair plateias. A equipe de produção do Festival conseguiu criar uma logística eficaz de divulgação, garantindo público para a maior parte das peças, seja por presença espontânea, seja pela mobilização de escolas e até a cessão de ônibus coletivos para deslocamento de estudantes.

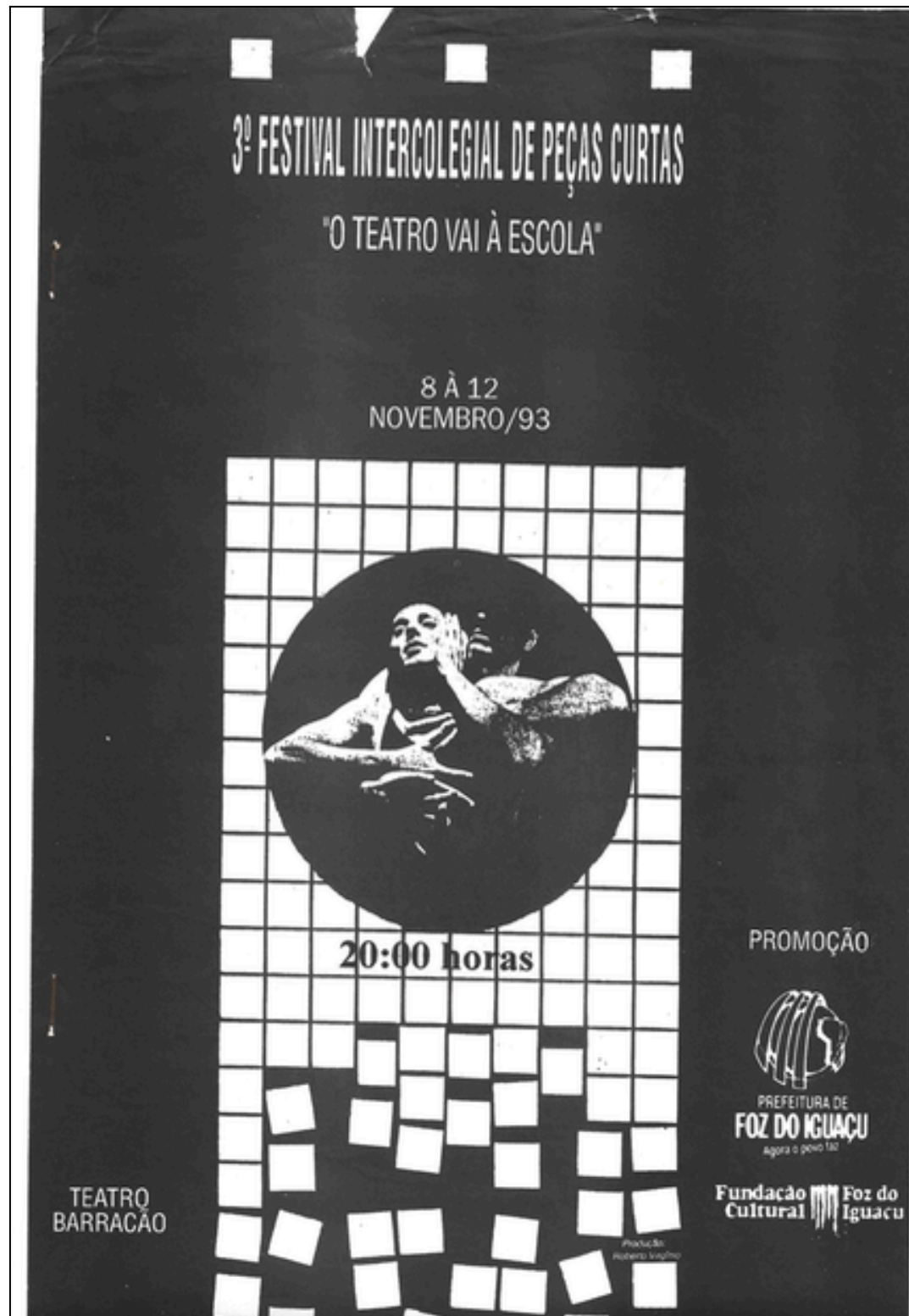
Relatórios oficiais, como o encontrado no Anexo 1 deste trabalho, apontam para edições com mais de quatro mil espectadores, entre pagantes e gratuidades. O documento mostra também como foi a distribuição de público nas peças encenadas e traz os nomes das pessoas do júri, de quem recebeu as premiações e as menções honrosas, sendo o anexo em questão o mais completo relato de uma das edições do Festival, além de se constituir como um documento oficial do Poder Público à época.

Outro aspecto relevante quando se qualifica a importância dos documentos é citar terem sido os cartazes como elementos marcantes do Festival. Eles, juntamente com os programas impressos, fizeram parte de todas as edições do Festival e permitiram o registro tanto de datas e horários dos acontecimentos até quais escolas participaram, quais peças foram encenadas e quais os autores dos textos.

Vale destacar que, ao longo deste e de outros capítulos, a pesquisa seguia em uma linha de tipo documental e não rigidamente cronológica, buscando facilitar o entendimento do papel do Festival no contexto da história cultural de Foz do Iguaçu e não criar uma linha do tempo ou mesmo uma narrativa linear, apesar de se tratar de uma pesquisa histórica. O recorte temporal, nesse caso, ficaria em torno da década de 1990 e não de ciclos anuais.

A escolha por essa condução se deve também aos furos temporais nos documentos, com grande concentração de materiais em algumas edições e a absoluta carência em outras, resultado do perfil das fontes encontradas, pessoas com idades diferentes e, portanto, que participaram do movimento em anos diferentes.

Imagem 10 –Cartaz da terceira edição



Fonte: Acervo pessoal Roberto Virgínio, 1991

Foi encontrado, dentre documentos, em especial, o programa da edição de 1996, um importante relato de toda uma edição do Festival, bem como suas especificidades no campo artístico e cultura, apresentado na forma de um pequeno jornal com quatro páginas (IMAGENS 11, 12, 13 E 14), trazendo informações sobre as principais peças (todas adultas, sendo duas de autoria de Mário Bortolotto), com detalhes sobre elenco, direção, cenografia, trilha sonora e outras funções, além de dados sobre a comissão técnica, júri e produção do Festival.

Imagem 11 –Cartaz da sexta edição



Fonte: Acervo pessoal Rafael Giorgetti, 1996

Imagem 12 –Recorte de jornal

Abertura - dia 4/11 (20h30)

"Uma coisa bem bonita"

"Uma coisa bem bonita" é um espetáculo que vem sendo ensaiado à seis meses com a direção de Maurício Vogue, e textos de Marcelo Jorge e Gerson Fragozo.

Os autores tinham o objetivo de criar um texto despretensioso, sem ócio e exclusiva intenção de divertir o público; o texto tem como base, esquemas que satirizam e relembrem programas de televisão e rádio, sem nenhuma ordem cronológica, proporcionando assim, que as atores levem ao palco, desde o



típico programa de rádio novela, telejornal, programa de auditório, até os típicos e corriqueiros programas de tele-vendas.

O texto nas mãos do diretor Maurício Vogue, possui uma linguagem ágil e sensível, e com a atmosfera dos antigos Cabaret. O espetáculo conta ainda com números musicais, composições originais para o espetáculo e coreografias inspiradas nas coreias e vestidas de filmes clássicos como Cabaré e Sweet Charity, com figurinos a temperais específicos para

cada cena. O cenário todo inspirado no estilo Art Nouveau, reforçado ainda mais o clima de Cabaré que a direção pede.

Sendo assim os atores mergulham em um universo de criação, interpretando com versatilidade 22 personagens hilários, entre homens e mulheres, contando ainda com a participação de duas atrizes que reforçam a ideia de Cabaré, interpretando Cigarettes, que recepcionam o público antes do início do espetáculo, bem como interpretando em algumas cenas do mesmo.

A direção inclui toques nostálgicos e lúdicos de forma sutil, remetendo o espectador a mistificar a alma do artista de cada dia. Uma coisa bem bonita, proporcionará ao mínimo, uma mudança no estado de espírito do espectador que entrar para ver o espetáculo.

Elenco

Marcelo Jorge
Gerson Fragozo
Luciane Pereira
Ludmila Mascarella
Direção:
Maurício Vogue

Que seria se o teatro não fosse?

Nunca o projeto "O Teatro Vai à Escola" - Festival Interteológico de Peças Curtas, sentiu uma necessidade tão grande de expandir seus horizontes como neste ano de 1996. E por motivos estritamente óbvios, dentro de sua estrutura surge, agora as inevitáveis "cobranças", mais que justas já que o público adquiriu através dos espetáculos o seu senso crítico, público sem distinção de credo ou raça de



homem mais culto, ao mais humilde, do político ao menino de rua.

E por acreditarem que o teatro não se limita a ser espelho de uma época, mais um meio para modificá-lo, e por exercermos a democracia no sentido de podermos dizer e ouvir o que realmente é verdade, acatamos as críticas produtivas, dos envolvidos, professores, atores, diretores, grupos convidados, críticos etc., e concluímos que a nossa equipe "Fundação Alunos e Professores (de trabalho)" sente a cada espetáculo "apesar as dificuldades" o peso do profissionalismo, os detalhes de colocar um trabalho ao público, e claro que quando se fala de teatro é inevitável a sua expansão; que atingimos este ano incluindo ao projeto outros projetos, como por exemplo "O Teatro na Terceira Idade" que traz aqui, o espetáculo circundando e o N. E. T. QUI DRAMA DO entre alguns da Unidade e Fundação Cultural, que nos mostrará "Nitroglicerina" trabalho totalmente criado e executado pelos alunos atores das duas entidades.

Só nos resta dizer obrigado a todos que direta ou indiretamente nos ajudou no 6º Festival Interteológico de Peças Curtas.

(Roberto Virgílio)

Comissão Técnica



Miriê Pinho - Figueiras, Adoração e Promotor



Mário Jorge Bravinho - Diretor Técnico



Equipe do grupo

Agradecimentos Especiais:

À diretora do Colégio Ulysses Guimarães - Maria Aparecida Rice por nos prestigiar e apoiar, e às demais diretoras do nosso município. Agradecemos também o Núcleo Regional de Educação e todos que nos prestigiam durante todo o ano. Um abraço e até o próximo!!!

Fonte: Acervo pessoal Rafael Giorgetti, 1996

Imagem 13 – Recorte de jornal parte II

Foz de Iguaçu - Novembro/96

Comissão Julgadora do 6º Festival Intercolegial de Peças Curtas

Vilmar Mazzetto

35 anos, natural de Vitorino-PR, filho de Valerim e Tereza, residente em Francisco Beltrão há 24 anos. Fundador do Grupo Teatral Espelho da Vida, onde dirigiu o mesmo durante 11 anos. Diretor geral do Festival Nacional de Teatro que acontece bi-anualmente em Francisco Beltrão. Coordenador e fundador da Mostra de Teatro Estudantil Beltronense. Foi professor de teatro na escola particular São Francisco de Assis durante 3 anos. Fundador do Grupo Teatral Fascinação, hoje Expressão de Vida em Marmeleiro. Ex-diretor do Grupo Teatral



Filhos de Ghendi. Fundador da Companhia de Teatro Théspis. Produtor Artístico da banda Brazil Express. Mais de 50 peças teatrais escritas. Dirigiu mais de 30 espetáculos. Coordenador geral de sintonia da cultura. Ator profissional formado pela Escola de Arte de São Paulo. Carnavalesco e campeão do carnaval/95. Participou de cursos no Paraná, Santa Catarina, São Paulo e demais estados brasileiros. Diretor do filme Morir e Vida Severina, filmado no Sudoeste. Presidente do grupo Voluntários pela Vida de Francisco Beltrão (V-FV). Diretor teatral, escritor, maquiador, ator, coreógrafo, cenógrafo, vitinista, fotógrafo, manequim, balerino, soneleto, iluminador, figurinista, jornalista, cenista, decorador, produtor carnavalesco. Diretor da peça Brincando de Ser Artista. Diretor da peça O Engano. Diretor e escritor da peça Fundo do Poço.

Mauro Welter

Idade: 27 anos - Natural de São Borja, RS. Escolaridade: 3º grad incompleto (2 anos de Jornalismo pela Unisinos - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo - RS. Atividades profissionais desenvolvidas: Começou a carreira de jornalista na RBS TV (filial Rede Globo), sucursal São Borja, RS, onde atuou como repórter durante 6 meses. Logo a seguir passou a desempenhar a mesma função na repetidora da RBS TV em Uruguaiana, onde atuou também como apresentador e editor de telejornal. No período de quase 3 anos em que acumulou as funções mencionadas, fez curso intensivo junto a RBS TV Porto Alegre, que comandou o telejornalismo gaúcho. Há 3 meses em Foz de Iguaçu, atualmente desempenha a função de repórter na Rádio Cultura AM e no jornal Tribuna de Foz.

Antônio França

30 anos, formado em Comunicação Social, na área de Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica (SP). Ex-repórter da Rede Bandeirantes de Rádio e Televisão em São Paulo. Repórter do caderno Cotidiano da Folha de São Paulo, depois assumiu a sub-redação do caderno Agrofolha, no mesmo jornal. Teve rápida passagem por uma oficina de teatro organizado pela Fundação Cesp (Centrais Elétricas de São Paulo). Naquela época, exercia a função de assessor de imprensa no setor de Desenvolvimento e Ação de Projetos Comunitários da Cesp. Em Foz de Iguaçu, foi repórter da Rádio Cultura e do extinto jornal de Foz. Atualmente exerce a função de editor na área de política do jornal Gazeta do Iguaçu, apelidada carinhosamente pelos leitores como a "Gazetinha".

Rogério Martos Pires

20 anos, nascido aos 17 de maio de 1976, em Japira - Paraná. Filho de Paulo Afonso Pires e Maria Lene Martos Pires. Atualmente trabalha com grupos teatrais estudantis em Marmeleiro - Paraná. Participante do Grupo Teatral Espelho da Vida por 4 anos. Ajudou a coordenar 3 edições do Festival Nacional de Teatro de Francisco Beltrão. Vice-coordenador da Mostrebel (Mostra de Teatro Estudantil Beltronenses). Professor de Espanhol e Inglês, Ator da Companhia de Teatro Théspis, Poeta, vice-coordenador da Grãndia de Cultura. Co-produtor do jornal da cultura de Francisco Beltrão. Festivais que participou: Joinville - SC, São João - PR, Pato Branco - PR, Guarapuava - PR, Marechal Cândido Rondon - PR, Marilá - SP, Vitória da Conquista - BA, Jales - SP. Peças que atuou: Não Somos Os Póris - Vilmar Mazzetto, Nôuse - Vilmar Mazzetto, Naufrágio de Iguações - Vilmar Mazzetto, Fundo do Poço - Vilmar Mazzetto, Brincando de ser Artista - Marlene Araújo, O Engano - Maria de Lurdes Martins, Puff o Fantasmilha - Maria Clara Machado, Os Saltimbancos - Chico Buarque e A Viúva - Nelson Rodrigues.

Paulo Mac Donald Ghisi

Formação profissional: Curso primário: Grupo Escolar Julia Wanderlei - Curitiba-PR. Curso ginasial: Colégio Militar de Curitiba-PR. Curso científico: Colégio Militar de Curitiba-PR. Curso superior: Engenharia - Escola de Engenharia da Universidade Federal do Paraná, Curso de Ciências Sociais - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná. Títulos profissionais: Engenheiro Civil e Bacharel em Ciências Sociais. Outras atividades: Presidente do Diretório Acadêmico Rocha Pombo e do Conselho dos Diretores Acadêmicos (CDAs) UFPR - Universidade Federal do Paraná. Sócio fundador e primeiro presidente do Conselho da Adefi - Associação de Desenvolvimento Educacional de Foz de Iguaçu em 1979, participou do Conselho Diretor da Adefi desde sua fundação até 1986. Sócio fundador e presidente durante uma gestão da Associação dos Engenheiros, Arquitetos e Autônomos de Foz de Iguaçu - PR. Presidente do ABC - Futebol - clube de Foz de Iguaçu - PR. Presidente do ABC - Futebol - clube de Foz de Iguaçu - PR. Presidente do ABC - Futebol - clube de Foz de Iguaçu - PR.

Kelly Simone Almeida Viana

Bacharel em Artes Cênicas. Se formou em 1991 na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Alguns de seus trabalhos na área de teatro: As Bruxas - de Arthur Miller (1991 e 1992), Bonitinha mais Ordinária - de Nelson Rodrigues (1993), A Importância de ser Presidente - de Oscar Wilde (1987), Kasper House - (1988), As Preciosas Ridículas - de Moliere (1991). Algumas de suas montagens como diretora teatral: Simbó e Marinho (1993), O Príncipe Feliz - de Oscar Wilde (1995), Zé da Pólvora Verde - de Hilton José Avarenga (1996). Participou do 5º Festival Universitário de Teatro de Blumenau em julho de 1991. Em 1991 trabalhou na rádio estadual em Curitiba na área de rádio-teatro. Ministrou o curso de Proficiência Básica do Núcleo Regional Estadual em Foz de Iguaçu para professores de Educação Artística em 1995. Atualmente trabalha como balerina no Teatro Plaza Foz e ministra o curso de iniciação teatral com montagens de peças infantis e adultas na Fundação Cultural de Foz de Iguaçu.

**Nany Bispo**

Prof. Atriz e Modelo, Esclarecedor, Magistério, Patologia Clínica. Curso: Curso profissionalizante de modelo e manequim, pela Agência Casablanca de Curitiba, duração de 1 ano (1º de outubro de 81 até 15 de outubro de 82). Oficina de teatro, com o diretor Edson Bueno, com duração de 6 meses em 90. Oficina de teatro, com o ator e diretor Cirilo Barrios, duração de 3 meses. Cia e Trabalhos: Aos 9 anos de idade fez minha 1ª oficina de teatro, passando então a fazer parte do grupo Ação Teatro Amador, com que fiz 2 trabalhos que foram: O Testamento do Tio, O Grão de Areia, após este trabalho fui obrigada a me afastar por um período indeterminado por causa da carreira de modelo que ocupava o meu tempo, com viagens, desfiles e vídeos.

**A revolta dos Perus**

Dia 05/11 - 15h

Texto de Carlos Queiroz Teles. Onde através de uma linguagem subliminar, o autor narra a saga da família peruína, que como os funcionários da ABC Paulista protesta contra seus patrões, a família aqui citada protesta contra Deus, o fato de estarem indo indiscriminadamente para as panelas, nas comemorações de dia do aniversário de seu filho Jesus.

Ficha Técnica

Texto: Carlos Queiroz Teles
Direção: Beto Virgínio
Coringa: Lidiane Vanda de Andrade
Coringuinha: Katiane Vilan
Personagem: Adriane Felix de Oliveira
Personagem: Thayse Samantha Heizen
Personagem: Elisângela Alencar
Deus: Sue Ellen da Silva Paranhos
Bispo: Lidiane de Andrade
Pomba: Katiane Vilan
Mexicano: Lidiane Andrade



Câmbios: Ulisses Guimarães - Montessor Guilherme

Eu Sou Amaral

Dia 05/11 - 20h30

"Texto de Kleber Garcia, aluno ator do Festival Mother Ator de 95 com "Leila Baby" e colorosos elogios na Mostra Latino Americana de Associação PY. "Amaral é sketches televisivos caudalosos" vista irronicamente do ângulo da interpretação adolescente, onde o mesmo herói após uma overdose de lacto purga, por vingança de sua amante, nos dá o prazer de sua ressurreição através do poder de Hellmann's, calçado na proposta de Teatro "Besteiral", estilo criado na década de 80 pelos autores Mauro Rasi e Miguel Fallabela".

Ficha Técnica

Texto: Kleber Garcia
Direção Geral: Roberto Virgínio
Operador de som: Eider Galin
Iluminação: Mário Jorge Bravetti
Amaral: Kleber Garcia
Mima: Lidiane Nini
Chumba: Fabiula Bondia
Figurino: O Grupo



Câmbios: Angelo Americano e Mosen

Fonte: Acervo pessoal Rafael Giorgett

Imagem 14 – Recorte de jornal parte III

PAGINA 4 Faz de Iguazu - Novembro/96

Gioconda

Dia 07/11 - 21h

Hi memora mais divertida de ver o mundo que por uma tela de Tv? O trabalho elaborado pelos alunos do Colégio Monsenhor Guilherme aponta que sim. Com um passado de situações televisivas, que vão do Banal ao Animalístico, apresentamos uma antipática de quem onde o humor negro chega perto da classificação de que "ela" chamaria de "humor tribula".

Ficha Técnica
 Kieber Garcia - Fabiano Korbicki - Milena Chassani - Cassiane Maliani e Priscila Moreno
 Figurino: Grupo
 Sonoplastia: Otávio
 Iluminação: Elder José Golin
 Texto e Direção: Kieber Garcia
 Colégio Monsenhor Guilherme



Ervilhas

Dia 06/11 - 20h

"Remontagem a pedido da planta e atoma por ser uma comédia Kitch e Cool. Beirando ao ridículo, a peça conta a história de Hugo, um latifundiário barão, de padarias, que se casa com Marly, uma jovem com pretensões de ascensão social. Marly engravidou e Hugo se vê então à volta de tomar uma decisão terrível: tem que mudar de vida, de deixar de padarias para a assumir suprema dos".

Ficha Técnica
 Texto: Adaptação livre do texto de Mário Biondini
 Direção Geral: Roberto Virgílio
 Sonoplastia: Adriaan Ulysses Suardo Mufos
 Iluminação: Mário Jorge Brevenstky
 Hugo: Rodrigo Luis Oliveira
 Pedro: Elder Joseph Golin
 Paulo: Adir Ferreira Dutra
 Marly: Scarlet Andriá Suardo Mufos
 Figurino: Misi Rocha
 Colégio D. Pedro II



Nitroglicerina

Dia 07/11 - 20h

Nitroglicerina é o primeiro trabalho do grupo "Oit Drama Dó" do Projeto de Ação Cultural, parceria entre Unicef e Fundação Cultural, que resultou a partir desse trabalho ao N. E. T. Núcleo de Experimentação Teatral. Que além das experimentações cênicas, também tem os campos o mini auditório que foi adaptado para expor esta proposta, que teve como ponto de partida o espetáculo já citado. Que o grupo optou por ser de um dos componentes do mesmo. "uma trama satírica sobre os filmes de suspense, onde a morte ronda o ambiente, e busca incessantemente o assassino".

Ficha Técnica
 Texto e Sonoplastia: Kieber Garcia
 Direção Geral: Beto Virgílio
 Estruciona: Angelica de Lima
 Clueta: Maria Aline Mendes de Brito
 Claretta: Miriam Schneider
 Investigador: Rodrigo Luis Oliveira
 Raygor: Otávio Ferreira dos Santos
 Nataniel Ignocenciotti Catirpovski: Rodi Souza da Rocha
 Iluminação: Adir Ferreira Dutra
 Figurino: O Grupo
 Unicef/Fundação Cultural
 Obs: Censura 14 anos



A Farsa do Advogado

Dia 08/11 - 15h

Adaptação do próprio grupo do 2º ato da peça medieval - A Farsa do Advogado. Onde através das oficinas, os alunos foram criando situações já lida pelo autor e inserido dentro do nosso cotidiano. A Farsa, numa a situação do mundo capitalista visando como pano de fundo um pastor de ervilhas que trai sua patilha, e vende-as ao açougueiro.

Ficha Técnica
 Texto: Adaptação - O Grupo
 Direção: Beto Virgílio
 Iluminação: Mário Jorge Brevenstky
 Sonoplastia: Nicholas E. L. Santos
 Figurino: O Grupo
 Elder Joseph Golin: Srº Guilherme
 Adriaan Ulysses Suardo Mufos: Advogado
 Scarlet Andriá Suardo Mufos: Trombadinha, Beata 1, Balança 1
 Eliane Menezes: Jaira e Beata 2
 Cristiane Ferreira Fagundes: Pastora
 Cristiane Ferreira Fagundes: Secretária 1, Torturador 1,
 Derez Cristina de Almeida: Secretária 2 e
 Policial
 Kellen Thayra Barros de Souza: Florista e
 Balança 2, Escândalo



Colégio: Ulisses e Jorge Minopling

Cirandando

Dia 09/11 - 15h

"O projeto teatro na 7ª idade veio de uma parceria entre a Fundação Cultural e o S. M. D. S. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social com o objetivo de integrar os grupos de idosos do nosso município através das oficinas teatrais e seus futuros espetáculos. Com uma proposta voltada a terapia ocupacional e ao objetivo de fugir um pouco dos trabalhos artesanais e outros já conhecidos entre a 7ª idade. O espetáculo "CRANIANEX" revisita todo o luto vivido na infância deste grupo de mulheres que pela primeira vez tiveram a oportunidade de atores a nosso tipo de trabalho, e pelo que nos conta estão totalmente satisfeitas.

Ficha Técnica
 Dircevalina Maria da Silva
 Regina Oliveira Lopes
 Cláudia Gondar
 Ana Grazielle
 Sebastiana Rodrigues
 Davina Barbosa
 Palmira Almeida
 Maria Siqueira Hinczibara
 Flávia Frazzetta Delvalle
 Maria Alcina
 Rita Walter
 Joana Lopes
 Rodi Rocha
 Angélica Barba
 Iluminação: Mário Jorge Brevenstky
 Sonoplastia: Roberto Virgílio
 Texto: O Grupo
 Direção: Misi Rocha
 Grupo de Teatro 7ª Idade



Panacéia

Dia 06/11 - 21h

Uma tragédia escrita por Pablo Lear, com adaptação de Pê Duarte e Di Oliveira. Panacéia é um condimento de uma moça de 23 anos, que fica envenenado após largar os drogas, logo após ter perdido sua esposa. E esta encenação de Baruch, faz com que as visitas à sepultura de Panacéia e as visitas se tornem noturnas. Este é o pouco, entre muitas coisas que você vai poder presenciar, assistindo a grande peça teatral Panacéia.

Ficha Técnica
 Sonoplastia, Iluminação: Mário Jorge Brevenstky
 Direção: Pê Duarte e Nany Biago
 Figurino: Pê Duarte
 Ademerson e Cendário: Pê Duarte
 Atores: Pê Duarte, Marcos Laffante
 Censura 14 anos



O Noviço

Encerramento dia 9/11 - 20h30
 Dentro do Aveso Produções
 Diretor: Fábio Valença
 Espetáculo convidado:
 Brasília-DF

Nossa Vida não vale um Chevrolet

Dia 08/11 - 20h

Um espetáculo conduzido entre a extrema violência e a poesia que conta a vida "insignificante" de três irmãos que perdem o pai, tem a mãe internada num hospício e estão sempre prestes a se meter em sérias encrencas: nossa vida tem a marca registrada de seu autor que retrata a vida de pessoas que jamais irão entrar para a história oficial.

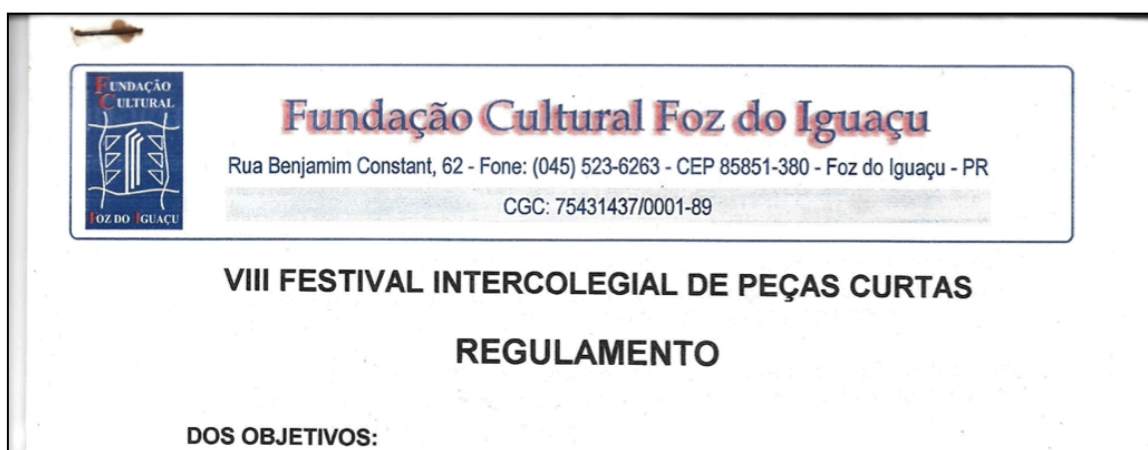
Ficha Técnica
 Sonoplastia: Débora Barros e Roberto Virgílio
 Iluminação: Mário Jorge Brevenstky
 Figurino: O Grupo
 Monk: Rodrigo L. Oliveira
 Lupa: Adir F. Dutra
 Slide: Kieber Garcia
 Sílvia: Débora Barros
 Magali: Gláucia P. Mirofla
 Gato: Carmo Bez de Oliveira
 Love: Otávio Ferreira dos Santos
 Saruba: Elder Joseph Golin



É possível se perceber o quanto a participação no Festival, tanto para artistas quanto para jurados e produtores, tinha um ar de importância por conta de, apesar de ser uma mostra amadora e voltada para o público colegial, constitui, ao que as informações indicam, um grande evento cultural para a cidade.

Outro aspecto importante era o tom de seriedade dado pela produção às peças, inclusive com punições para os descumprimentos às regras e regulamentos, podendo levar a penalidades como retirada de notas e até desclassificação e impossibilidade de apresentação, permitindo a estudantes e professores vivenciarem regras de outros festivais, de caráter nacional e internacional. Essa percepção fica ainda mais evidente quando observado um documento, a ficha de inscrição e regulamento da edição de 1998 (Imagem 15 e anexo A).

Imagem 15 –Cabeçalho do Regulamento da edição de 1998



Fonte: Acervo pessoal Rafael Giorgetti, 1998

Já nos primeiros parágrafos, era apresentado os objetivos do Festival: *Valorizar as Artes Cênicas, bem como a cultura e a unidade entre os grupos teatrais*. Esse objetivo se mostrou absolutamente arrojado frente a uma cidade que somente possuía um embrião de movimento teatral, formado por pequenos grupos escolares, ainda em processo de organização e com apenas uma iniciativa relevante no campo das artes cênicas, que é o próprio objeto desta pesquisa.

Também, para além de colégios e escolas, o regulamento permitia a participação de grupos independentes, de carácter amador. Ficava claro, segundo o documento, a necessidade de organização e mobilização dos grupos e instituições de ensino para a confecção de cenários, figurinos e trilhas sonoras, sendo oferecido como apoio à participação, por parte da Fundação Cultural, apenas o constante no artigo 6º do Regulamento:

Artigo 6º - Estará à disposição dos grupos participantes do VIII Festival Intercolegial de Peças Curtas de Foz do Iguaçu o Teatro Barracão com 270 lugares, uma mesa de luz e uma mesa de som. (Regulamento, p 2)

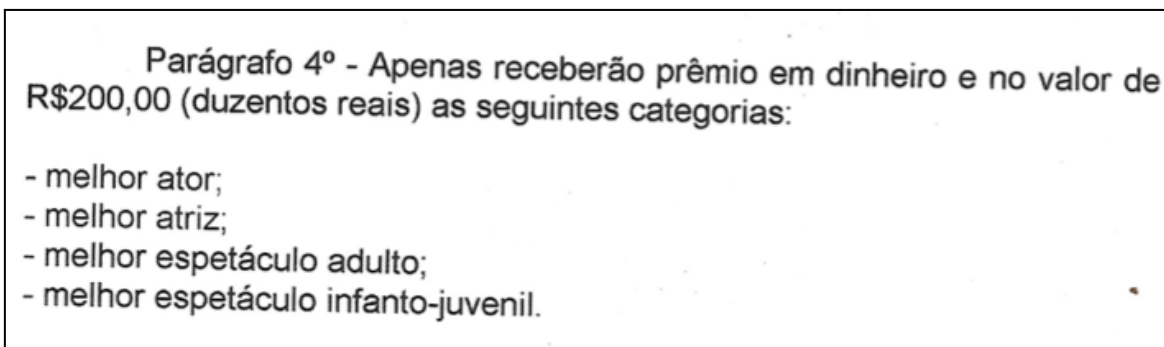
Para além desses itens, o Teatro Barracão contava com estrutura básica de bilheteira, banheiros, cozinha, camarins e com dois técnicos da Fundação Cultural que auxiliavam nas montagens e desmontagens dos cenários e iluminação. Apesar desse apoio institucional, eram os grupos os organizadores de suas estruturas cênicas, inclusive da rápida entrada e saída de seus materiais e figurinos.

A Fundação Cultural se responsabiliza por toda a produção gráfica utilizada durante o Festival, o que inclui cartazes, programas, ingressos, crachás, fichas de inscrição, regulamentos, documentos gerais, certificados, declarações, autorizações, compromissos de pagamentos e quaisquer outros materiais. Ainda, no Regulamento, era possível se conhecer as categorias premiadas:

- melhor ator;
- melhor atriz;
- melhor ator coadjuvante;
- melhor atriz coadjuvante;
- melhor figurino;
- melhor cenário;
- melhor sonoplastia;
- melhor espetáculo adulto;
- melhor espetáculo infanto-juvenil;
- melhor espetáculo infantil;
- ator revelação;
- atriz revelação.

Também eram apresentados os critérios de desempate e as regras para recebimento dos prêmios, que incluíam a presença do laureado ou laureada, ou sua representação, no momento da cerimônia de premiação, bem como valores em dinheiro oferecidos a algumas categorias, como apontado na imagem 16.

Imagem 16 –Categorias premiadas com valores em dinheiro



Fonte: Regulamento do Festival Intercolegial de Peças Curtas (p. 3)

O valor de cada prêmio, à época R\$ 200, corrigido pelo IGP - M da Fundação Getúlio Vargas, sugerido pelo site do Banco Central Brasileiro, equivaleria em termos atuais a aproximadamente R\$ 1.500²³, valor de grande relevância, em especial para estudantes de escolas públicas participantes do Festival, sugerindo ainda mais o caráter competitivo descrito anteriormente nesta pesquisa.

Ficava também a critério da organização do Festival a entrega de menções honrosas para participantes de destaque ou mesmo para perdedores das categorias que eram definidos como merecedores de algum registro, uma vez que não havia empate. Na IMAGEM 17, são apresentadas as menções honrosas oferecidas na edição de 1998, cujo documento completo encontra-se no ANEXO A, onde também existem relatos sobre a percepção dos produtores e uma análise dos resultados obtidos pelo Festival, tanto quantitativamente quanto qualitativamente.

²³ Para efetuar o cálculo, foram utilizadas as referências de datas contidas nos materiais, bem como a calculadora do cidadão, disponibilizada pelo Banco Central. O cálculo foi feito em 31 de janeiro de 2024. Acesso: <<https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADA0/publico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores>>

Imagem 17 –Menções Honrosas da edição de 1997

<p>Menções Honrosas e premiações reformuladas pelos jurados, conforme autoriza o artigo 10, parágrafo 1º, do regulamento do Festival Intercolegial de Peças Curtas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Kaled, com a peça “Tribobó City” - Prêmio melhor Ator Infantil; • Bruna Silva, com a peça “Branca de Neve” - Prêmio melhor Atriz Infantil; • Anderson de Souza Marques, com a peça “Vida é Arte” - Prêmio melhor Ator Coadjuvante Infantil; • Thais P. Serão, com a peça “A Formiguinha e a Neve” - Menção Honrosa pela atuação no personagem “Formiguinha”; • A peça “A Formiguinha e a Neve” - Menção Honrosa pela plástica do espetáculo; • A peça “Incidente em Antares” - Menção Honrosa pela maquiagem da peça; • As quatro atrizes da peça “Pomário Angelical” - Menção Honrosa pela atuação em conjunto; • Luiz Henrique Dias da Silva, com a peça “A Vida Conjugal” - Menção Honrosa pela adaptação da peça; <p>Após a solenidade de entrega dos prêmios e troféu, foi servido um coquetel aos convidados presentes.</p>
--

Fonte: Relatório de Atividades 1998. Anexo A.

Ao final do regulamento, a ficha de inscrição exigia dados relevantes como a classificação da peça inscrita em um dos gêneros: comédia, drama ou tragicomédia, bem uma espécie de mapa de cena com descrição do cenário e uma sinopse da peça.

Não foram encontrados, nos documentos analisados, referências a direitos autorais, tanto de textos quanto de trilhas sonoras. Apenas era solicitado o nome da pessoa autora do texto original e, havendo, o nome da pessoa que adaptou a obra para teatro ou para o formato *peça curta*. Da mesma forma, não constavam também nos materiais a definição de *curta* para fins de inscrição das peças. Autores sobre temas teatrais pesquisados também divergem quanto ao termo. No entanto, documentos jornalísticos obtidos na pesquisa citam algumas durações de espetáculos apresentados no festival, sendo encontrados tempos de 15 a 40 minutos. A mesma percepção acontece quando se observa os programas de edições da Mostra, com distribuição das peças com no mínimo 30 minutos.

Importantes também para o conhecimento da história do teatro de Foz do Iguaçu eram os convites, entregues à personalidades públicas da cidade, como políticos, empresários, diretores de escolas e faculdades. Sempre assinados

pelos prefeitos em exercício - nos casos temos as assinaturas dos prefeitos Dobrandino Gustavo da Silva (1937)²⁴ e Harry Daijó (1948)²⁵ - e convidando para os espetáculos de abertura, em geral convidados de outras cidades e até países, de certa forma, davam ares de celebração cultural e serviam também de motivação e formação artística para estudantes dos colégios participantes, possibilitando acesso a peças de companhias profissionais.

Os convites chamavam para uma pequena cerimônia com autoridades e público em geral, sempre sucedida de uma apresentação de espetáculo convidado ou de alguma montagem local, em geral preparada ao longo de todo o ano para a ocasião da cerimônia. Assim, a valorização do Festival era percebida nesse método de trabalho de montagem de alguns espetáculos que serviam, de certa forma, com espinha dorsal da Mostra. O elenco era formado, em geral, com estudantes que já tinham participado de outras edições e sido premiados, passando a compor um seleto grupo de atores e atrizes dirigidos pelo próprio Beto.

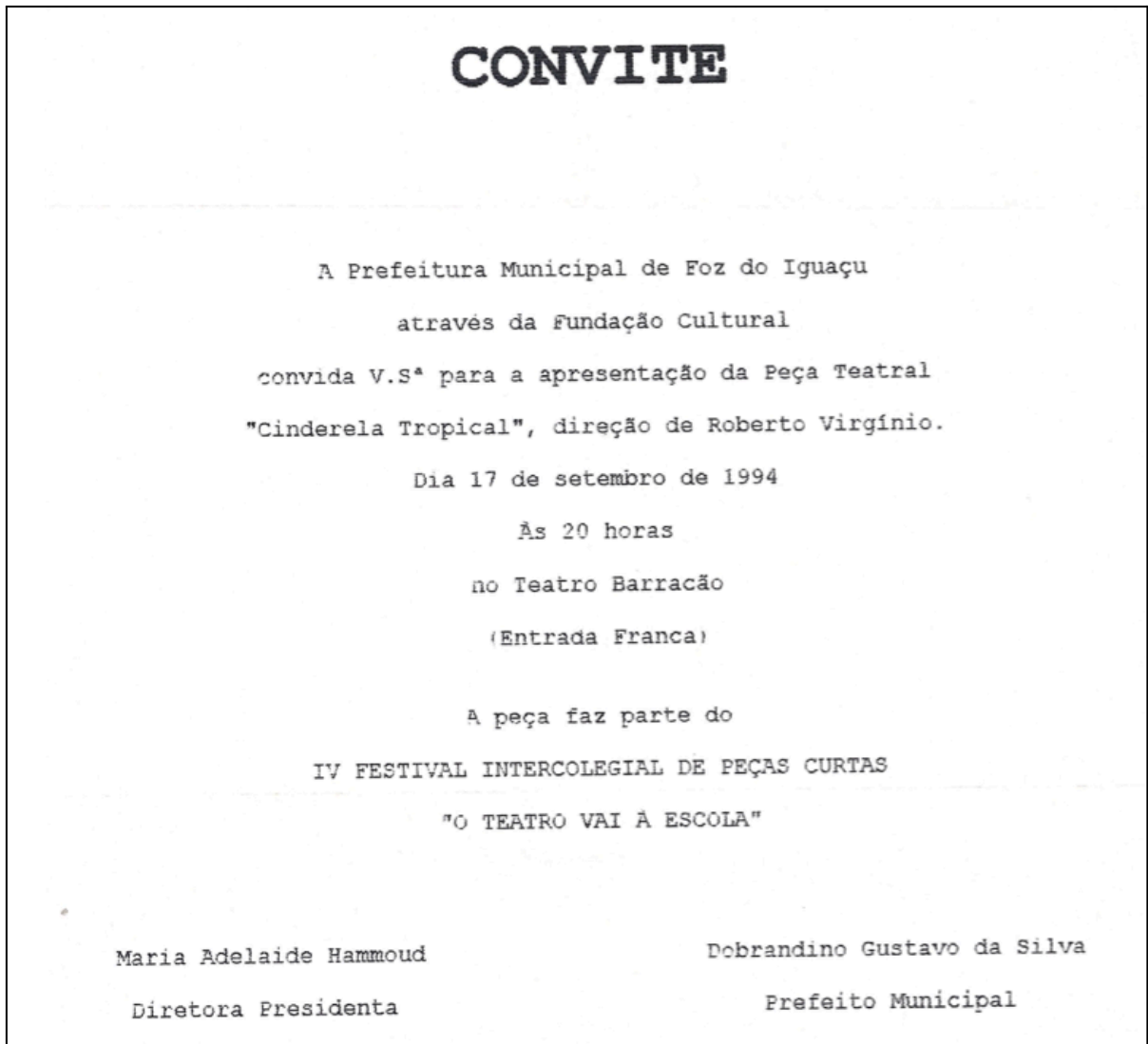
Nos programas encontrados, praticamente todas as peças da categoria adulta foram dirigidas ou contaram com a assistência direta de Beto Virgínio, detentor de um acervo de textos teatrais da década de 80 e 90, em especial de Mário Bortolotto, seu parceiro de formação teatral, e outros nomes da dramaturgia brasileira da época ou ainda em atividade, com o humorista e escritor Márcio Américo (1964).

Essas produções, de certa forma, ofereciam visibilidade adicional ao Festival e à Foz do Iguaçu, uma vez que esses autores, muitos consagrados nos palcos de grandes cidades brasileiras, sabiam das montagens de suas peças e, vez ou outra, se disponibilizavam a visitar Foz do Iguaçu e acompanhar pessoalmente algumas apresentações. O próprio Mário Bortolotto participou como espectador de ao menos duas edições.

²⁴ Governou a cidade entre 1993 e 1996.

²⁵ Governou a cidade entre 1997 e 2000.

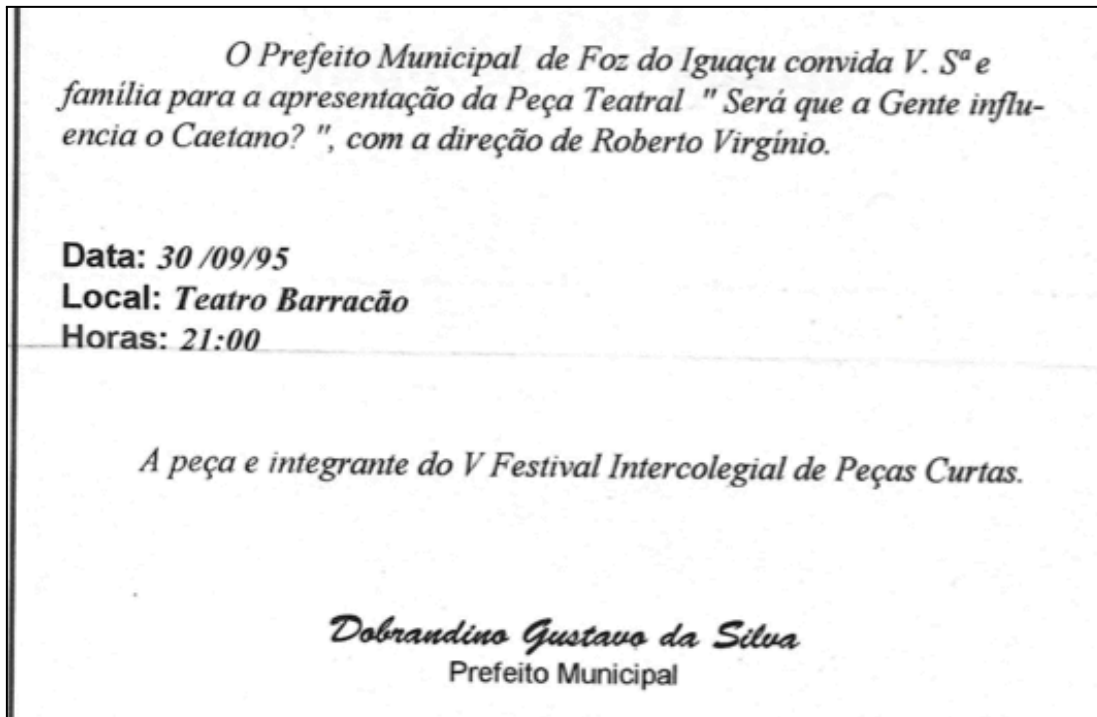
Imagem 18 –Convite da edição 1994



Fonte: Acervo pessoal Roberto Virgínio, 1994

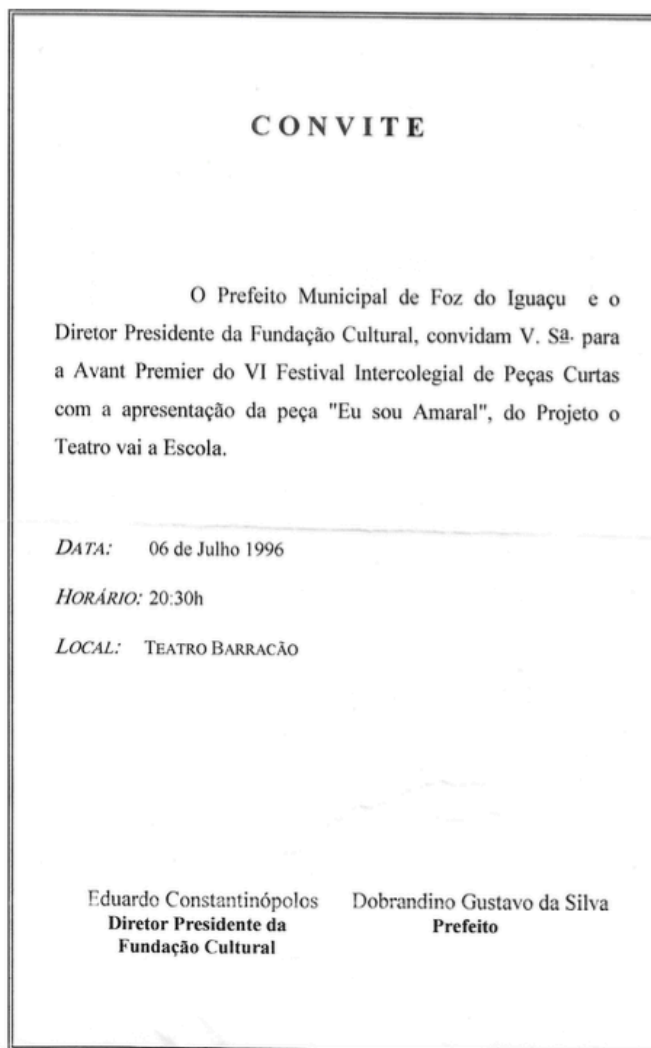
Na edição de 1995, a abertura foi feita pela peça de autoria de Mário Bortolotto, *Será que a Gente Influencia o Caetano* (1985), com elenco formado pelos iguaçuenses Kleber Garcia (1980) e Rodrigo Oliveira (1978), dirigida por Roberto Virgínio, numa releitura da montagem original feita com os próprios Mário e Beto em 1986, como mostra a Imagem 19.

Imagem 19 –Convite da edição 1995



Fonte: Acervo pessoal Roberto Virgínio, 1994

No ano seguinte, o convite enviado pelo então prefeito Dobrandino Gustavo da Silva mostra um dos resultados mais importantes do esforço empregado para a execução das cinco edições anteriores do *Festival Intercolegial de Peças Curtas*: uma geração de dramaturgos. A imagem 20 mostra a chamada para a cerimônia de abertura que seria seguida pela apresentação da peça *Eu sou Amaral* (1996), de autoria de Kleber Garcia, aluno do projeto *O Teatro Vai à Escola* e que, dois anos antes, iniciou sua participação como ator de um grupo escolar.

Imagem 20 –Convite para a abertura de 1996

Fonte: Acervo pessoal Roberto Virgínio, 1994

Para além do texto de Kleber, a partir de 1996 foram encontrados diversas menções na imprensa e nos programas sobre peças escritas por alunos do projeto, além de demonstrada a continuidade no teatro de algumas pessoas participantes, continuando com a produção de peças em suas escolas ou colégios de origem ou mesmo fazendo parte do grupo principal, organizado no Teatro Barracão.

Esse movimento de atores e atrizes em caminho do profissionalização, que participaram de diversas edições do Festival, bem como de autores locais de textos, permitiu não somente uma diversidade de obras montadas

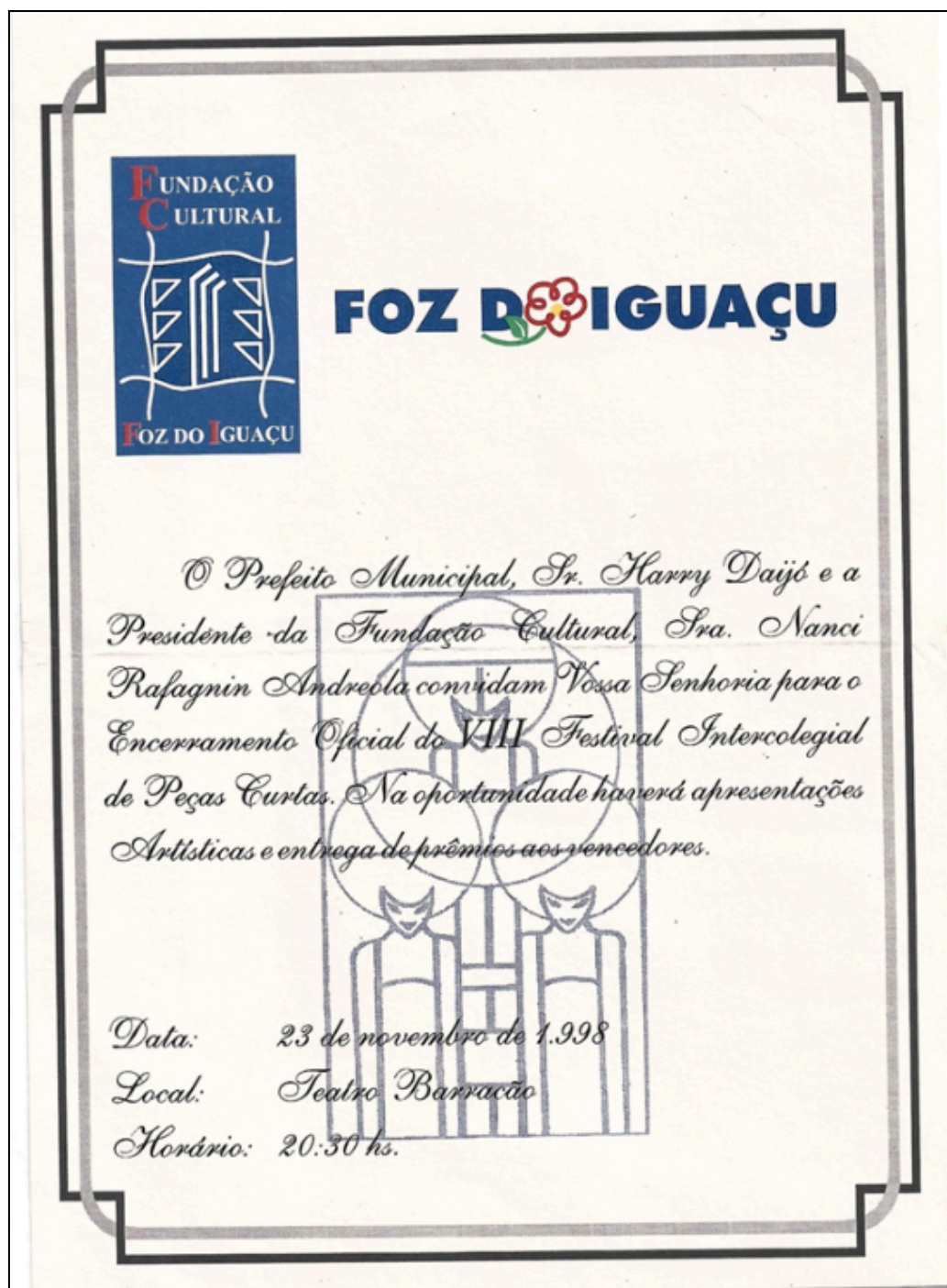
como a diluição da presença das peças de Bortolotto, sendo que nas últimas edições da Mostra, nenhum trabalho do autor foi encenado, mostrando maturidade do movimento, que ganhava autonomia.

Por esse sopro autoral na cidade, a partir de 1997, começaram a ser premiados também os melhores textos e adaptações, que receberam menções honrosas. Professores e professoras das escolas iniciaram um trabalho de acompanhamento das escritas, buscando apresentar com seus grupos peças inéditas, reforçando o conceito de festival apresentado por *Patrice Pavis* em seu *Dicionário de Teatro* (2004), quando apontava para o papel desses eventos de também oferecer novas possibilidades cênicas e textuais aos públicos e plateias.

Além dos convites para a abertura das edições do Festival, também eram enviados convites para o encerramento das edições, como o da imagem 21 referente à edição de 1998, assinado pelo então prefeito Harry Daijó e convidando não somente para a cerimônia de encerramento como também para a premiação das peças vencedoras e dos atores, atrizes escolhidos como melhores pelo júri especializado.

Essas cerimônias aconteciam no chamado pelos antigos organizadores de horário nobre, 20h30, e duravam horas, pois envolviam falas de autoridades, apresentações de grupos convidados e a entrega dos prêmios, menções honrosas, pequenos shows musicais, sessões de fotos e até pequenas confraternizações entre produtores e participantes. Uma delas, a cerimônia de premiação da edição de 1997, ocorreu em um auditório chamado Espaço das Américas, projetado pelo arquiteto paranaense Jaime Lerner, localizado à margem do Rio Iguaçu, em sua Foz. A edificação atualmente encontra-se em condição de abandono pelo Poder Público.

Imagem 21 –Convite encerramento 1998



Fonte: Acervo pessoal Roberto Virgínio, 1998

Importante observar que, ao longo do período em que as edições aconteceram, ao menos três prefeitos passaram pelo Palácio das Cataratas: Álvaro Neuman (PPS, atual Cidadania), Dobrandino Gustavo da Silva (PMDB, atual MDB,

Harry Daijó (PPB, atual PP). No entanto, talvez pelo envolvimento de muitos grupos, escolas e colégios, ou mesmo pelo empenho pessoal dos organizadores do Festival, o projeto conseguiu perdurar por diferentes gestões e situações políticas e econômicas adversas.

Para conseguir esse respaldo político, foi preciso não somente construir articulações no Poder Público mas também fortalecer um trabalho de base junto às escolas, com educadores, educadoras e estudantes, garantindo um caráter popular ao Festival e pressionando as gestões a garantir continuidade para o projeto.

Rememoramos aqui a BURKE (2021), quando, no capítulo anterior, apontamos sua percepção de se contar a história a partir do chão da economia, do popular, onde o teatro que aqui tratamos pode ser visto, de forma coletiva e pragmática, como um ofício importante para se entender as manifestações e os chamados festivais.

Assim, o início das atividades do Festival começava com uma mobilização que iria além de um simples comando do Poder Público, ainda nos meses de fevereiro e março, coincidindo com o início dos períodos letivos. Os colégios se moviam antes mesmo de serem notificados pela Fundação Cultural ou via imprensa impressa e televisiva²⁶, organizando seus quadros de professores e de estudantes envolvidos para garantir as inscrições de suas peças, definindo os textos a serem trabalhados.

²⁶ Segundo organizadores do Festival, muitas matérias foram veiculadas nas filiais locais da Rede Globo, Rede Bandeirantes, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e Rede Record. As pesquisas sobre esses materiais fugiram ao escopo deste trabalho.

Imagem 22 – Roberto Virgínio fala sobre os preparativos para o Festival

VARIEDADE

TRIBUNA
DE

Fundação abre inscrições para festival de curtas

Festival de teatro entra na sexta edição e revela atores das escolas de Foz



Virgínio, o coordenador do festival

Nilton Bobato
Editoria de Cultura

Abrem-se, amanhã, as inscrições para o VI Festival Intercolegial de Peças Curtas, no Teatro Barracão (Av. Rep. Argentina - Jd. São Paulo) ou pelo telefone: 525-3169. Para se inscrever basta ser estudante, matriculado em qualquer nível (1º, 2º graus e universitário) e ter algum talento para o teatro. As inscrições encerram-se no dia 31 de março. O festival é organizado pela Fundação Cultural e coordenado pelo diretor teatral, Roberto Virgínio.

Quem conseguir organizar o seu próprio grupo, pode se inscrever com a peça pronta. Quem se inscrever como ator, atriz, diretor, sonoplasta e figurinista, a coordenação do festival escolherá

peças para montar. “Após as inscrições, vamos fazer uma pré-seletiva, para iniciar as oficinas práticas e teóricas, para preparar o pessoal”, afirmou Virgínio.

Virgínio disse que durante estas oficinas serão montadas as peças e apresentadas nas escolas da cidade. Em novembro, de 6 a 11 (data prevista), acontece o festival propriamente dito, com a escolha, por um corpo de jurados, do melhor espetáculo, ator, atriz, sonoplasta e figurinistas.

Nas cinco edições anteriores do festival, atores e atrizes foram revelados. A peça “Leila Baby”, apresentada pelos atores Kléber Garcia e Débora Barros, ambos de 15

anos, revelados na última edição do festival, participou como convidada, no Encontro Latino Americano de Teatro Popular, realizado em entre os dias 12 e 17 de fevereiro, em Assunção, junto com mais 11 peças de vários países. Do Brasil participaram apenas mais duas peças, uma de São Paulo e outra de Brasília. “Leila Baby” recebeu ótimas críticas da imprensa especializada paraguaia.

“A continuidade deste trabalho é muito importante”, ressaltou Virgínio, “estamos conseguindo inserir a cidade no contexto teatral nacional e latino-americano, além de criar condições para que vários jovens atores, atrizes, figurinistas, mostrem seu talento”.

Leia mais sobre teatro na página 16

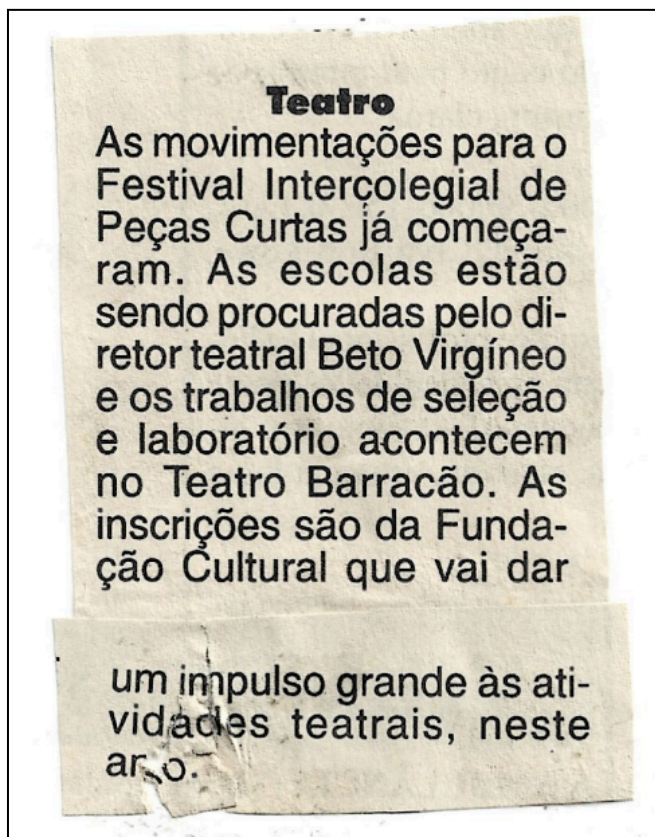
Depois da comunicação oficial, todo o processo de montagens das peças até o Festival poderia durar meses e era acompanhado pela equipe do projeto ou por voluntários, em geral estudantes que já participaram de edições anteriores e buscavam manter um vínculo com a produção, com ofertas de assistências, oficinas e orientações sobre cenografia, iluminação, sonoplastia e direção, bem como oficinas e laboratórios de iniciação teatral e preparação de atores, incluindo atividades de voz, corpo e leitura dramática.

Em uma matéria do jornal *Tribuna de Foz* (Imagem 22), um periódico semanal que chegou a ter, segundo Roberto Virgínio, uma tiragem de 3 mil exemplares, a metodologia com que eram tratadas as participações fica mais evidente. Publicado em fevereiro de 1996, o texto apontou o início do período de inscrições e ensaios para o Festival, que ocorreria em novembro e também para a atuação direta da produção da mostra na montagem das peças, dando à equipe uma posição de professores de teatro, como eram vistos e chamados por estudantes.

Esse aparente comprometimento com a produção das peças marcou toda a existência do Festival que, mesmo sendo uma mostra amadora, oferecia às escolas participantes um clima também de compromisso e, de certa forma, competitividade. As edições recebiam um tratamento similar ao das modalidades esportivas, sendo que alguns colégios ofereciam bolsas de estudos e outros benefícios para atores e atrizes dispostos a participar das montagens, principalmente para os que recebiam prêmios.

Alguns colégios organizaram grupos permanentes e delegaram a professores a tarefa de ensaiar estudantes e organizar as participações, uma vez que não bastava apenas efetuar a inscrição, pois ainda aconteciam bancas de seleção dos trabalhos a serem apresentados no Festival, como mostra essa nota (IMAGEM 23), também do jornal *Tribuna de Foz* de 1996.

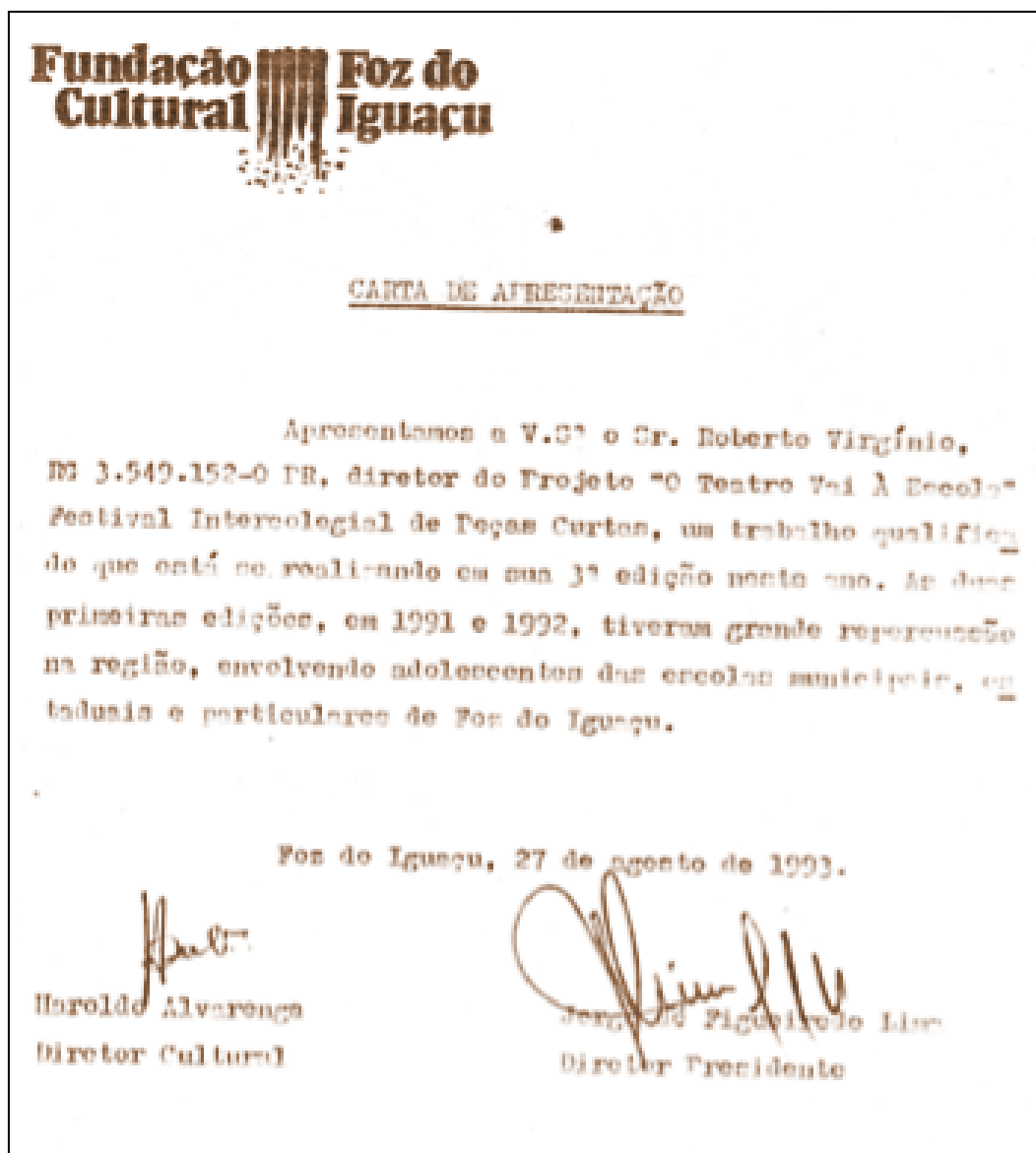
Imagem 23 –Clima de preparação para os festivais



Fonte: Jornal Tribuna de Foz - Edição 28 fev. 1996

Para conseguir chegar às escolas com a confiança das diretorias e coordenação, Beto e a equipe do Festival se valiam de documentos oficiais, emitidos pela Fundação Cultural, que os acreditavam à entrada, como a carta de apresentação (Imagem 24) emitida em 1993, atestando o *trabalho qualificado* e rememorando o histórico das outras edições do Festival, ocorridas nos dois anos anteriores. Assim, era possível se angariar participantes tanto na rede pública quanto na rede privada de ensino, bem como a aproximação com professores, professoras e estudantes.

Imagem 24 –Carta de apresentação

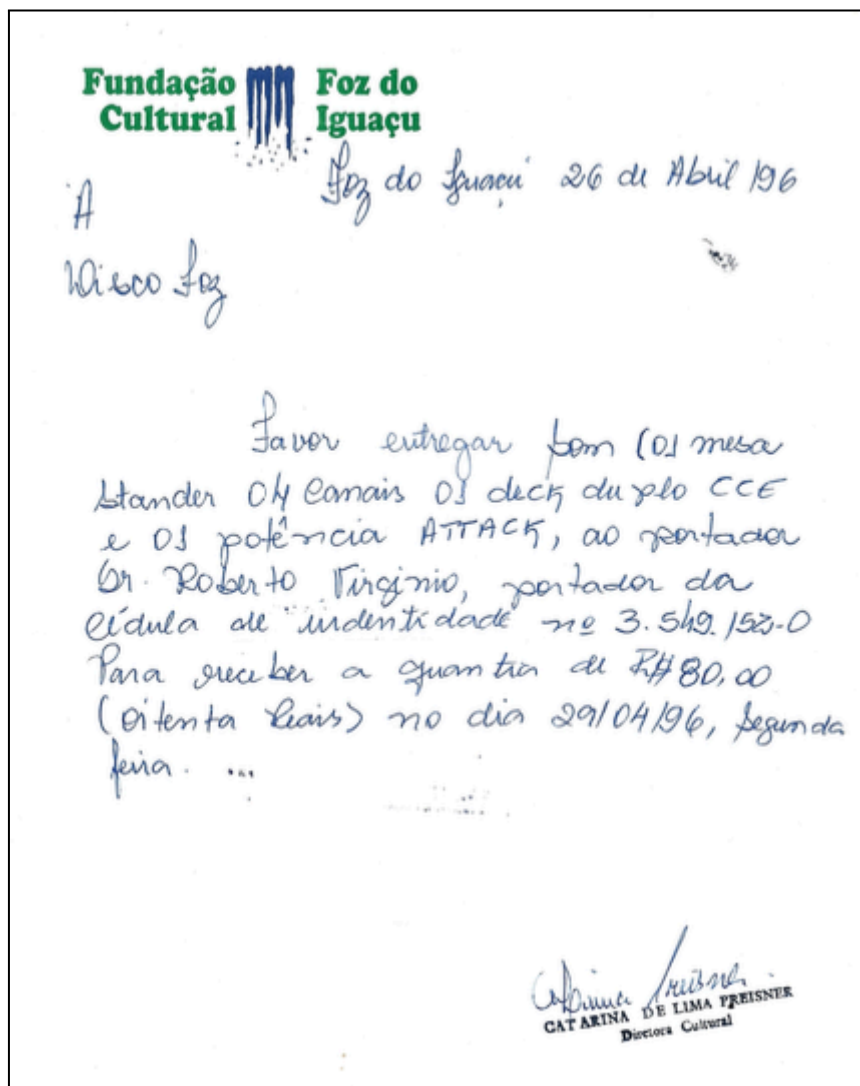


Fonte: Acervo pessoal Roberto Virgínio, 1998

Da mesma forma, a equipe do Festival era atestada pelo Poder Público para contratar serviços e efetuar compras no comércio local, inclusive de bens móveis, como equipamentos de som, iluminação e cenografia. Documentos,

muitas vezes escritos à mão (Imagem 25), autorizaram a entrega e o fornecimento de produtos a serem pagos pelo Poder Público²⁷ diretamente no órgão expedidor.

Imagem 25 – Autorização de compra e orientação sobre pagamento



Fonte: Acervo pessoal Roberto Virgínio, 1996

Todo esse respaldo, da imprensa, do Poder Público e da sociedade em geral, fortaleceu o projeto ao longo dos anos e, em um determinado momento, o movimento teatral da cidade parecia conseguir sair da semana do Festival e acontecer em outros momentos do ano, com apresentações preliminares de peças

²⁷ A Lei Federal 101/2000, denominada Lei de Responsabilidade Fiscal, e a Lei Federal 866/1993, chamada Lei de Licitações, regulamentaram e garantiram um regramento único às compras públicas. Antes delas, não estavam claras as regras de compras, permitindo compras diretas no comércio.

ou partes de peças, as chamadas pré-estreias, leituras dramáticas ou ensaios abertos.

Assim, ao longo do ano, as principais peças do Festival, a maioria sobre direção ou apoio de direção da equipe da Fundação Cultural, tinham suas pré-estreias ou até estreias marcadas e apresentadas no Teatro Barracão ou menos em escolas, criando uma programação e um circuito teatral na cidade, servindo de divulgação para a apresentação final dos trabalhos, sempre marcada para o mês de novembro. Em uma nota dos jornais de 1995 (Imagem 26), a peça *Leila Baby* era divulgada como lançamento ou “esquenta” do Festival Intercolegial de Peças Curtas.

Imagem 26 –Lançamento do Festival em junho de 1995




Fonte: Jornal Tríplice Fronteira - Edição de 23 jun. 1995

Em outro documento (Imagem 27), uma autorização escolar enviada aos pais de alunos de diversas séries do Colégio Anglo-Americano solicitava a ciência familiar para participação de estudantes como espectadores de peças apresentadas na própria escola, em horário de aula, mostrando o empenho da

instituição em incorporar a prática teatral, bem como a formação de plateias, nas rotinas cotidianas de jovens.

Imagem 27 – Autorização escolar

	CIRCULAR Nº 040/95	SETOR Direção Geral	DATA 28/09/95
---	-----------------------	------------------------	------------------

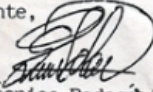
Sr. Responsável,

Informamos que no dia 07/10 (sábado), previsto para reposição de aulas, a Área de 5ª/8ª série e 2º Grau, buscando estimular o conhecimento cultural e a valorização de nossos atores Kléber Garcia, 122/A e Débora Barros, 121/A estará apresentando a peça "Leila Baby" (ou o que os outros chamam de fuga na hora do crepúsculo), do consagrado autor Mário Bertolotto, com a direção de Roberto Virgínio.

Solicitamos que incentive seu(sua) filho (a) a comparecer à escola nesse dia, preenchendo e devolvendo, na Supervisão, até o dia 05/10/95 o cronograma opcional abaixo.

haverá um "workshop" após a apresentação.

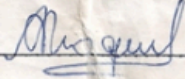
Atenciosamente,


Direção e Equipe Técnico Pedagógica

Preencher e devolver na Supervisão.

Aluno(a) Luiz Henrique Silva Turma 511-F
participará do evento cultural "O Teatro na Escola", conforme abaixo:

9h 10h30min



Trazer consigo no dia 07/10

INGRESSO DA PEÇA TEATRAL
LEILA BABY

Fonte: Acervo pessoal do autor, 1995

O documento da Imagem 27 apresenta outro ponto importante do processo de criação de um movimento teatral na cidade: Kleber Garcia e Débora Barros iniciaram sua participação no projeto *O Teatro Vai à Escola* um ano antes da data da autorização e o estudante, no caso o autor dessa pesquisa, não conhecia o

projeto e passou a ter conhecimento ao assistir o espetáculo, levado por seu colégio e pela produção do Festival. No ano seguinte, os três, autor, Kleber e Débora, estariam participando de uma das edições e, dois anos mais tarde, contracenando.

Ainda, analisando o documento da Imagem 27, cabe ressaltar que não costumava haver filtros quanto à indicação de idade para plateias nas apresentações, em especial nas peças do dramaturgo Mário Bortolotto.

No caso de *Leila Baby*, que contava a história de uma jovem estudante recém chegada a São Paulo e conhecia um boêmio poeta que a colocava em confronto direto com valores familiares e até culturais, a recomendação indicativa da peça nos circuitos tradicionais do teatro no Brasil²⁸ era de, no mínimo 14 anos, o que corresponderia às séries finais do ensino fundamental²⁹, mas o espetáculo era apresentado a praticamente todas as séries a partir da quinta, atual sexto ano do ensino fundamental II, tanto nas pré-temperadas quanto na Mostra final, no Teatro Barracão.

Nem escolas e colégios e nem pais contestavam, de certa forma, os conteúdos apresentados nas peças, bem como não havia um olhar atento sobre o tema por parte do Poder Público. No entanto, não foram encontrados, nem em documentos oficiais e nem na imprensa, críticas aos textos ou montagens em relação a quesitos morais.

Mesmo em um período (1997-1998) em que o Teatro Barracão foi utilizado como sede temporária de uma igreja católica que passava por reformas, conteúdos religiosos e teatro conviviam juntos e de forma pacificada. Há relato de que, durante esse período, um dos camarins era utilizado para os figurinos das peças e o outro para materiais para cerimônias e missas.

Ao que os documentos apontam, a imprensa foi o elo de conexão entre as estruturas que mantiveram o Festival vivo por uma década. Todo esse movimento na cidade era acompanhado pelo noticiário local e a cobertura das edições do Festival feita pela imprensa da cidade se intensificava com a proximidade

²⁸ No Guia de Teatro da Folha (Folha de São Paulo), a recomendação indicativa é *não indicada para menores de 14 anos* (2012) <<https://guia.folha.uol.com.br/teatro/1081803-nova-peca-de-bortolotto-mostra-jovens-em-relacao-fraca-ssada.shtml>>. Acesso em 30 mar. 2023.

²⁹ De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a idade de ingresso no ensino médio é de 15 anos.

da abertura, inclusive nas chamadas páginas e colunas sociais e em páginas de atualidades, cultura, comportamento e notícias gerais.

O jornal *A Gazeta do Iguaçu*, que chegou a ser o maior da cidade e o único de caráter diário, existindo ainda hoje com o nome de GDia, único periódico diário em circulação atualmente na cidade, publicou, em 1996, uma nota (Imagem 28) preparatória para o Festival indicando que a produção havia organizado um *avant-première* dos espetáculos em preparação, permitindo um teste de plateia das peças frente ao público antes de passarem pelo crivo dos jurados.

Dentre os jurados, atores, atrizes, artistas, empresários e até políticos. O, à época vice-prefeito, Paulo Mac Donald Ghisi, que mais tarde exerceria dois mandatos como prefeito (2005-2012), engenheiro civil de formação, estava no corpo de júri. Na imagem 13 é possível observar o currículo do júri, o que permite compreender quem eram os indicados políticos, como o caso de Ghisi, que não tinha à época relação com projetos artísticos, e nomes com formação e/ou experiência nas áreas culturais.

O veículo chamava ainda a atenção do público para observarem “*também aqueles que não estão em cena*” (p. 10), indicando funções como iluminação, cenografia, sonoplastia e produção, além de apontar a possibilidade de acompanhar as pré-estreias, ao custo de R\$ 1,00, que atualizado corresponderia a R\$ 8,40³⁰.

³⁰ Para efetuar o cálculo, foram utilizadas as referências de datas contidas nos materiais, bem como a calculadora do cidadão, disponibilizada pelo Banco Central. O cálculo foi feito em 31 de janeiro de 2024. Acesso: <<https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADA0/publico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores>>

Imagem 28 – Nota sobre o início do Festival

Tudo pronto para o VI Festival Intercolegial de peças curtas

Começa no dia 04 e vai até 11 de novembro de 1996, o VI Festival Intercolegial de Peças Curtas, que integra o Projeto "O Teatro vai à Escola", da Fundação Cultural, envolvendo estudantes da rede pública e particular de ensino. O evento é coordenado por Belo Virgínio e, neste ano, trouxe uma novidade, com uma espécie de "avant-première" dos espetáculos, deixando os grupos participantes bastante ansiosos para a competição.

As apresentações estão programadas para as 20 horas, no Teatro Barracão, com ingressos a R\$ 1,00 (um real), que podem ser reservados na Casa do Ingresso ou na Fundação Cultural. As peças infantis serão apresentadas no período da tarde.

Para inaugurar o evento, o grupo de Curitiba "Companhia de Variedades" vai mostrar a peça "Uma Coisa Bem Bonita", com direção de Maurício Vogue. Integrando o elenco, Marcelo Jorge e Gerson Fragoso. A Comissão Julgadora é formada por Nani Bispo, de Ponta Grossa; Antonio França, Kelly Viana, Mauro Welter e Paulo Mac Donald Ghisi, de Foz do Iguaçu; e também, Rogério Martos Pires e Vilmar Mazetto, de Ponta Grossa.

Os grupos concorrem a quatro categorias: melhor ator, melhor atriz, melhor espetáculo e melhor figurino. O Festival representa o produto do trabalho desenvolvido durante todo o ano, junto às escolas e aos Grupos, quando o coordenador orientava a montagem e encenação das peças. Interessante observar que, aqueles que não estão em cena, têm funções paralelas, colaborando no cenário, na iluminação e em diferentes detalhes que envolvem as apresentações.

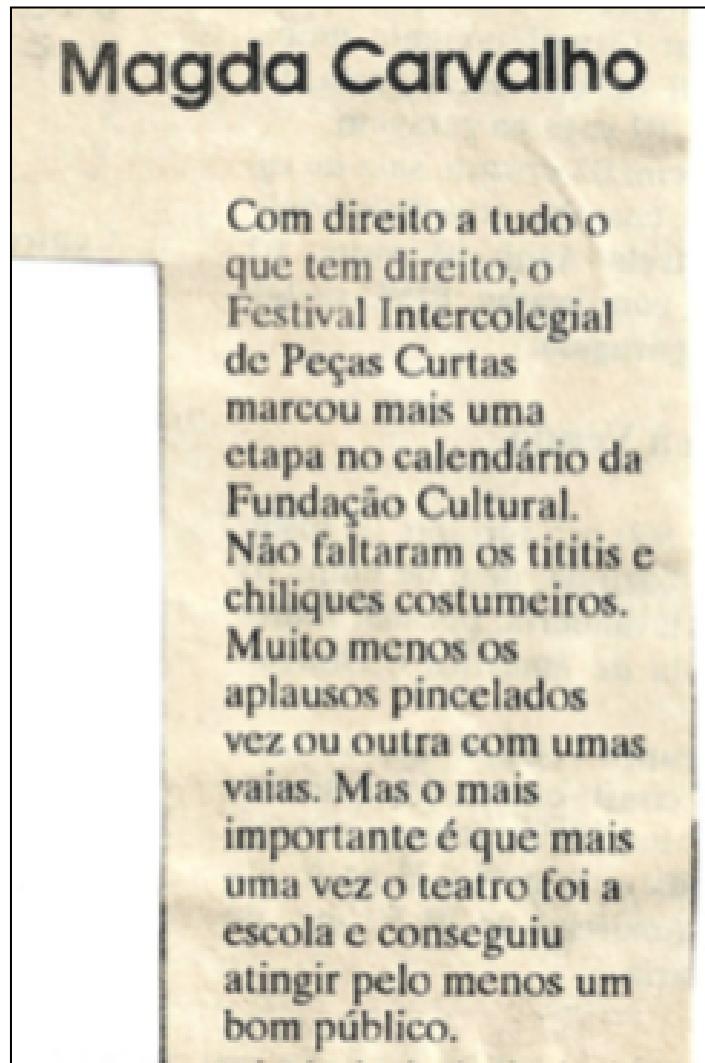
Mais uma realização com o selo Fundação Cultural de Foz do Iguaçu.

Fonte: A Gazeta do Iguaçu - 31 out. 1996 (p. 10)

A imprensa não veiculava conteúdos do Festival apenas de forma jornalística ou de divulgação. O projeto era ao menos citado em diversos segmentos de mídia da época, como colunas sociais e espaços de política. Uma nota (Imagem 29), na coluna social da jornalista Maga Carvalho, apresentou tom mais descontraído, falando de aplausos e vaias para as peças e citando *tititis* e *chiliques*

costumeiros, sugerindo o clima de competição do Festival, por conta da disputa entre escolas e colégios.

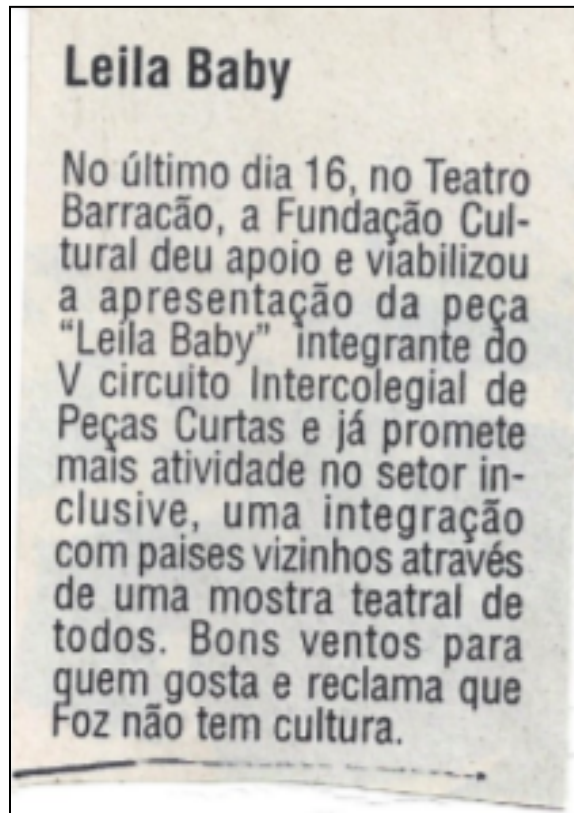
Imagem 29 – Crítica descontraída



Fonte: Jornal Nosso Tempo - Edição 16 nov. 1993

Em outra nota (Imagem 30), publicada em um espaço de debates políticos, o tom é de crítica a quem "reclama que Foz não tem Cultura". Além disso, a mesma nota fala do aquecimento do setor cultural e da integração com países vizinhos (Paraguai e Argentina), com o que chamou de *mostra teatral de todos*.

Imagem 30 – “...mostra teatral de todos.”



Fonte: Jornal Tribuna de Foz - Edição 21 jun. 1995

Ainda, na edição de 1995, os jornais apontaram não somente a presença de público, mas também a participação de grupos do Paraguai e da Argentina como convidados (IMAGEM 31), novamente destacando o papel do júri na escolha das melhores peças. Ainda, a publicação veiculada no penúltimo dia da Mostra, indicando ser um conteúdo relevante para o dia a dia da cidade, relembra o fator continuidade e apontando os cinco anos ininterruptos do Festival e a mobilização de estudantes e escolas para sua organização e realização.

Imagem 31 – Destaque das proximidades do Festival

O TEATRO VAI À ESCOLA



De 6 a 11 de novembro está acontecendo o V Festival Intercolegial de Peças Curtas - "O teatro vai à escola". As peças estão sendo apresentadas no Teatro Barracão, numa promoção da Fundação Cultural. Há cinco anos o projeto acontece no município, e reúne cerca de 60 alunos das escolas municipais, estaduais e particulares. O objetivo é fomentar e divulgar o teatro nas escolas, estimulando a investigação e experimentação, aumentando o universo cultural das crianças e adolescentes.

Os espetáculos acontecem diariamente, a partir das 20 horas. O Festival conta também com a participação de grupos teatrais do Paraguai e Argentina. Durante o Festival, uma comissão composta por personalidades que entendem da arte de interpretar está julgando as montagens, para que no final sejam premiados o melhor espetáculo, melhor atriz e ator e melhor figurino.

Fonte: Jornal Tríplice Fronteira - Edição 10 nov. 1995

Dialogando com o caráter de integração, um documento (Imagem 32), também de 1995, certifica a participação do Centro Paraguaio de Teatro (CEPATE) no Festival como *Convidado Especial*, indicando que, mesmo que de forma pontual, havia uma busca por uma processo de integração regional em torno da Mostra.

Imagem 32 – Certificado Centro Paraguaio de Teatro

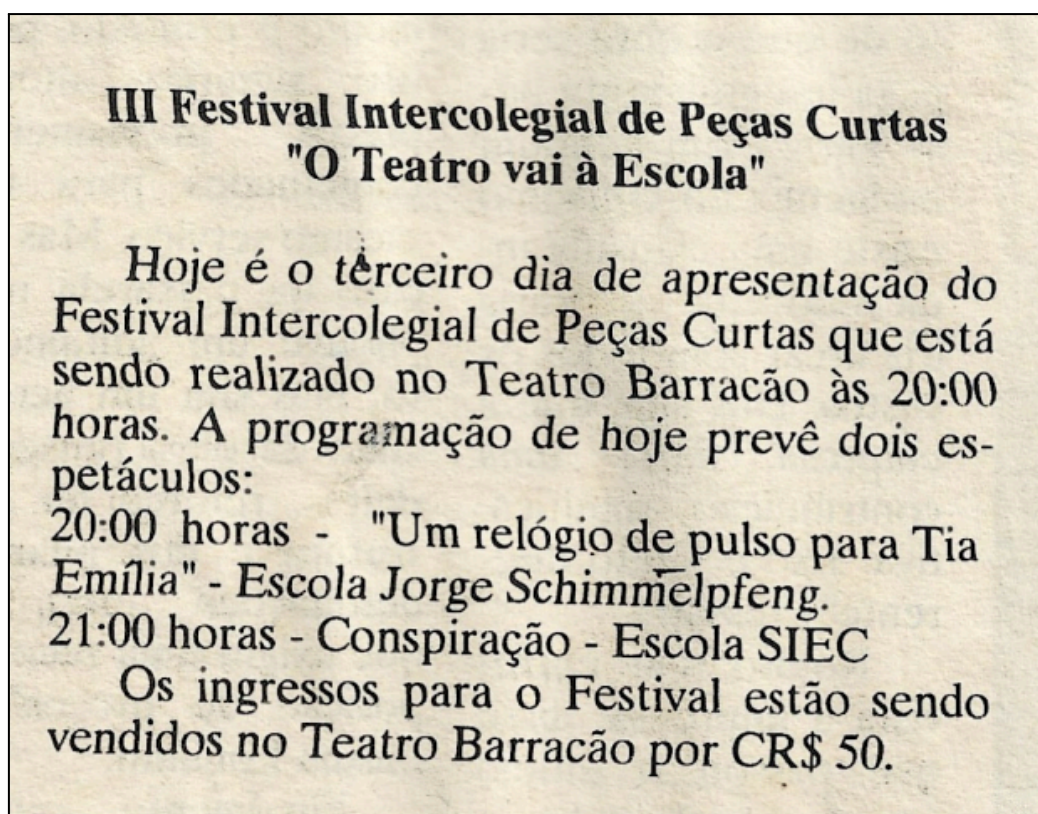


Fonte: Acervo pessoal Roberto Virgínio, 1995

Retomando ao papel da mídia na divulgação e popularização do teatro na cidade, em épocas do Festival, o conjunto dos veículos de imprensa constituiu o maior divulgador das peças, informado diariamente sobre a programação, tanto da categoria infantil quanto da adulta. Foram encontradas publicações de ao menos quatro jornais impressos na cidade durante toda a pesquisa: *Nosso Tempo*, *Tríplice Fronteira*, *Tribuna de Foz* e *A Gazeta do Iguaçu* (1991-2000).

Apesar de não serem diários, ou semanais ou com edições de segunda à sexta, e com base em suas datas de publicações, que nem sempre eram coincidentes, davam conta da cobertura do evento. O jornal *Nosso Tempo*, por exemplo, em sua edição de 10 de novembro de 1993, com recorte presente na Imagem 33, destaca dois espetáculos noturnos, de dois colégios, um estadual e um particular, acontecendo às 20h e às 21h.

Imagem 33 – Programação do Dia 10 de novembro de 1993



Fonte: Jornal Nosso Tempo - Edição de 10 nov. 1993

A publicação trazia também o valor do ingresso, à época de CR\$ 50,00, valor que atualizado corresponderia a aproximadamente R\$ 3,50³¹. Os preços de ingresso cobrados durante a década do Festival nunca foram, se corrigidos a

³¹ Para efetuar o cálculo, foram utilizadas as referências de datas contidas nos materiais, bem como a calculadora do cidadão, disponibilizada pelo Banco Central. O cálculo foi feito em 31 de janeiro de 2024. Acesso: <https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADA0/publico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores>

valores atuais, superiores a R\$ 10,00, além de milhares de gratuidades e oferta de transporte gratuito saindo de colégios, escolas e terminais de transporte público.

Essa logística permitiu o acesso de um contingente de público de diversas faixas de renda, inclusive dos segmentos mais pobres da sociedade, oportunizando o acesso ao teatro e constituindo como uma política cultural efetiva na difusão da cultura, quebrando o círculo de elitização das artes cênicas em salas de apresentações e oportunizando outras perspectivas profissionais e artísticas a jovens da cidade.

Na edição de 09 de novembro de 1995 do jornal *Tribuna de Foz*, a programação do dia no Festival com duas peças teatrais noturnas, uma do Colégio Estadual JK, de uma das regiões mais vulneráveis da cidade, a região do atual conjunto Bubas, e outra do Colégio Anglo Americano, de uma dos bairros de mais alta renda, a Vila A.

Esse contexto, reunia em uma única noite e em um único lugar, educadores, educadoras, estudantes e parentes, que assistiam as peças, de dois segmentos econômicos distintos da cidade, apontando mais uma vez o caráter territorial do Festival e seu papel de aproximação, em torno da cultura, de grupos sociais distintos.

Também, na publicação, pela primeira vez nos documentos da imprensa local e que compõem a presente pesquisa, é registrado o nome dos autores das peças *As Aventuras de Julim na Terra do Sol Poente* (Beto Virgínio e Mário Américo) e *O Auto da Compadecida* (Ariano Suassuna).

Imagem 34 – Programação do Dia 09 de novembro de 1995



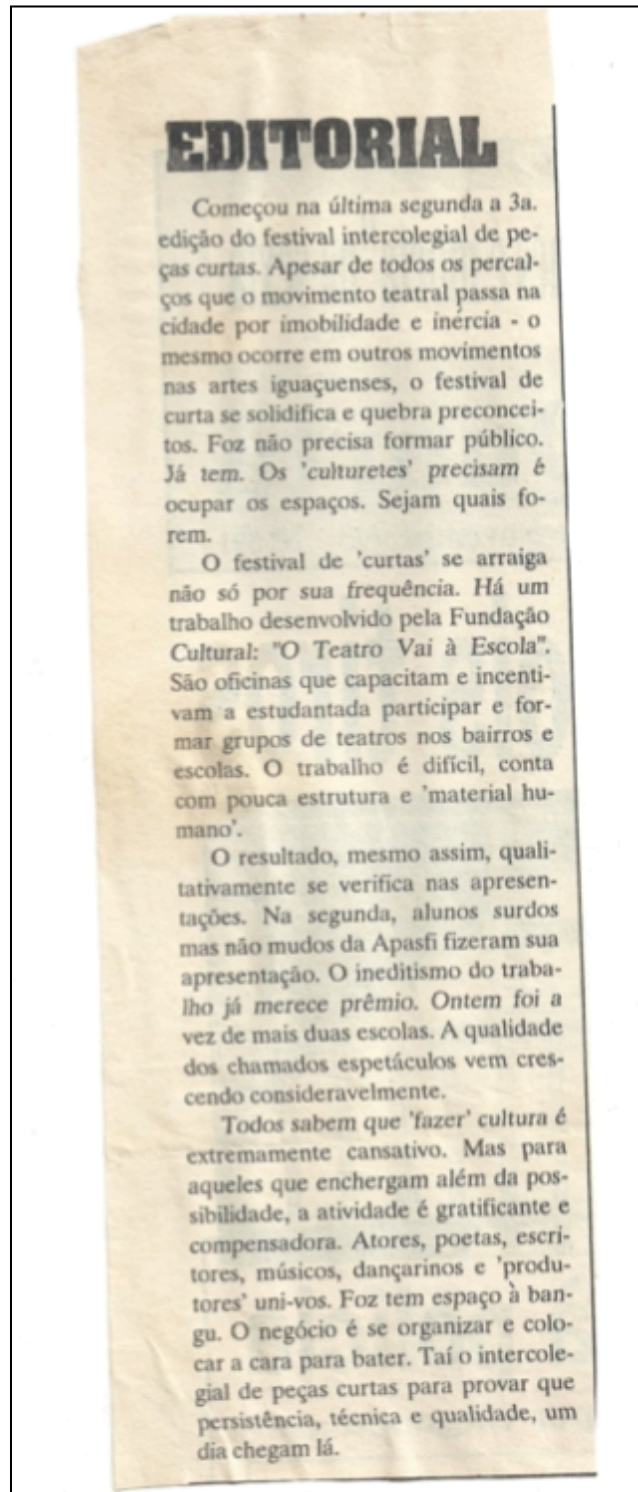
Fonte: Jornal Tribuna de Foz - Edição 09 nov. 1995

Também, os registros dos jornais impressos encontrados permitiram compreender o quanto um projeto cultural pode receber aprimoramentos, como se comunicar mais com a cidade e avançar em sua inserção social e territorial e é possível ter a percepção de nuances do Festival que podem ser contadas, como algumas ações em temas como a democratização do acesso ao teatro.

Por exemplo, em uma das edições, a de 1996, os jornais apontaram (Imagem 35) para uma Mostra de caráter mais itinerante, com apresentações acontecendo não somente no Teatro Barracão, que sediava o Festival, mas também em colégios da cidade, ampliando a possibilidade de acesso ao público escolar.

aqueles que enxergam a possibilidade, a atividade é gratificante.” (Jornal Nosso Tempo - Edição 10 nov. 1993 - (p. 2))

Imagem 36 – Editorial



Fonte: Jornal Nosso Tempo - Edição 10 nov. 1993 - (p. 2)

O editorial chama a atenção também pelo fator frequência, pois já estava, no ano da publicação, na terceira edição ininterrupta e havia ampliado não somente o número de pessoas e escolas participantes, mas também sua creditação por parte da mídia e da população, bem como o crescimento da qualidade dos trabalhos.

Além disso, elogiou o projeto *O Teatro Vai à Escola* e o trabalho ocorrido ao longo do ano, com oficinas aplicadas nos colégios e envolvendo estudantes. Talvez esteja nessas oficinas a melhor estratégia de formação de base popular que sustentou a continuidade do Festival durante seus dez anos de existência, pois não seria prudente por parte dos gestores públicos alterar essa política que vinha trazendo resultados e mobilizando a cidade.

Ainda, sobre o editorial da Imagem 36, mesmo sem ser um veículo especializado em cultura, o jornal aponta ainda as dificuldades enfrentadas pelos grupos, por conta da falta de *material e capital humano*, mas elogiava elementos como a qualidade técnica dos participantes e a persistência dos artistas.

Também, e ainda se tratando das nuances, o editorial faz apontamentos sobre a política cultural na cidade no momento em questão (1993), ao citar os *percalços* vividos pelo movimento teatral de Foz do Iguaçu pelo que chama de *imobilidade ou inércia* do Poder Público ou do próprio movimento, sendo este chamado a ocupar os espaços *seja ele qual for*. E, em ar de crítica direta a quem poderia alegar ausência de plateias para atacar a realização de um festival de teatro: *“Foz não precisa formar público. Já tem.”* (*Jornal Nosso Tempo* - Edição 10 nov. 1993 - (p. 2)).

Outra publicação, do mesmo ano, 1993 (Imagem 37), mostra aspectos de inclusão no Festival, com a participação de escolas de educação especial e inclusiva, tanto nas plateias como nos palcos. Um exemplo é a Associação de Pais e Amigos dos Surdos de Foz do Iguaçu (APASFI), entidade que existe ainda na atualidade e referência na educação de pessoas com deficiência auditiva e no ensino de libras.

Imagem 37 – Alunos e alunas da APASFI no Festival



Fonte: Jornal Nosso Tempo - Edição de 22 nov. 1993 (p.11)

A APASFI participou, segundo os documentos, de ao menos duas edições do Festival: na abertura da Mostra em 1997, com o *Coral de Surdos* e como participante e concorrente em 1993, onde recebeu uma Menção Honrosa. Ainda, em

edições do projeto, outras entidades foram convidadas a levar crianças e jovens da educação especial para assistirem peças infantis.

Podemos afirmar até aqui que o Festival Intercolegial de Peças Curtas produziu um inédito movimento ao cenário cultural de Foz do Iguaçu e da tríplice fronteira, se estabelecendo em menos de cinco anos como um dos maiores eventos artístico da cidade, influenciando os meios educacional e político, este por conta do interesse que dirigentes municipais tinham na Mostra, em especial nas cerimônias de abertura e encerramento.

Também é possível perceber, ao menos pelo viés oferecido pelos veículos de imprensa e suas publicações, qual era a rotina cultural de Foz do Iguaçu nesse período, sendo o Festival apenas uma parte do calendário de atividades, como mostra uma nota (Imagem 38) publicada em março de 1996, indicando as atividades públicas da cultura na cidade e a variedade de atividades que passaram a existir e/ou ganharem mais espaço na imprensa.

Imagem 38 – Programação Cultural da cidade

Mulher
ARTE & POESIA
PROGRAMAÇÃO

Calendário
A Fundação Cultural divulgou ontem o calendário de eventos para 96. As atividades começam com a Mostra Mulher Arte e Poesia (foto), marcada para 8 de março. Estão agendados ainda eventos tradicionais na cidade como o V Festival de Música Popular (Fempop), IV Feira do Estudante, 6º Concurso Prêmio Cataratas "Contos e Poesias", 6º Festival Intercolegial de Teatro "O teatro vai à escola", XX Feira de Artesanato e Alimentos (Fartal) e 9º Salão de Artes do Iguaçu. O prefeito Dobrandino da Silva deu posse ontem à diretora Cultural, Catarina Katia Preisner. **Página 9**

Fonte: Jornal Tribuna de Foz - Edição 01 mar. 1996 (p. 1)

Apesar de sua nomenclatura derivada de colegial, de estudantil, o Festival Intercolegial de Peças Curtas nunca foi amorfo politicamente e nem socialmente. Tanto em seus espetáculos adultos, com abordagens e temáticas polêmicas e críticas, em especial as peças de Mário Bortolotto, quanto em sua luta para sobrevivência ao longo de uma década, o projeto O Teatro Vai à Escola precisou enfrentar mudanças de governos, de nomes na hierarquia da gestão cultural e também dificuldades de financiamento e continuidade, como será discutido no próximo capítulo.

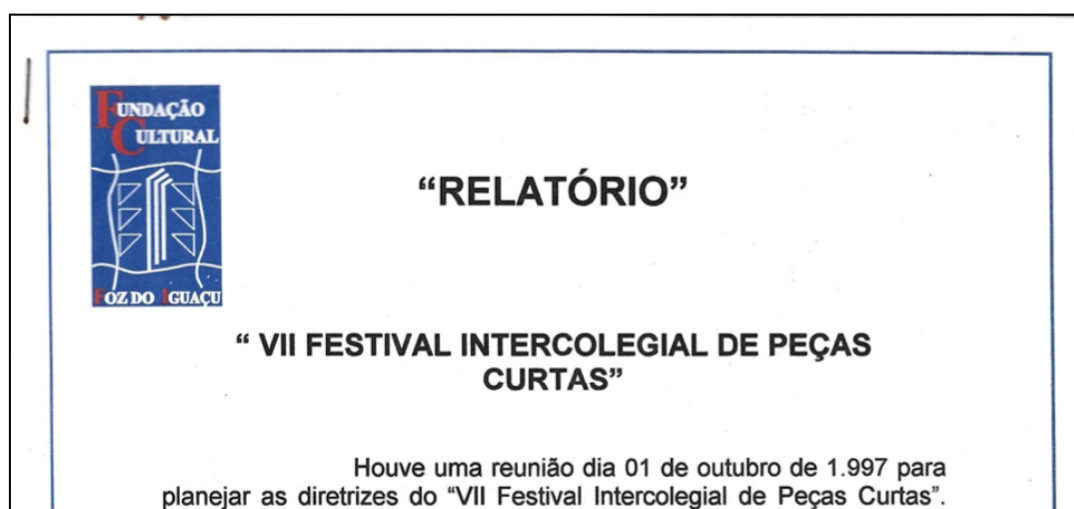
4. COMO SE TERMINA UM FESTIVAL

(A vida conjugal)

A livre adaptação de contos de Luis Fernando Veríssimo (1936), extraídos do livro *As Comédias da Vida Privada* (1994), foi a peça vencedora na categoria Melhor Espetáculo da considerada pelo próprio Beto como mais concorrida edição do Festival Intercolegial de Peças Curtas, a de 1997. Isso por conta da maturidade do Festival e da profissionalização dos elencos por parte dos colégios. A peça contava a história de um casal, *Mário* (Rafael Giorgetti 1982) e *Clarice* (Gabriela Santos 1983), e seus desencontros até a separação, além da presença no papel de *Narrador* de Elder Golin (hoje Elder Gatelly 1980), vencedor do prêmio de melhor ator e que, anos depois receberia o Troféu Gralha Azul, o maior do teatro paranaense.

As informações sobre essa edição podem ser encontradas de forma descritiva, qualitativa e quantitativamente, no *Relatório do VII Festival Intercolegial de Peças Curtas* (Imagem 40 e Anexo A), um robusto documento em formato de ata do evento, com dados sobre todas as autoridades participantes, jurados, escolas, colégios, peças e plateias por sessão teatral, classificando pagantes e não pagantes e apresentando resultados e percepções dos agentes culturais envolvidos.

Imagem 39 – Capa do Relatório 1997



Fonte: Acervo Roberto Virgínio, 1997

Na edição de 1997 participaram 22 colégios e escolas e contou com uma cerimônia de encerramento pomposa, repleta de autoridades e com um coquetel aos presentes, acontecida no Fórum das Américas, uma edificação de grande valor arquitetônico para a época, projetada pelo arquiteto paranaense Jaime Lerner no encontro dos rios Iguaçu e Paraná, logo abaixo do Marcos das Três Fronteiras, em Foz do Iguaçu.

O espaço hoje está completamente abandonado e sendo destruído pelo tempo, pela ausência de conservação e pelo vandalismo, havendo como alento um anúncio feito pela Prefeitura de Foz do Iguaçu no início de 2024 acerca da recuperação do prédio e seu posterior uso, inicialmente como atrativo turístico.

Na mesma edição, a peça de fechamento foi a ópera *Woyzeck*, de Georg Büchner (1814-1837), encenada pela companhia Associação Centro de Pesquisa Teatral (ACPT) e dirigida pelo diretor cascavelense Vanderlei dos Anjos, falecido em 2014.

O trabalho do ACPT é considerado pelas memórias do Festival como a mais significativa apresentação dos 10 anos de história do evento, tanto pela sua inovação estética envolvendo direção, iluminação e trilha sonora, quanto pela possibilidade de estudantes que participavam da Mostra poderem acompanhar todo o processo de montagem e funcionamento.

No relatório, que constitui um documento oficial da Fundação Cultural, também pode ser encontrada uma análise sobre o resultado do Festival para a cidade:

O VII Festival Intercolegial de Peças Curtas é um evento de grande importâncias para toda a comunidade iguaçuense, criando através das Artes Cênicas o gosto pelo teatro e pela cultura em geral. O público estimado que compareceu aos espetáculos foi de 4.000 pessoas (com 2.150 ingressos vendidos). Isto mostra o grande êxito desse projeto vinculado à Fundação Cultural. (Relatório. p. 4).

Já abordamos o quanto os festivais sempre desempenharam um papel relevante na cultura popular, entendendo aqui está não como uma cultura excludente do círculo da chamada cultura erudita, das classes dominantes, nem muito mesmo os conceitos antagônicos dos dedutivistas e indutivistas, onde os primeiros afirmar não haver nada popular quando se há questões de classe e, os

segundos, um corpo de características próprias. Entende-se aqui como cultura popular algo entre essas definições, o que O mesmo Teixeira Coelho (1944-2022), ex-professor da Universidade de São Paulo e ex-diretor do Museu de Arte de São Paulo, apresenta da seguinte forma:

Entendimentos intermediários buscam apresentar a cultura, popular como um conjunto heterogêneo de práticas que se dão no interior de um sistema cultural maior e que se revelam, como expressão dos dominados, sob diferentes formas evidenciadoras dos processos pelos quais a cultura dominante é vivida, interiorizada, reproduzida e eventualmente transformada ou simplesmente negada. (Coelho, 1997, p. 119)

O autor fala ainda no uso do plural, *culturas populares*, como modo mais adequado e menos homogeneizante de tratar as expressões artísticas e culturais dos grupos e das sociedades. Apesar deste trabalho não se propor a ser um estudo sobre políticas públicas, seria imprudente não mencionar que o Festival se constituiu como uma política cultural de abrangência e relevância territorial e social.

Para tal, vale lembrar que Teixeira Coelho foi um dos maiores difusores do conceito de produção cultural e política cultural. Para ele, a produção cultural é um processo que envolve três fases: produção, distribuição e troca. As políticas culturais, exercidas pelas secretarias municipais e estaduais, têm a função de atuar nessas três fases³². Em seu *Dicionário Crítico de Política Cultural* (2012), ele apresenta uma definição do que vem a ser a política cultural:

(...) a política cultural é entendida habitualmente como programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas. Sob este entendimento imediato, a política cultural apresenta-se assim como o conjunto de iniciativas, tomadas por esses agentes, visando promover a produção, a distribuição e o uso da cultura, a preservação e divulgação do patrimônio histórico e o ordenamento do aparelho burocrático por elas responsável. (Coelho, 2012, p. 293).

³² Percepção trazida a partir de uma entrevista do Professor Teixeira Coelho, em 2021, para a imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em <<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/tecnologia-transforma-os-direitos-e-a-politica-culturais-afirma-teixeira-coelho>>. Acesso em 12/12/2023.

No caso do Festival, Estado, representado pela Prefeitura, instituições civis, entidades privadas e grupos comunitários atuavam diretamente na promoção do evento, constituindo assim uma política cultural e uma ferramenta de difusão cultural ampla, territorializada³³ e popular.

Não existiria o projeto se não houvesse vontades política e coletiva, somadas a uma conjuntura favorável e à pessoas dispostas a atuar profissionalmente na produção ou do envolvimento das instituições de ensino, como aconteceu, formando elementos de oferta e demanda suficientes para a existência do projeto.

Ainda, mais à frente de seu trabalho, o próprio Teixeira Coelho também deixa pistas de o porquê as políticas culturais, como a do Festival Intercolegial de Peças Curtas, seguiam acontecendo mesmo em sucessivos governos.

Ele diz:

O conceito de política cultural apresenta-se com freqüência sob uma forma altamente ideologizada. Partindo-se do pressuposto segundo o qual os fenômenos culturais constituem um todo cujos componentes mantêm relações determinadas entre si e estão sujeitos, por princípio mas não inelutavelmente, à lógica geral da sociedade onde ocorrem, e considerando que a cultura é um forte cimento social, não é raro ver a política cultural definida como o conjunto de intervenções dos diversos agentes no campo cultural com o objetivo de obter um consenso de apoio para a manutenção de um certo tipo de ordem política e social ou para uma iniciativa de transformação social. Numa trilha paralela, entende-se a política cultural, juntamente com a política social, como um dos principais recursos de que se serve o Estado contemporâneo para garantir sua legitimação como entidade que cuida de todos e em nome de todos fala. (Coelho, 2012, p 294)

Extraí-se daí a percepção que havia uma ação concreta do poder público em produzir uma tentativa de trazer a manifestação cultural popular para dentro de certa institucionalidade. Não que o projeto não tivesse surgido de dentro desta, mas parecia tomar dimensões em que seria preciso um controle, senão ideológico, mas ao menos financeiro por parte dos governos.

³³ A definição de território para a Cultura: “Aquilo que, sob o ângulo da política cultural, define o território como tal, e o distingue por exemplo do espaço cultural, é um efeito de mundo gerado pela inserção física direta, não mediada por uma representação elaborada, do indivíduo ou grupo nessa área física específica” (COELHO, 2012. p. 353).

No caso do tema em questão, essa premissa pode ser bem visualizada na relação com o Poder Público que atuou como fomentador mas não tirou, ao longo de uma década, a autonomia dos grupos em apresentar textos escolhidos internamente ou mesmo, ao longo de sua história, o Festival nunca foi temático, ou seja, nunca obrigou as companhias e escolas participantes a se enquadrarem a temas impostos pela burocracia ou pelo mercado.

Dessa forma, pelo conjunto dos materiais obtidos e apresentados no decorrer deste trabalho, bem como pela narrativa trazida pelas memórias do Festival, há a descrição da existência de uma ação de Estado, a partir da Fundação Cultural e da Prefeitura de Foz do Iguaçu, de implementação de uma política cultural.

Com essa política, ficaram registros documentais nas mãos de muitos participantes, como troféus, menções honrosas e certificados. Sendo estes, oferecidos a todas as pessoas participantes, onde eram apontadas as funções desempenhadas.

Para estudantes, o documento era assinado também pelo professor ou pela professora responsável pelo grupo, que atuava como uma espécie de responsável artístico. Beto, que além de produtor era diretor de alguns espetáculos, também recebia a certificação. Como o documento das imagens 41, 42 e 42.

Imagem 40 – Certificado de participação 1992

Fundação Cultural Foz do Iguaçu

Certificado

Certificamos que ROBERTO VIRGINIO
 concluiu o curso II FESTIVAL INTERCOLEGIAL DE PEÇAS CURTAS "O TEATRO VAI À ESCOLA" COMO DIRETOR
 ministrado _____, realizado
 em FOZ DO IGUAÇU no período 16 - 20/11 com um total de _____ horas,
 registrado no livro 01 (hum) folhas 33 (trinta e três)

21 DE NOVEMBRO DE 1992.
 Foz do Iguaçu, _____

 Presidente Fundação Cultural

 Professor (a)

 Titular

Fonte: Acervo pessoal Roberto Virgínio, 1992

Imagem 41 – Certificado de participação 1993



Fonte: Acervo pessoal Roberto Virgínio, 1993


Imagem 42 – Certificado de participação 1996



Fonte: Acervo pessoal Roberto Virgínio, 1993

Esses certificados foram constituídos com provas de participação e compoendo os portfólios de jovens atores e atrizes, técnicos, professores, professoras e pessoal da produção. Além dos certificados, declarações de participação para dispensa de provas e até justificativas para faltas no trabalho também foram emitidas, como o caso da Imagem 42, onde uma participante, Débora Barros, também recebe a declaração de ter vencido o prêmio de Melhor Atriz.

Imagem 43 – Declaração de Participação





“DECLARAÇÃO”

Declaramos para os devidos fins que DÉBORA BARROS DE MORAIS, participou do projeto “O Teatro Vai à Escola” e “Festival Intercolegial de Peças Curtas”, no período de fevereiro 1.994 à dezembro de 1.997, como aluna, sendo premiada como melhor Atriz nas edições de 1.996 e 1.997 do Festival.

Por ser verdade, firmamos o presente.

Foz do Iguaçu, 18 de março de 1.998.

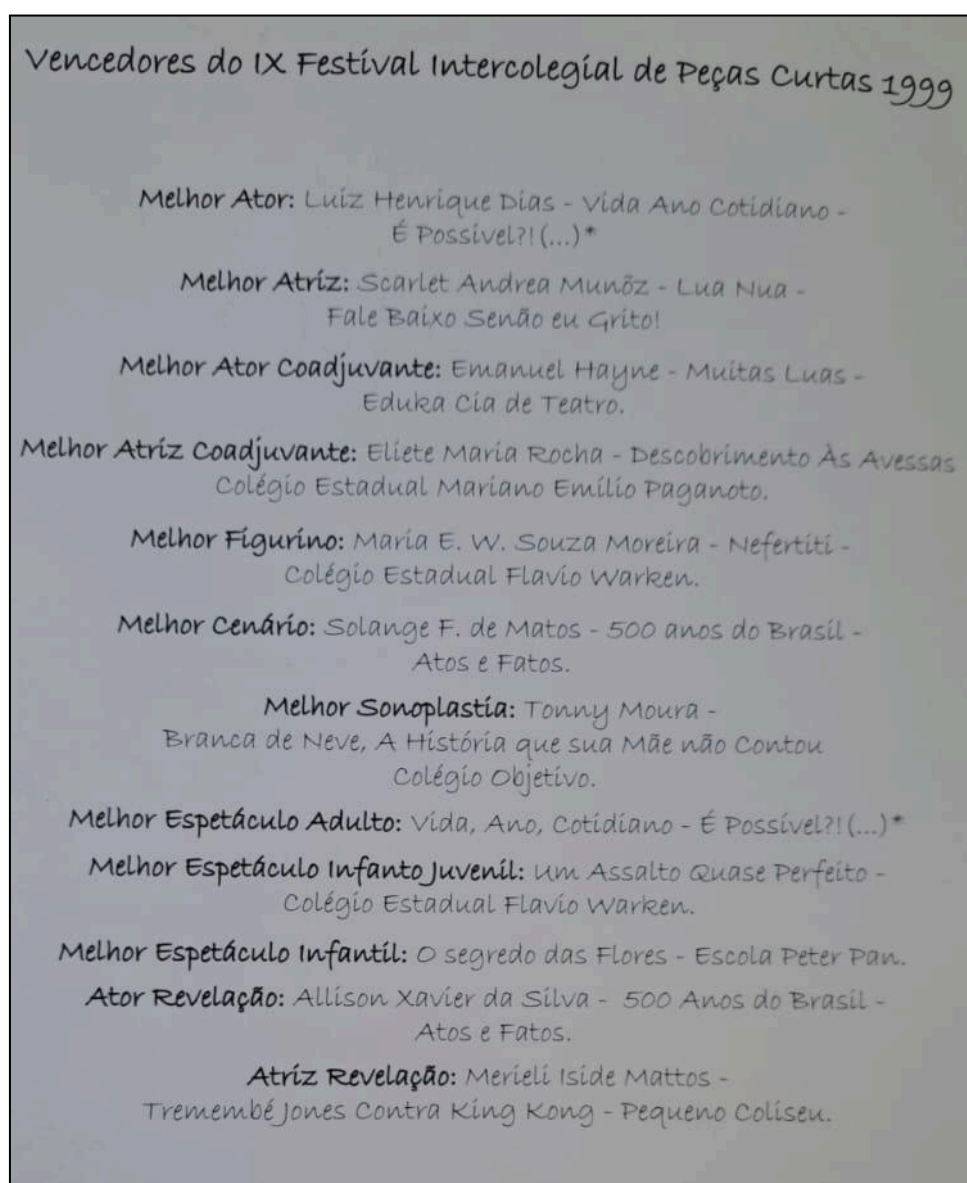

ROBERTO VIRGINIO
Diretor e Coordenador do Projeto


NELLY S. F. PRAXEDES DE OLIVEIRA
Diretora Cultural

Fonte: Acervo Rafael Giorgetti, 1998

No entanto, mesmo sendo constituído como uma política cultural efetiva e, em seguida, tendo ganhando adesão popular e dos ambientes educacionais, era de se esperar um momento em que o Festival encontraria obstáculos políticos. As edições de 1999 (Imagem 45) e 2000, consideradas pelo próprio Beto com as duas últimas, foram marcadas por desencontros com a Fundação Cultural e por uma diminuição gradual da participação do até então coordenador - e idealizador - das dez edições.

Imagem 44 – Premiações do Festival de 1999



Fonte: Acervo Emerson Fulgêncio, 1999

A cidade não tinha ainda construído seu Teatro Municipal e não apresentava um plano claro de desenvolvimento, situação agravada com a crise do frágil ciclo do comprismo na fronteira e o isolamento social com o passivo produzido após o fim da construção civil de Itaipu.

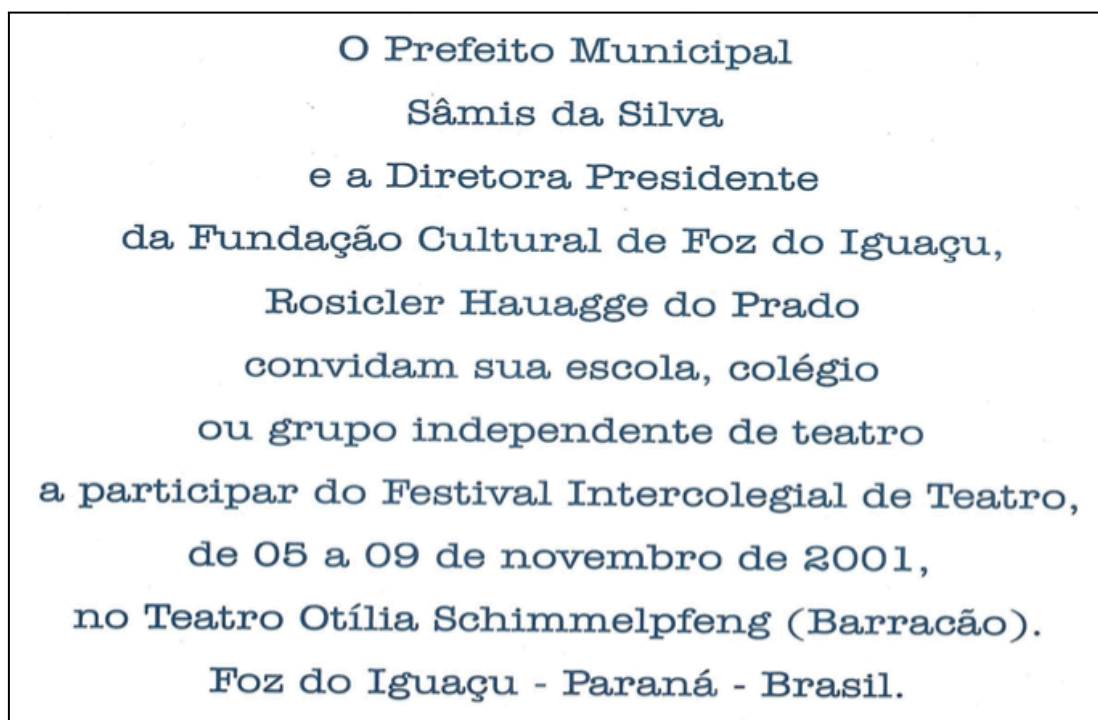
Nesse cenário, assume a prefeitura Sâmis da Silva (PMDB, atual MDB) e a Fundação Cultural passa a ser presidida pela professora Rosicler Hauagge do Prado, empresária da rede particular de educação, que assume as rédeas do Festival. Em 2001, a Mostra sofreu duas descaracterizações: uma simbólica e outra no campo do real. Neste, Beto sai da coordenação e, naquele, acontece uma mudança de nome, passando a se chamar Festival Intercolegial de Teatro (FIT).

Imagem 45 – Festival de Teatro 2001



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2001

Imagem 46 – Convite para o Festival Intercolegial de Teatro de 2001



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2001

Apesar de a proposta e até o regulamento do FIT serem os mesmos do Festival Intercolegial de Peças Curtas, a ausência do Beto e sua equipe, não por personalização apenas, mas também pelo método de trabalho, onde não foram priorizados os encontros preparatórios, bem como a redução da duração da Mostra causaria desmobilização da participação de escolas e colégios, que caiu à metade em relação à edição anterior, somado ao fato de muitos atores e atrizes formados nas coxias do Barracão terem deixado a cidade em busca de melhores condições de trabalho ou de formação profissional ou mesmo de locais com mais infraestrutura cultural.

Imagem 47 – Regulamento para o Festival Intercolegial de 2001

Regulamento

DOS OBJETIVOS:
Com o objetivo de valorizar as Artes Cênicas, bem como a cultura e a unidade entre os grupos teatrais, a Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, estabelece o presente regulamento para o Festival Intercolegial de Teatro - Edição 2001.

Artigo 1º - O FIT 2001 será realizado no Teatro Otilia Schimmelpfeng (Teatro Barracão), no período de 5 a 9 de novembro de 2001.

DAS CATEGORIAS:
Artigo 2º - O FIT 2001 será composto das seguintes categorias:
I - Infantil (apresentados por crianças de até 11 anos);
II - Infanto-juvenil (apresentados por adultos);
III - Adulto.

Parágrafo 1º - Todos os espetáculos concorrentes serão apresentados no Teatro Barracão, sendo que os espetáculos infanto-juvenis e infantis serão apresentados durante o dia e os espetáculos adultos serão apresentados no período noturno.

DAS INSCRIÇÕES:
Artigo 3º - Poderão se inscrever, além de colégios e escolas, grupos amadores independentes.
Artigo 4º - As inscrições deverão ser efetuadas de 03 de setembro a 8 de outubro de 2001.
Parágrafo 1º - No ato da inscrição, o interessado deverá encaminhar a ficha de inscrição, devidamente preenchida, à Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, sito à Rua Benjamin Constant, nº 62, Centro, CEP 85851-380, Fone (45) 523-6263, Foz do Iguaçu, Paraná.
Artigo 5º - Poderão participar do FIT 2001, os grupos que tenham feito suas inscrições atendendo requisitos constantes no Artigo 4º deste Regulamento.
Parágrafo 1º - Os espetáculos convidados e/ou de outras cidades, não terão caráter competitivo.
Parágrafo 2º - A confirmação, a ordem e o horário da apresentação serão definidos e confirmados até o dia 1.º de novembro de 2001, devendo ser rigorosamente observados.

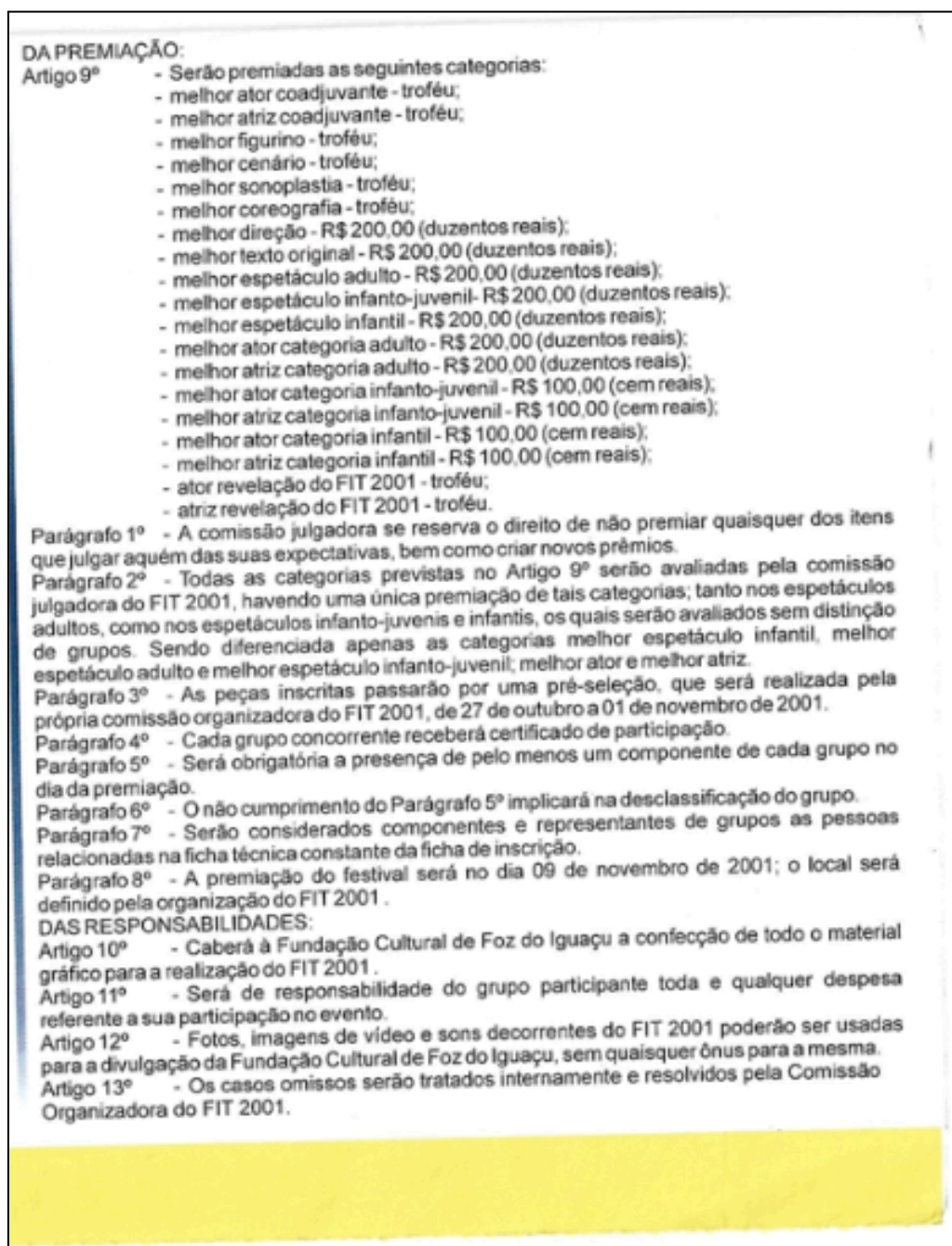
DA PARTICIPAÇÃO:
Artigo 6º - Cada grupo terá sob sua responsabilidade montar o cenário, figurino e iluminação, bem como o transporte dos mesmos.
Parágrafo 1º - As despesas com transporte, estadia e alimentação, bem como a locomoção no perímetro urbano, dos atores e técnicos, serão de inteira responsabilidade de cada grupo.
Artigo 7º - Estará à disposição dos grupos participantes do FIT 2001 o Teatro Barracão com 270 lugares, uma mesa de luz e uma mesa de som.

DA AVALIAÇÃO:
Artigo 8º - Será nomeada uma comissão julgadora de, no mínimo 03 (três) e no máximo 05 (cinco), pessoas atuantes no setor teatral e artístico brasileiro, mediante convites e currículos apresentados.
Parágrafo 1º - A avaliação dos espetáculos seguirá o critério individual dos membros da comissão julgadora do FIT 2001.

5 a 9 de novembro

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2001

Imagem 49 – Parte II do Regulamento para o Festival Intercolegial de 2001



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2001

A partir daí, e também como fim do projeto O Teatro Vai à Escola, descontinuado pelo Governo do Estado, a cena teatral de Foz do Iguaçu afundou em um período de baixa na produção, divulgação e difusão cultural, tendo sido pouco produzido e muito pouco circulado pela cidade. Os trabalhos perderam qualidade e a sistematização do processo de busca ativa de atores e atrizes, organização de

oficinas, produção de peças e mobilização praticamente pararam. Foram, neste trabalho, encontrados registros de tentativas apenas nos períodos posteriores até 2010.

Uma delas, a Mostra Latino-americana de Teatro (2010), apresentou algumas peças no antigo Cine Boulevard, onde atualmente funciona a instituição privada Faculdade Uniamérica. Outra iniciativa foi, em 2011, a vinda para a cidade do Núcleo de Dramaturgia do SESI-PR, com aulas acontecendo no atual prédio da Fundação Cultural, e o Dia da Dramaturgia, ocorrido durante a edição de 2011 do Salão Internacional do Livro de Foz do Iguaçu.

Outra iniciativa foi a criação da Cia Experiencial O Teatro do Excluído, mais tarde Cia Experiencial de Teatro (2011), que chegou a inaugurar uma pequena sala experimental, o Teatro da Lupah, no Centro de Foz do Iguaçu e, durante um ano e meio, manteve trabalhos autorais em cartaz com sessões semanais. Ao mesmo tempo, é implantada na cidade a Universidade Federal da Integração Latino-americana que tem oferecido à cidade projetos de extensão e grupos teatrais universitários.

Quanto à construção do Teatro Municipal, alguns movimentos têm feito o debate sobre o tema, como o Movimento em Prol da Construção do Teatro Municipal de Foz do Iguaçu (2009) e a iniciativa Cadê o Teatro, coordenado pelo professor Gabriel Rezende, da Unila, e que conseguiu algumas vitórias no final de 2023, como a inserção do Teatro na lista de prioridades da cidade, elaboradas pelo Conselho de Desenvolvimento (CODEFOZ) e entregue à Itaipu Binacional, empresa pública com capacidade política e financeira de executar obras nas cidades de sua área de atuação. Desde a primeira vez em que se falou dessa obra, com a chegada das madeiras que mais tarde seriam o Teatro Barracão, já se passaram 35 anos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foz do Iguaçu possui inúmeras oportunidades. E, com a cultura, e especialmente com a expressão teatral, não é diferente. No entanto, a cidade que já se aproxima dos 300 mil habitantes parece ainda não ter a compreensão de que é preciso uma política cultural concreta, duradoura, de Estado e, ao mesmo tempo, de libertação, onde o Poder Público atua como mecenas, a cultura popular e a universidade geram a oferta e a população garante a demanda, o consumo, tanto do que já é da cidade e do território - ancestral e fronteiriço - como o resultado das trocas, dos novos saberes e das pesquisas estéticas e culturais.

Tivemos, com o Festival Intercolegial de Peças Curtas, em toda sua cadeia de produção, uma oportunidade rara, forjada em uma conjunção de fatores, de encontrar condições para a implementação não somente de uma política cultural duradoura, mas de uma possibilidade de colocar a cidade no mapa da arte do país.

Poderíamos hoje ser uma referência no teatro brasileiro, ou ao menos constituir uma cidade das artes cênicas no Sul do país, mas optamos pelo caminho inverso: o do apagamento.

Não temos um teatro, apesar de termos inaugurado um teatro temporário, provisório, há mais de 3 décadas e nunca termos discutido seriamente uma nova sala, adequada tecnicamente.

O Teatro Barracão, que já deveria estar tombado como patrimônio, antes que tempo o tombe naturalmente pela falta de manutenção ou até pela especulação imobiliária do entorno da área, agoniza em frente a uma praça sem sombra e rodeada de alta densidade populacional que vive sem acesso adequado a nenhum equipamento público de cultura.

Indo além, temos carência de bibliotecas, museus, salas de projeção, estúdios e galerias públicas, escolas para formação de artistas circenses, de pessoal da dança, de profissionais técnicos, de gente da música e de atores e atrizes. Não temos um espaço para residências culturais ou salas multiuso para receber eventos nem de pequeno porte.

O único ar que ainda nos resta venta dos arredores da universidade, que forma, produz, encena, debate e gera demanda e oferta, além de permitir uma

discussão franca sobre o cenário atual da cultura, como esse trabalho propôs em fazer.

Ao longo dessa pesquisa foi possível se reconstituir uma parte significativa da história do teatro de Foz do Iguaçu e observar o quanto o Festival Intercolegial de Peças Curtas se constituiu em uma política cultural eficiente e eficaz, pensada a partir de uma política pública estadual e de um projeto de ampliação de salas teatrais pelo Paraná e, posteriormente, financiada pela Fundação Cultural local e levada à frente pelo trabalho coletivo de artistas e produtores, mobilizando escolas e colégios, bem como a população, em torno de um movimento de caráter acessível e popular de difusão da prática de fazer e assistir teatro.

Nos anos de sua existência, o Festival ofereceu à cidade e às pessoas que dele participaram outras perspectivas, formou artistas que hoje foram perdidos para outras cidades e até países, muitos não residentes na cidade justamente por falta de oportunidades ou mesmo de continuidade de projetos de grande amplitude cultural. Sem contar as inúmeras pessoas que desistiram do ofício artístico por conta também do fim do movimento.

Hoje, mais de duas décadas depois do fim do Festival, a cidade ainda procura um rumo cultural a ser oferecido novamente pelo Poder Público - afinal, é esse o seu papel - enquanto a população ainda tenta fazer o possível, organizando saraus, eventos, rodas de música e pequenos shows, onde a prefeitura, quando ajuda, o faz com alguma estrutura, além de escassas premiações e editais federais ou estaduais.

Restam projetos de contratação de arte educadores, de certa forma cerceando a pesquisa estética por oferecer aos artistas como única opção a troca de habilidades por atendimento a crianças, jovens ou adultos em aulas, sem ciclo formativo adequado ou sem uma política cultural clara ou mesmo um Plano de Cultura consolidado.

No caso do teatro como prédio ou como um conjunto de edifícios, a situação é ainda mais dramática e, a cada cinco ou dez anos, ressurgem algum movimento de luta pela construção do teatro, como o atual “Cadê o Teatro?”, que vem mobilizando a classe artística e tem obtido algumas vitórias, apesar que ainda tímidas, sobre o tema.

Portanto, esse trabalho se propôs a ser um estudo documental, sobre um movimento teatral específico, em uma cidade específica, mas não pôde se mostrar apático a uma realidade concreta posta a toda uma população de um território rico e potente, culturalmente diverso, que precisa se aglomerar sob sol escaldante para ver uma peça teatral porque não tem uma política cultural adequada e nem mesmo um teto para chamar de teatro.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Carlos Pinkusfeld; FERRAZ, Fernando. A Economia Brasileira na Primeira Metade dos anos 1990: Inflação, Mudança Estrutural e Estabilização. *In*: ARAÚJO, Victor Leonardo; MATTOS, Fernando Augusto Mansur. **A Economia Brasileira de Getúlio a Dilma - novas interpretações**. São Paulo: HUCITEC EDITORA, 2021. p. 387- 423.
- BERTHOLD, Margot. História Mundial do Teatro. Trad. Maria Paula V. Zurawski. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- Blog MiróCult. **Programação do Salão Internacional do Livro 2010**. Disponível em: <<http://mirocult.blogspot.com/2010/05/programacao-salao-do-livro-2010.html>>. Acesso em 04 de fev. 2022.
- BORTOLOTTI, Mário. Doze Peças De Mário Bortolotto Vol 4. São Paulo: Atrito, 2003.
- BURKE, Peter (organizador). A escrita da história: novas perspectivas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.
- BURKE, Peter. O que é História Cultural. Tradução Sérgio Goes de Paula. São Paulo: Editora Zahar, 2021.
- CASTILLO, José R. et al. Teatro Barracão de Foz do Iguaçu: reinvenção e sustentabilidade na Região de Fronteira. *In*: ASSUMPÇÃO, Solange B. et al. (org.). *Desenvolvimento sustentável da Região Trinacional do Iguaçu: Discursos, interfaces, disputas e conquistas*. Foz do Iguaçu: Editora Claec, 2022. p. 250-281.
- COSTA, Marta M. et al. O TEATRO EM CURITIBA NO PERÍODO DE 1961 A 1970-II. Revista Letras Curitiba. Curitiba: Editora UFPR, 1996. P. 115-144.
- GOHN, Maria da Gloria. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. São Paulo: Cortez, 2010.
- GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariângela Alves de (orgs.). Dicionário de teatro brasileiro: temas, formas e conceitos. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- GUINSBURG, J.; PATRIOTA, Rosângela. *Teatro brasileiro: idéias de uma história*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- HERZOG, Thiago. Concepções de História e Teatro Brasileiro em Panorama.do Teatro Brasileiro. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em <<http://objdig.ufrj.br/34/teses/837367.pdf>>

Herzog, Thiago. *O mineiro “acariocado” na escola paulista: Investigação das referências de história e teatro norteadoras da escrita de Panorama do teatro brasileiro*. XXVIII Seminário Nacional de História. Florianópolis. 2015. Disponível em <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1441914438_ARQUIVO_Omineiroaca.pdf>.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. 24 edição. São Paulo: Editora Zahar, 2009.

LE GOFF, Jacques. "Documento/monumento". *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 462-478.

MACIEL, Diógenes André Vieira. *Ensaio do Nacional-Popular no Teatro Brasileiro Moderno*. João Pessoa: Editora UFPB, 2004.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do teatro brasileiro*. 5a ed. São Paulo: Global Editora, 1997. [1962]

MARTINS, Lavínia Raquel Martins de; RUSCHMANN, Doris van de Meene. *Desenvolvimento Histórico Turístico Estudo de Caso: Foz do Iguaçu*. In: *Anais do VI Seminário em Pesquisa em Pesquisa em Turismo do Mercosul (Semintur)*. Caxias do Sul: Editora UCS, 2010.

MATE, Alexandre. *Grupos teatrais no Brasil contemporâneo*. Laboratório Portal Teatro Sem Cortinas. São Paulo: Unesp, 2000. Disponível em <<https://www.ia.unesp.br/Home/teatrosemcortinas/grupos-teatrais-no-brasil-contemporaneo.pdf>>

PAVIS, Patrice. *De onde vem e para onde vai a encenação*. In: *Revista Estudo Aplicados - Sinais de Cena* 2. Ed. 59. 2004.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Editora Perspectivas, 2008.

Portal CabezaNews. ***Teatro Barracão de Foz do Iguaçu completa 27 anos como templo da cultura. Veja fotos de apresentações!***. Disponível em: <<https://cabezaneews.com/teatro-barracao-de-foz-do-iguacu-completa-27-anos-como-temp-lo-da-cultura-veja-fotos-de-apresentacoes/>>. Acesso em 04 de fev. 2022.

Portal CabezaNews. ***Teatro Barracão de Foz do Iguaçu completa 29 anos neste domingo, 26***. Disponível em: <<https://cabezaneews.com/tag/otilia-schimmelpfeng/>>. Acesso em 04 de fev. 2022.

Portal ClickFoz. ***Beto Virgínio, uma vida inteira dedicada a arte e cultura***. Portal de notícias e entretenimento de Foz do Iguaçu, 14 fev. 2011. Disponível em: <<https://www.clickfozdoiguacu.com.br/beto-virginio-uma-vida-inteira-dedicada-a-arte-e-cultura-8154/>>. Acesso em 26 jan. 2022.

SANTOS, Aura Cunha. *Ator na cena contemporânea: corpo, imagem e ação*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010. P. 14

SANTOS, Myrian S.. *Museus Brasileiros e Políticas Culturais*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 19 no. 55 junho/2005. p. 54-72. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/65kMwMkhxJbhPM68p8Grrhc/?format=pdf&lang=pt>>

Site. ***Movimento pró construção do Teatro Municipal de Foz do Iguaçu.***

Disponível em <<http://movimentoproteatro.blogspot.com>>. Acesso em 26 jan. 2022.

SOUZA, Aparecido Darc de. Formação Econômica e Social de Foz do Iguaçu: um estudo sobre memórias constitutivas da cidade (1970-2008). 2009. Tese. Doutorado em História - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TEIXEIRA COELHO,. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário.** . São Paulo: 1997. Iluminuras/Fapesp. Acesso em: 14 fev. 2024.

VIEIRA, Thiago B. Nossa Vida Não Vale um Chevrolet: Um Estudo Acerca da Dramaturgia de Mário Bortolotto. Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/18697/1/VidaValeChevrolet.pdf>> Acesso em 21 jul. 2022

ANEXOS

ANEXO A – REGULAMENTO FESTIVAL 1998

**Fundação Cultural Foz do Iguaçu**

Rua Benjamim Constant, 62 - Fone: (045) 523-6263 - CEP 85851-380 - Foz do Iguaçu - PR

CGC: 75431437/0001-89

VIII FESTIVAL INTERCOLEGIAL DE PEÇAS CURTAS**REGULAMENTO****DOS OBJETIVOS:**

Com o objetivo de valorizar as Artes Cênicas, bem como a cultura e a unidade entre os grupos teatrais, a Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, estabelece o presente regulamento para o VIII Festival Intercolegial de Peças Curtas.

Artigo 1º - O VIII Festival Intercolegial de Peças Curtas de Foz do Iguaçu será realizado no Teatro Barracão (Teatro Otilia Schimmelpfeng), no período de 19 à 22 de novembro de 1.998.

DAS CATEGORIAS:

Parágrafo 1º - O VIII Festival Intercolegial de Peças Curtas de Foz do Iguaçu será composto das seguintes categorias:

- I – Infantil (apresentados por crianças de até 11 anos);
- II – Infante-juvenil (apresentados por adultos);
- III – Adulto.

Parágrafo 2º - Todos os espetáculos concorrentes serão apresentados no Teatro Barracão (Teatro Otilia Schimmelpfeng), sendo que os espetáculos infante-juvenis e infantis serão apresentados no período da tarde e os espetáculos adultos serão apresentados no período noturno.

DAS INSCRIÇÕES:

Artigo 2º - Poderão se inscrever, além de colégios e escolas, grupos amadores independentes.

Artigo 3º - As inscrições deverão ser efetuadas até o dia 06 de novembro de 1.998.



Fundação Cultural Foz do Iguaçu

Rua Benjamim Constant, 62 - Fone: (045) 523-6263 - CEP 85851-380 - Foz do Iguaçu - PR

CGC: 75431437/0001-89

Parágrafo 1º - Para a inscrição, o interessado deverá dirigir-se à sede da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, sito à rua Benjamim Constant, nº 62, Centro. CEP: 85.851-380. Fone (045) 523.6263.

Parágrafo 2º - No ato da Inscrição deverá ser preenchida, ou encaminhada, a ficha de inscrição, anexando uma cópia do texto, uma foto do grupo e um pequeno curriculum do mesmo.

Artigo 4º - Poderão participar do Festival, os grupos que tenham feito suas inscrições atendendo requisitos constantes no artigo 3º deste regulamento.

Parágrafo 1º - Os espetáculos convidados e/ou de outras cidades, não terão caráter competitivo.

Parágrafo 2º - A confirmação, a ordem e o horário da apresentação serão definidos e confirmados por telefone até o dia 17 de novembro de 1.998, devendo ser rigorosamente observados.

DA PARTICIPAÇÃO:

Artigo 5º - Cada grupo terá sob sua responsabilidade montar o cenário, figurino e iluminação, bem como o transporte dos mesmos.

Parágrafo 1º - A locomoção dos atores e técnicos no perímetro urbano da cidade, será de inteira responsabilidade de cada grupo.

Artigo 6º - Estará a disposição dos grupos participantes do VIII Festival Intercolegial de Peças Curtas de Foz do Iguaçu o Teatro Barracão com 270 lugares, uma mesa de luz e uma mesa de som.

DA AVALIAÇÃO:

Artigo 7º - Será nomeada uma comissão julgadora composta por 05 (cinco) pessoas atuantes no setor teatral e artístico brasileiro, mediante convites e currículos apresentados.

Parágrafo 1º - A avaliação dos espetáculos seguirá o critério individual dos membros da comissão julgadora do VIII Festival Intercolegial de Peças Curtas de Foz do Iguaçu.



Fundação Cultural Foz do Iguaçu

Rua Benjamim Constant, 62 - Fone: (045) 523-6263 - CEP 85851-380 - Foz do Iguaçu - PR

CGC: 75431437/0001-89

DA PREMIAÇÃO:

Artigo 8º - Serão premiadas as seguintes categorias:

- melhor ator;
- melhor atriz;
- melhor ator coadjuvante;
- melhor atriz coadjuvante;
- melhor figurino;
- melhor cenário;
- melhor sonoplastia;
- melhor espetáculo adulto;
- melhor espetáculo infanto-juvenil;
- melhor espetáculo infantil;
- ator revelação do VIII Festival Intercolegial de Peças Curtas de Foz do Iguaçu;
- atriz revelação do VIII Festival Intercolegial de Peças Curtas de Foz do Iguaçu.

Parágrafo 1º - a comissão julgadora se reserva o direito de não premiar quaisquer dos itens que julgar aquém das suas expectativas, bem como criar novos prêmios.

Parágrafo 2º - Todas as categorias previstas no artigo 8º receberão como prêmio um troféu.

Parágrafo 3º - Todas as categorias previstas no artigo 8º serão avaliadas pela comissão julgadora da seguinte forma:

- Haverá uma única premiação de tais categorias; tanto nos espetáculos adultos, como nos espetáculos infanto-juvenis e infantis, os quais serão avaliados sem distinção de grupos. Será diferenciada apenas as categorias melhor espetáculo infantil, melhor espetáculo adulto e melhor espetáculo infanto-juvenil.

Parágrafo 4º - Apenas receberão prêmio em dinheiro e no valor de R\$200,00 (duzentos reais) as seguintes categorias:

- melhor ator;
- melhor atriz;
- melhor espetáculo adulto;
- melhor espetáculo infanto-juvenil.



Fundação Cultural Foz do Iguaçu

Rua Benjamim Constant, 62 - Fone: (045) 523-6263 - CEP 85851-380 - Foz do Iguaçu - PR

CGC: 75431437/0001-89

- melhor espetáculo infantil.

Parágrafo 5º - Cada grupo concorrente receberá certificado de participação aos seus componentes.

Parágrafo 6º - Será obrigatória a presença de pelo menos um componente de cada grupo no dia da premiação.

Parágrafo 7º - O não cumprimento do parágrafo 6.º implicará na desclassificação do grupo.

Parágrafo 8º - Serão considerados componentes e representantes de grupos as pessoas relacionadas na ficha técnica constante da ficha de inscrição.

Parágrafo 9º - A premiação do VIII Festival Intercolegial de Peças Curtas de Foz do Iguaçu será no dia 22 de novembro de 1.998; o local será definido pela Organização do Festival previamente estabelecido.

DAS RESPONSABILIDADES:

Art. 9º - Caberá à Fundação Cultural de Foz do Iguaçu a confecção de todo material gráfico para a realização do Festival.

Art. 10º - Será de responsabilidade do grupo participante toda e qualquer despesa referente a sua participação no evento.

Art. 11º - Os casos omissos neste regulamento serão tratados internamente e resolvidos pela comissão Organizadora do VIII Festival Intercolegial de Peças Curtas de Foz do Iguaçu.

VIII FESTIVAL INTERCOLEGIAL DE PEÇAS CURTAS

Ficha de Inscrição N.º _____

1. Nome do Grupo: _____
2. Nome do Espetáculo: _____
3. Nome do Autor: _____
4. Nome do Diretor: _____
5. Adaptação: _____
6. Duração do Espetáculo: _____
7. Gênero (comédia, drama, Tragi-comédia, etc.) _____
8. Categoria (adulto, infantil e infanto-juvenil) _____
9. Total de Elementos do Grupo (incluindo equipe técnica, atores, direção) _____
10. Elenco:

Nome:	Personagem
1.	
2.	
3.	
4.	
5.	
6.	
7.	
8.	
9.	
10.	

11. Equipe Técnica:

Cenógrafo: _____

Figurista: _____

Sonoplasta: _____

Iluminador: _____

Operador de Som: _____
Operador de Luz: _____
Maquiador: _____
Coreógrafo: _____
Outras Funções: _____

12. Descrição do Cenário:

13. Sinopse da Peça:

14. Responsável pelo Grupo:

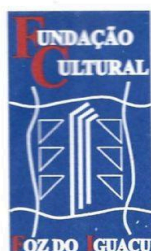
Endereço: _____
Bairro: _____
Cidade: _____ CEP _____
CIC: _____ RG _____
Telefone p/ Contato: _____

A inscrição no VIII Festival Intercolegial de Peças Curtas implicará na aceitação dos termos do regulamento do qual faz parte a presente ficha de inscrição.

Local e data: _____

Assinatura _____

ANEXO B – RELATÓRIO FESTIVAL 1998

**“RELATÓRIO”****“ VII FESTIVAL INTERCOLEGIAL DE PEÇAS CURTAS”**

Houve uma reunião dia 01 de outubro de 1.997 para planejar as diretrizes do “VII Festival Intercolegial de Peças Curtas”. Estavam presentes a Sra. Nelly S. F. P. de Oliveira - Diretora Cultural, o Sr. Jair Santos - Diretor Administrativo Financeiro e Roberto Virgínio - Coordenador do Projeto “O Teatro vai à escola”. Nesta reunião foram traçadas as metas para o desenrolar do festival proposto. As decisões tomadas foram repassadas para Kelly Viana - Agente Teatral, para que a mesma tomasse as providências necessárias.

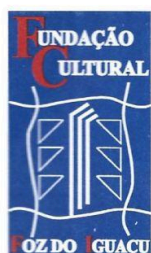
A Agente Teatral elaborou o regulamento (segue em anexo) e encaminhou às diretoras das escolas juntamente com as fichas de inscrição. Decidiu-se que o “VII Festival Intercolegial de Peças Curtas” aconteceria no Teatro Otília Schimmelpfeng, do dia 03 a 08 de novembro de 1.997, em horário integral, com várias peças infanto-juvenis e adultas apresentadas no período diurno e noturno.

Foi elaborada uma equipe de apoio para trabalhar durante o evento (segue em anexo).

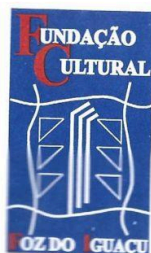
O Convite para o Festival foi mandado para todas as autoridades municipais e imprensa. Elaborou-se um segundo Convite para o encerramento e entrega dos prêmios do festival; o qual realizou-se no Fórum das Américas, no dia 09 de novembro a partir das 18:00 horas (os convites seguem em anexo).

A cerimônia de abertura do “VII Festival Intercolegial de Peças Curtas” no dia 03 de novembro de 1.997, às 20:30 horas, no Teatro Otília Schimmelpfeng, contou com a presença das seguintes autoridades: Sr. Sérgio Beltrame (vereador), Sr. Marco Aurélio de Matos Alexandre (Diretor Presidente da Fundação Cultural), Sr. Jair Santos (Diretor Administrativo Financeiro), Sra. Nelly S. F. P. de Oliveira (Diretora Cultural) e o coordenador do projeto Roberto Virgínio. O cerimonial foi apresentado por Adilson Nobre.

Este ano o Festival contou com a participação de várias escolas, (a programação do festival segue em anexo), batendo o récorde dos demais festivais; desde peças infanto-juvenis até as adultas. São elas:



- Colégio Educação Dinâmica com a peça:
Incidente em Antares
- Colégio Estadual Ulisses Guimarães e
- Colégio Anglo Americano com a peça:
A Vida Conjugal
- Colégio Estadual Ayrton Senna da Silva com a peça:
Insanos
- Escola Peter Pan com a peça:
Branca de Neve e os sete anões
- Escola Estadual Ulisses Guimarães,
- Colégio Educação Dinâmica e
- Escola Estadual Monsenhor Guilherme com a peça:
Abadae
- Colégio Anglo Americano com a peça:
Pomário Angelical
- Escola Estadual Ulisses Guimarães,
- Escola Castelo Branco e
- Escola Jorge Schimmelpfeng com a peça:
Vida é Arte
- Escola Peter Pan com a peça:
A Formiga e a Neve
- Colégio Anglo Americano com a peça:
A Razão da Arte
- Colégio Estadual Barão do Rio Branco,
- Colégio Estadual Ulisses Guimarães e
- Colégio Anglo Americano com a peça:
O Curso do Amor
- Colégio Estadual Três Fronteiras e
- Colégio Estadual Monsenhor Guilherme com a peça:
Andar... Sem parar de transformar
- Grupo Teatral Pintando o Sete (várias escolas) com a peça:
Tribobó City
- Colégio Estadual Barão do Rio Branco e
- Escola Estadual Bartolomeu Mitre
Eu chovo, tu choves, ele chove



Neste ano contamos com o trabalho de cerca de 130 atores amadores, incluindo as duas categorias; e 13 atores profissionais que vieram de Cascavel e Ponta Grossa como convidados do festival.

O corpo de jurados foi composto pelos seguintes convidados:

- Vilmar Mazzetto,
- Maria Cristina Particheli,
- Deryá Savas,
- Maró Carvalho e
- Angelino de Borba.

Para abrir o "VII Festival Intercolegial de Peças Curtas" no dia 03 de novembro de 1.997 às 21:00 horas, foi convidado o Grupo de Teatro do Colégio Kennedy de Curitiba, com a peça "Se abaixa que lá vem bala". Uma comédia muito divertida, que contou com a participação de vários alunos adolescentes deste colégio (atores amadores).

No dia 06 de novembro de 1.997 às 15:00 horas foi apresentada a peça (infanto-juvenil), "Pequenino Grão de Areia" do Grupo de Ponta Grossa, também convidado; e para encerrar o "VII Festival Intercolegial de Peças Curtas" contamos com a brilhante participação do Grupo profissional de Cascavel, com a peça "Woyzeck".

A entrega dos prêmios e troféus aconteceu no Fórum das Américas, dia 09 de novembro de 1.997 à partir das 18:00 horas. A solenidade contou com a presença das seguintes autoridades:

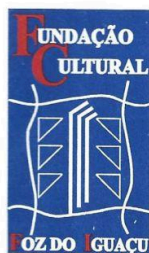
- Jorge Tasaki - Secretário da Administração,
- Ramiro Leite - Secretário do Meio Ambiente,
- João Paulo Hisatugo - Secretário Geral do Controle

Interno,

- Juracy Helena H. Largo - Representante da Associação de Mulheres de Negócios,
- Marco Aurélio de Matos Alexandre - Diretor Presidente da Fundação Cultural,
- Jair Santos - Diretor Administrativo Financeiro,
- Nelly S. F. P. de Oliveira - Diretora Cultural.

Os vencedores do VII Festival Intercolegial de Peças Curtas foram:

- Elder Joseph Golin, com a peça "A Vida Conjugal" - Prêmio melhor Ator;
- Débora Barros, com a peça "O Curso do Amor" - Prêmio melhor Atriz;
- Otávio A. F. dos Santos, com a peça "Abadae" - Prêmio melhor Ator Coadjuvante;



- Daniela S. Rafagnin, com a peça “Incidente em Antares” - Prêmio melhor Atriz Coadjuvante;
- Fábio Deo Garcia, com a peça “Incidente em Antares” - Prêmio melhor Ator Revelação;
- Marcia Regina Pincerati, com a peça “Pomário Angelical” - Prêmio melhor Atriz Revelação;
- A peça “Insanos” - Prêmio melhor Cenário;
- A peça “Tribobó City” - Prêmio melhor Figurino;
- A peça “Abadae” - Prêmio melhor Sonoplastia;
- A peça “A Formiguinha e a Neve” - Prêmio melhor

Espectáculo Infânto- Juvenil;

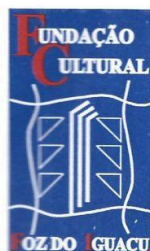
- A peça “A Vida Conjugal” - Prêmio melhor Espectáculo Adulto;

Menções Honrosas e premiações reformuladas pelos jurados, conforme autoriza o artigo 10, parágrafo 1º, do regulamento do Festival Intercolegial de Peças Curtas:

- Kaled, com a peça “Tribobó City” - Prêmio melhor Ator Infantil;
- Bruna Silva, com a peça “Branca de Neve” - Prêmio melhor Atriz Infantil;
- Anderson de Souza Marques, com a peça “Vida é Arte” - Prêmio melhor Ator Coadjuvante Infantil;
- Thais P. Serão, com a peça “A Formiguinha e a Neve” - Menção Honrosa pela atuação no personagem “Formiguinha”;
- A peça “A Formiguinha e a Neve” - Menção Honrosa pela plástica do espetáculo;
- A peça “Incidente em Antares” - Menção Honrosa pela maquiagem da peça;
- As quatro atrizes da peça “Pomário Angelical” - Menção Honrosa pela atuação em conjunto;
- Luiz Henrique Dias da Silva, com a peça “A Vida Conjugal” - Menção Honrosa pela adaptação da peça;

Após a solenidade de entrega dos prêmios e troféu, foi servido um coquetel aos convidados presentes.

O “VII Festival Intercolegial de Peças Curtas” é um evento de grande importância para toda a comunidade iguaçuense, criando através das Artes Cênicas o gosto pelo teatro e cultura em geral. O público estimado que compareceu aos espetáculos foi de 4.000 pessoas (com 2.150 ingressos vendidos). Isto mostra o grande êxito deste projeto vinculado à Fundação Cultural.



03 DE NOVEMBRO DE 1.997.

21:00 HORAS - PEÇA: SE ABAIXA, QUE LÁ VEM BALA.

NOME DA ESCOLA	ALUNOS PAGANT.	ALUNOS Ñ PAG.	TOTAL INGRES.
Bilheteria			43
Escola Estadual Bartolomeu Mitre	25		25
Escola Estadual Três Fronteiras	123		123
Colégio Ulisses Guimarães	4		4
TOTAL	152	0	195

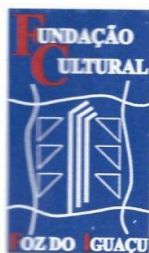
04 DE NOVEMBRO DE 1.997.

10:00 HORAS - PEÇA: EU CHOVO, TU CHOVES, ELE CHOVE.

NOME DA ESCOLA	ALUNOS PAGANT.	ALUNOS Ñ PAG.	TOTAL INGRES.
Bilheteria			06
Escola Estadual Três Fronteiras	42		42
Escola Municipal Osvaldo Cruz		157	
TOTAL	42	157	48

15:00 HORAS - PEÇA: BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES.

NOME DA ESCOLA	ALUNOS PAGANT.	ALUNOS Ñ PAG.	TOTAL INGRES.
Bilheteria			12
Escola Castelo Encantado	50		50
Escola Peter Pan	47	17	47
Escola Aquarela	44		44
Escola Estadual Três Fronteiras	31		31
TOTAL	172	17	184



21:00 HORAS - PEÇA: O CURSO DO AMOR.

NOME DA ESCOLA	ALUNOS PAGANT.	ALUNOS Ñ PAG.	TOTAL INGRES.
Bilheteria			95
Escola Estadual Bartolomeu Mitre	21		21
Colégio Costa e Silva	25		25
Escola Estadual Três Fronteiras	30		30
TOTAL	76	0	171

05 DE NOVEMBRO DE 1.997.

10:00 HORAS - PEÇA: VIDA É ARTE.

NOME DA ESCOLA	ALUNOS PAGANT.	ALUNOS Ñ PAG.	TOTAL INGRES.
Bilheteria			1
Colégio Objetivo	18		18
Casa Apoio		10	
TOTAL	18	10	19

15:00 HORAS - PEÇA: VIDA É ARTE.

NOME DA ESCOLA	ALUNOS PAGANT.	ALUNOS Ñ PAG.	TOTAL INGRES.
Bilheteria			6
Colégio Pitágoras	80		80
Colégio Castelo Branco	48		48
TOTAL	128	0	134



20:00 HORAS - PEÇA: POMÁRIO ANGELICAL.

21:30 HORAS - PEÇA: INCIDENTE EM ANTARES.

NOME DA ESCOLA	ALUNOS PAGANT.	ALUNOS Ñ PAG.	TOTAL INGRES.
Bilheteria			76
Escola Estadual Bartolomeu Mitre	80		80
Colégio Anglo Americano	30		30
Colégio Dinâmica	75		75
Colégio Castelo Branco	25		25
TOTAL	210	0	286

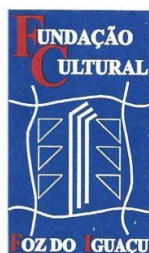
06 DE NOVEMBRO DE 1.997.

10:00 HORAS - PEÇA: VIDA É ARTE.

NOME DA ESCOLA	ALUNOS PAGANT.	ALUNOS Ñ PAG.	TOTAL INGRES.
Bilheteria			17
Escola Peter Pan	21		21
Escola Osvaldo Cruz	0	130	0
Escola J.K.	22		22
Escola Estadual Três Fronteiras	48		48
TOTAL	91	130	108

15:00 HORAS - PEÇA: PEQUENINO GRÃO DE AREIA.

NOME DA ESCOLA	ALUNOS PAGANT.	ALUNOS Ñ PAG.	TOTAL INGRES.
Bilheteria			86
Escola Josinete Holler	56		56
Escola Castelo Branco	42		42
Escola Estadual Três Fronteiras	24		24
Escola Dominó	28		28
TOTAL	150	0	236



21:00 HORAS - PEÇA: A VIDA CONJUGAL.

NOME DA ESCOLA	ALUNOS PAGANT.	ALUNOS Ñ PAG.	TOTAL INGRES.
Bilheteria			52
Escola Estadual Bartolomeu Mitre	52		52
Escola Estadual Três Fronteiras	50		50
Colégio J.K.	27		27
Colégio Castelo Branco	26		26
TOTAL	155	0	207

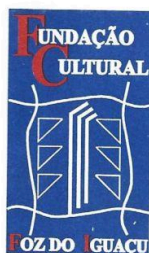
07 DE NOVEMBRO DE 1.997.

10:00 HORAS - PEÇA: RAZÃO DA ARTE.

NOME DA ESCOLA	ALUNOS PAGANT.	ALUNOS Ñ PAG.	TOTAL INGRES.
Bilheteria			32
Colégio Anglo Americano	22		22
Colégio Arnaldo Buzato	79		79
TOTAL	101	0	133

15:00 HORAS - PEÇA: TRIBOBÓ CITY.

NOME DA ESCOLA	ALUNOS PAGANT.	ALUNOS Ñ PAG.	TOTAL INGRES.
Bilheteria			7
Escola Castelo Branco	48		48
Colégio Carrossel	58		58
Colégio Objetivo	96		96
Casa Apoio		10	
TOTAL	202	10	209



21:00 HORAS - PEÇA: INSANOS.

21:45 HORAS - PEÇA: ABADAE.

NOME DA ESCOLA	ALUNOS PAGANT.	ALUNOS Ñ PAG.	TOTAL INGRES.
Bilheteria			68
Colégio Airton Senna	30		30
Colégio Caesp	25		25
Colégio Jorge Schimmelpfeng	23		23
Escola Estadual Três Fronteiras	10		10
TOTAL	88	0	156

08 DE NOVEMBRO DE 1.997.

15:00 HORAS - PEÇA: ANDAR... SEM PARAR DE TRANSFORMAR.

NOME DA ESCOLA	ALUNOS PAGANT.	ALUNOS Ñ PAG.	TOTAL INGRES.
Bilheteria			11
Secretaria da Criança		62	
Escola Estadual Três Fronteiras	07		07
TOTAL	7	62	18

21:00 HORAS - PEÇA: WOYZECK.

NOME DA ESCOLA	ALUNOS PAGANT.	ALUNOS Ñ PAG.	TOTAL INGRES.
Bilheteria			28
TOTAL	0	0	28

ALUNOS PAGANTES	1592	
ALUNOS NÃO PAGANTES	386	
BILHETERIA	540	
TOTAL DE ALUNOS		1978
TOTAL DE INGRESSOS VENDIDOS		2132